

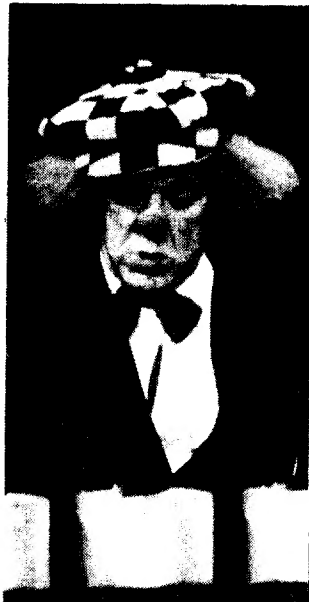
Alerta em Lisboa: grassa epidemia de hepatite infecciosa

A Direcção-Geral de Saúde, num comunicado ontem divulgado, alerta a população para a imperiosa necessidade de combater por si própria a epidemia de hepatite infecciosa que grassa actualmente na região lisboeta.

Para tanto aquela Direcção-Geral aconselha o público a evitar «o consumo de gelo, gelados, refrescos e outras bebidas similares que não ofereçam total garantia sanitária, bem como o leite não fervido, salvo o pasteurizado». São desaconselhados igualmente os legumes e as frutas, crus ou cozinhados, sem lavagem prévia com água potável ou desinfectada. Os moluscos bivalves (ostras, ameijoas, mexilhões), bem como os caracóis, devem, antes de consumidos ser bem fervidos durante um mínimo de cinco minutos.

Os agricultores merecem também destaque no comunicado, pois aconselha-se os mesmos a não utilizarem as águas sujas das fossas ou de redes de esgoto para regar as hortas.

A hepatite infecciosa ou hepatite viral tipo «A», é uma doença cujos sintomas mais frequentes são a febre, falta de apetite, náuseas, dores abdominais, urinas escuras e icterícia. Nestes casos recomenda-se uma análise rápida — diz ainda a Direcção-Geral de Saúde.



Popov em Lisboa

(Pág. 14)

20 PAGINAS

MOVIMENTO CONTRA REGRESSO DO PATRÃO GUÉRIN QUASE PARADA

Anteontem, terça-feira, pelas 18 horas, o sr. José Machado, da antiga administração da Sociedade Comercial Guérin, compareceu na empresa de que foi patrão e que «recuperou» por recente disposição governamental. Os trabalhadores, em plenário realizado no Técnico no dia 10 do corrente, tinham decidido paralisar todas as actividades, se José Machado, de que modo fosse, reentrasse nas instalações. Logo que ele, efectivamente, entrou, acompanhado de alguns indivíduos que já no «antigamente» eram considerados seus «lacaio» e agora serão seus «guarda-costas», a paralisação deu-se. Nas oficinas de Lisboa, à excepção de uma delas, a percentagem de adesão à greve é de cem por cento.

José Machado teve uma longa conversa com os elementos da C.T. da empresa e os delegados sindicais, na presença de muitos outros trabalhadores. Teve afirmações como estas: «você deve trabalhar mais e melhor e não pensar em plênários e em política»; «não deverão exigir, mas sim pedir»; «há que evitar o aval do Estado para não ser ele a controlar, pois eu quero agir

à vontade»; «quero que os socialistas vão para o raio que os parta»; «a luta deverá ser primeiro contra o Governo e só depois contra mim».

José Machado, referindo-se ao que lhe teria sido dito no Ministério da Indústria e Tecnologia, afirmou que lá, no Ministério, lhe falaram desta maneira: «Se tiver problemas com esses gajos feche a porta». A C.T. contactou o M.I.T. O

chefe do gabinete do ministro, depois de dizer que há sempre maneiras de deturpar certas afirmações, admitiu que possivelmente teria sido dito a José Machado que «fizesse como entendesse pois a empresa é dele».

Recordamos que a «administração» de José Machado foi objecto de um relatório da Inspeção de Finanças, na qual é acusada de fraudes, desvio de fundos e outras irregularidades passíveis de procedimento criminal.

Os trabalhadores da Sociedade Comercial Guérin mantêm-se em plenário permanente. Segundo os últimos elementos colhidos a adesão global à paralisação, forma de luta contra o regresso de um patrão no qual a maioria dos trabalhadores não confia, ronda os 80 por cento. Nas instalações de

Évora, a exemplo do que se passa na quase totalidade das oficinas de Lisboa, a paralisação atinge os cem por cento. No momento em que escrevemos, só em Coimbra e em Faro a laboração continuava.

Entretanto, José Machado tem andado de oficina para oficina, de escritório para escritório, tentando, segundo a C.T., «desmobilizar, dividir e confundir os trabalhadores». Nas oficinas de Carnaxide teria afirmado: «quem quiser estar comigo venha para o pé de mim». Dos 16 trabalhadores presentes, dois foram para o pé dele. Os outros interromperam o trabalho.

Apenas os serviços de abastecimento de gasolina em todas as oficinas, foram mantidos em laboração normal.

Antes do despacho da desinteryenção, os trabalhadores da

Guérin tinham proposto que a empresa continuasse interveniçionada por um prazo de três meses, para estudo das formas mais correctas de a recuperar e reestruturar. Defenderam então que ela fosse transformada em empresa pública, ou noutra alternativa, em empresa de capital misto: Estado e trabalhadores. Mantêm-se decididos a não permitir que ela seja devolvida ao patrão que acusam de «sabotador». Contam, desde já, com a solidariedade da maioria das empresas da Círculo Industrial. Foram-lhe enviadas moções que envolvem, inclusivamente, se tal se tornar necessário, o estudo de formas de apoio material. É o caso da mensagem que receberam da C.T. da Setenave. Também a Lisnave, a Parry e Son, a Siderurgia e a CUF manifestaram já o seu apoio aos trabalhadores da Guérin em luta.

Bomba na entrada da casa de Freitas do Amaral

Uma bomba rebentou ontem à tarde junto à entrada de serviço da residência do prof. Freitas do Amaral, na Alameda D. Afonso Henriques, em Lisboa. Não se registaram vítimas e os estragos são de pequena monta.

Por altura da explosão encontravam-se na residência a mulher e os filhos do presidente do C.D.S., além de duas empregadas domésticas. A porteira do prédio, Rosa de Jesus Oliveira, admite que o engenho tenha sido colocado por um jo-

vem que aparentava ter entre 18 a 20 anos e que algum tempo antes entrara no edifício pela porta de serviço, transportando um pequeno embrulho. Momentos depois o mesmo indivíduo desceu rapidamente as escadas. Às 18 horas rebentou o petardo, danificando as janelas dos condutores de gás e electricidade.

Segundo a Polícia, a bomba era de tipo pólvora de foguete, provavelmente accionada a pílha eléctrica.

Entretanto o presidente da Assembleia da República, Vas-

co da Gama Fernandes, condenou o atentado de que acabava de tomar conhecimento, declarando que «nem todos os bombistas deste país, juntos, conseguirão demover-nos de cumprir a Constituição e o mandato para que o Povo nos elegeu». O acto atribuiu-o Vasco da Gama Fernandes a «celerados e marginais».

Terminada a sua intervenção, o presidente da A.R. viria a ser aplaudido de pé por todos os deputados presentes no hemiciclo de S. Bento.

TERRORISMO SELECTIVO



Estragos provocados pelo petardo colocado ontem junto à porta de serviço da residência do prof. Freitas do Amaral

Assassínio de Jumblatt pode reacender guerra no Líbano

Yasser Arafat, líder da OLP, sobe à tribuna da sessão especial do Conselho Nacional Palestino e não consegue falar porque chora. Um homem a gritar, bate furiosamente com a cabeça num automóvel a ameaçar todo e tudo. Os veteranos da «Al Fatah» clamam «morte aos assassinos». A capital libanesa está deserta e tiros disparados demonstram que uma tempestade pode estar próxima. Até à noite, 14 «cristãos» já haviam morrido como represália.

De um modo geral, este é o quadro de tensão que o Líbano volta a viver desde ontem, após o assassinio de Kamal Jumblatt, o chefe da esquerda libanesa. Ele seguia de automóvel pelo distrito montanhoso de Shouf, em direcção à sua casa em Mujtara, a 40 quilómetros a sudoeste de Beirute, quando a estrada foi cortada por um «Pontiac Firebird», carro norte-americano com

matrícula falsa do Iraque. Segundos depois, quatro homens metralhavam Jumblatt, o seu motorista e o seu guarda-costas. Na precipitação da fuga embateram numa rocha e obrigaram o proprietário de um «Fiat» azul a ceder o seu carro para continuarem a fugir. Dentro do «Pontiac» ficaram «walkietalkies», punhais, carregadores de Kalashnikov.

No ano passado, a irmã de Jumblatt que vivia num sector controlado pelos direitistas, também foi assassinada.

Este atentado vem recordar a extrema precariedade da «normalização» do país e está a ser condenado vivamente por todo o mundo árabe, mesmo entre alguns dos adversários políticos de Jumblatt que parecem querer demarcar-se desta provocação. As consequências do assassinio são imprevisíveis e já estão a ser tomadas medidas para evitar um possível surto de violência. Repetidos

apelos à calma são lançados, inclusive pelo próprio filho de Kamal Jumblatt, Walid.

Em Beirute, não se exclui que o atentado possa ter sido comandado a partir de Israel, em ligação com a ala mais extremista do Partido Conservador. O objectivo seria impedir a aproximação sírio-palestino-libanesa que parece esboçar-se. Entretanto, o efeito imediato é o alargamento do fosso que separa os sectores muçulmanos e cristãos de Beirute. O Conselho Nacional Palestino acusa violentamente «o sionismo, o imperialismo norte-americano e certos círculos do mundo árabe» e é ameaçador: «Aqueles que inspiraram este assassinio podem esperar pela mesma sorte». Ontem, aldeões «druzos» da região de Shouf já atacaram aldeias vizinhas. A família de Jumblatt anunciou que os seus funerais serão realizados sem qualquer aparato, em Mujtara.



Estragos provocados pela bomba colocada em 15 de Novembro passado na escada de serviço da casa do eng.º Lopes Cardoso

Política de A a Z

UM DEBATE PALACIANO

Quem ontem ouviu o deputado Barbosa de Melo justificar o debate que o P. S. D. provocara não poderá deixar de se ter apercebido de que estávamos a assistir a qualquer coisa de formal, de convencional, a um jogo de salão que, na realidade, era um exercício tático.

O Partido Social Democrata, rectificando a pontaria depois do desastre de Madrid, aponta agora para as escadarias que em São Bento, e por Belém, o poderão levar a ser Governo ou a compartilhar o Governo. O êxito de Freitas do Amaral, que já se introduziu na área das competências reservadas, deu ânimo ao P.S.D., levou-o a corrigir a linguagem, a mudar de tom.

No fundo, o problema permanece. E é simples. Trata-se de saber se a Constituição é para cumprir, para respeitar e defender.

A NEUTRALIDADE ENVENENADA E SENTIDO DE ESTADO

Ou se um reformismo, sensível aos ventos que sopram do centrismo europeu, deverá levar-nos a mudar de rumo, a refrear a marcha, a abdicar. Já se disse que a Constituição era «absurda». E o próprio Governo suportou o dito.

A civilizada oposição do C.D.S. a este Governo socialista, dito «homogêneo», reveste-se de uma discursiva justificação sofrivelmente cinica: «O nosso partido tem seguido uma linha de oposição responsável e firme, procurando evitar que o País caia em crises políticas que seriam da maior gravidade para o nosso futuro e para a decisiva batalha da reconstrução económica em que estamos empenhados. Um partido que, na oposição, não saiba dar mostras de sentido de responsabilidade não pode, amanhã, ambicionar que o povo lhe confie como partido de Governo».

O C.D.S. — Amaro da Costa o Confesso — espera a sua hora. Entretanto a direcção justifica-se perante os activos aderentes transmontanos (não leia: ultramontanos). O vice-presidente Amaro da Costa disse em Mirandela: «uma atitude patriótica não é uma cedência ou um favor ao actual Governo. Pela nossa lucidez e pela nossa firmeza ajudaremos Portugal a reerguer-se da sua crítica situação, ao mesmo tempo que fazemos prova daquilo que, acima de tudo, os políticos devem demonstrar: sentido de Estado, sensibilidade aos grandes problemas nacionais, honestidade de processos, apego prático às exigências da Democracia, coerência doutrinal».

Partido para governar, partido da «coerência doutrinal», partido do «sentido de Estado», enquanto aguarda que o Governo socialista fracasse, ou se esgote, ou, na perspectiva mais distante do médio prazo eleitoral, seja pela força dos votos submerso, o C.D.S. vai criando e impondo para um Portugal-provincia, para uma tecnocracia europeizada, para uma burguesia inquieta e irritada, a imagem familiar do «poder dos catadáticos», do «poder das competências» sereno, sensato, ponderado. E, do mesmo passo, o C.D.S. vai lançando os seus remoqueos ao P.S.D.. Não o esquece; não o poupa. Não se afiura impossível, todavia, uma reconciliação (com algum P. S. a apadrinhar, ou contra o P. S.). Em política parlamentar (e eleitoralista) todos os abismos (de família) podem ser colmatados com casamentos (de conveniência). Mas, por agora, é a separação de atitudes bem marcada. Assim deverão ser entendidas as palavras do vice-presidente Amaro da Costa: «E mesmo que outros assim não procedam, o C.D.S. não abdicará da sua posição».

Da sua «posição exemplar», do seu exemplo de «oposição civilizada», da sua vocação para o «poder», do seu «sentido de Estado», vai dando provas em São Bento e em Mirandela, em Coimbra e em Madrid, o partido do C. D. S. Tem o mérito de não esconder o seu «centrismo» e teve a sinceridade de não votar a Constituição.

Essa neutralidade, esse apoio tático «Centrista» e «não-constitucional», deverá ser considerado pelos socialistas como um apoio envenenado.

O DEBATE ESPECIOSO

Eram «tardias e ineficientes», mas eram «necessárias e inevitáveis», as medidas económicas anunciadas em cachão pelo Governo. Assim, as classificou o professor Diogo Freitas do Amaral, em Coimbra, no dia 6 de Março, na reunião da Comissão Política do C. D. S. E porque também ele, Freitas do Amaral, gostaria de ser chamado a dar provas de competência, não deixou de preconizar: «urge complementá-las e ter a capacidade de as pôr em prática, mas aí temos dúvidas pois o Governo tem revelado incapacidades que ainda não foram corrigidas e, por outro lado, certas forças políticas estão interessadas em criar condições que tornarão inviável o programa de Governo».

O debate parlamentar sobre as medidas económicas tem subacente esta patente intenção de dizer que o C.D.S. faria melhor, que o P. S. D. é mais capaz. Mas, é significativo que não seja o sentido das medidas que é posto em causa, mas a capacidade da equipa de direcção socialista para as levar a cabo. Atentos a este pormenor (que é de tomo) muitos socialistas mostram-se preocupados. O preço de recuperação económica pode ser elevado para o «partido». E não só eleitoralmente.

OPERAÇÃO DE CERCO

A operação de cerco ao Partido Socialista vai ganhando forma e desenvolvimento nos meios sindical e estudantil. A fase de certo tipo de alianças dá lugar a uma fase de isolamento dos militantes socialistas nas escolas e nos sindicatos. A ascensão do P.S.D. e da J.S.D. só surpreende porque não teria sido analisada com rigor a composição sociológica de listas e falanges de apoio. Registaram-se vitórias a partir de alianças efémeras, ilusórias, contraditórias. A tática imediatista contrariou o objectivo programático, estratégico. Os erros pagam-se. As más vitórias pagam-se. A divisão tem um preço. A sobrecarga ideológica diminui o potencial sociológico: na universidade, nos liceus, nas empresas, nas fábricas, nos campos...

Em Unhais da Serra, o secretário-geral do C.D.S., Basílio Horta, afirmou: «A linha sindical democrata-cristã que, firmemente está ganhando terreno nos meios laborais».



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA P.S.D. e C.D.S. insatisfeitos

O debate sobre as medidas de «austeridade» — ou «25 de Novembro económico», como lhe chamou o «centrista» Amaro da Costa — iniciado ontem em S. Bento, parece claro nas suas finalidades. Pelo menos assim o demonstraram as extensas e significativas intervenções de Sousa Franco (PSD) e Freitas do Amaral (CDS).

A coincidência dos dois deputados, da direita parlamentar, em algumas questões de fundo e o igual sentido dado por ambos ao debate, são elementos que, em nosso entender, clarificam bem os objectivos da intervenção requerida pelo PSD.

Não se trata tão-só como pretende Barbosa de Melo (PSD) — de uma simples «discussão para que as resoluções importantes se tornem aceites para a generalidade dos cidadãos». Trata-se mais, como diria Sousa Franco, do mesmo partido, de fazer com que elas sejam «ou corrigidas ou completadas». Freitas do Amaral foi um bocadinho mais claro: «são insuficientes e é necessário completá-las quanto antes».

Estes dois deputados coincidiriam ainda quanto à origem dos actuais males da nossa economia. Sousa Franco: «é a factura do gonzalvismo que hoje começamos a pagar». Freitas do Amaral: «Estas medidas são o retrato de um insucesso e a factura de um fracasso: o insucesso económico e o fracasso histórico do gonzalvismo».

Ou seja, com um descaramento de não-fácil qualificação, os representantes do PSD e do CDS, passam como que uma esponja pelos 48 anos de fascismo, pela rapina dos monopólios, dos latifúndios, pela «factura» da guerra colonial, etc... O réu, de todos e principais males, é, em suma, o 25 de Abril, e os portugueses viveriam hoje no melhor dos mundos... eis o que, se pode de algum modo concluir de tão «brilhantes» conclusões.

Retenhamos, entretanto, a primeira das coincidências. As medidas de 26 de Fevereiro são «insuficientes», é necessário «completá-las». Com um pouco de atenção, e retendo

a curiosa expressão de Amaro da Costa (o «25 de Novembro económico») pode certamente concluir-se que, tal como a direita militar quis ir mais longe em 25 de Novembro de 1975 (visando a liquidação dos militares democratas e antifascistas, e, por tabela, o regresso do passado sem liberdades, o retorno do 24 de Abril a direita política

sim para a recuperação capitalista». Nesta intervenção cautelosa, mas intransigente, o PCP mostrou entender o alcance de mais esta manobra de isolamento, avaliada, alegremente, pelo PS.

A questão ainda não está porém definida. O PS, ou o Governo, não foi tão longe como desejavam os parceiros da direita. Esta não desarma. Seja a «oposição ci-



O deputado do P. S. D. Sousa Franco no uso da palavra

(PSD e CDS) envolvendo o PS, procura — pensamos — com este debate ou, através dele, a total e clara recuperação capitalista, dividindo e isolando, ao mesmo tempo, a esquerda, para mais facilmente dar sucesso ao «golpe» económico.

Ignoramos se os dirigentes ou deputados do PS percebem (ou querem perceber) os reais objectivos desta «operação». Digamos que este é o terceiro lance da manobra. Começou com a campanha presidencial (PS agarrado pelo PSD e CDS), continuou pela discussão do programa do Governo e mais tarde do Plano, através do «slogan» da «maioria democrática» ou «presidencial».

«O balanço de tais medidas — sublinhou, na sua intervenção Carlos Carvalhas, do PCP — apesar de algum grau de sucesso, não para a reanimação económica mas

vilizada» (CDS) seja a «oposição democrática» (PSD), o objectivo é destruir o 25 de Abril, as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário. O debate que hoje termina, dará, provavelmente novas indicações.

A encenação está entretanto, bem montada. Freitas do Amaral disse ontem sem reticências desenvolvido na aureola de uma estranha bomba, que a «grande opção estratégica para a reconstrução da economia portuguesa tem de ser o investimento privado».

Ontem, 16 de Março, passou o terceiro aniversário da tentativa das Caldas. Militares spinolistas procuram então antecipar-se ao 25 de Abril. Falharam, como falharam no golpe Palma Carlos, no 28 de Setembro, no 11 de Março e, em parte, no 25 de Novembro.

O 16 de Março «económico» falhará? Devemos acreditar que sim!

E. A.

Noticiário breve

FASCISMO

■ Fascismo é o tema genérico dum colóquio que vai haver amanhã à noite na base do M.D.P.C.D.E., à Rua Fontes Pereira de Melo, na Damia. Em «agenda», digamos assim: «O fascismo em Portugal: os seus métodos, as suas prisões — Tarrafal, Caxias, Peniche — recordados por quem nelas viveu duros anos de luta e opressão, em tribunal defendeu combatentes antifascistas». Para falarem disto: Manuel Alpedrinha, José Maria do Rosário, e Levy Baptista.

P. S. NO VILLARET

■ Amanhã à noite no Teatro Villaret: a habitual reunião semanal promovida pela FAUL do P.S. Vai lá o ministro Marcelo Curto falar sobre «Legislação e Conflitos de Trabalho».

CONSTITUIÇÃO

■ Activistas da FEPU em Aveiro reuniram e decidiram: comemorar no próximo dia 2 de Abril a passagem de um ano sobre a entrada em vigor da Constituição. Marcada uma jornada popular em Aveiro, mais diversas realizações a nível distrital (plenários de concelho e freguesia). Aveiro é apenas um exemplo da crescente adesão de bases inúmeras à ideia da FEPU lançada há dias para dar às comemorações do «2 de Abril» um âmbito nacional.

AID E AÇORES

■ Programa da ANOP, desde Ponta Delgada: esteve nesta cidade Fritz Gerald, técnico da Agência Internacional de Desenvolvimento. Veio para tratar, com o Governo Regional, de assuntos relacionados com o programa norte-americano de auxílio a Portugal. Depois de contactos, ficou decidido que técnicos norte-americanos vão elaborar, a expensas da AID, um estudo geral dos sectores da Agricultura e Pescas para todo o arquipélago.

RUI VILAR NO PETROLEIRO

■ O ministro dos Transportes e Comunicações, Rui Vilar, fez ontem uma visita ao petroleiro «Sameiro», da Soponata, recentemente construído nos estaleiros italianos de Trieste. Falando a propósito, disse o ministro: «Estamos a garantir o abastecimento do país em produtos essenciais. A existência de uma companhia de transportes como esta (a Soponata), assegura e garante o abastecimento do país em matéria de petróleo bruto e em matéria de refinados».

Para breve uma União Democrática Europeia

O C.D. S. deverá pertencer à União Democrática Europeia, movimento que deverá ser constituído nos próximos meses e englobará os partidos conservadores europeus que não aderiram ao Partido Popular Europeu e a União dos Partidos Democratas Cristãos.

A decisão de constituir este «movimento» terá sido tomada em Munique, no final de uma reunião que teve a participação de partidos conservadores, nomeadamente ligados a democracia-cristã, da Grã-Bretanha, Escandinávia, Portugal, R.F.A. e Áustria. Por parte de Portugal

o C.D.S. foi representado pelo dr. Sá Machado.

A União Democrática Europeia, constituída sob a égide de Franz Josef Strauss, dirigente da União Cristã-Social da República Federal Alemã, deverá encabeçar os diferentes movimentos seus aderentes com vista às eleições directas para o Parlamento Europeu, em 1978, concorrendo sob a forma de oposição directa a uma eventual maioria socialista e «eurocomunista» naquele órgão supranacional.

Esta reunião em Munique,

decisiva, segundo se anuncia para a próxima constituição da União, foi precedida de diversas viagens de Strauss a Espanha e a Itália onde desenvolveu contactos com partidos de direita, dispostos a apresentarem-se ao eleitorado europeu com uma imagem «democrática».

O movimento de Strauss, como foi revelado pelo «DL», conta com numerosos e importantes apoios que se estendem da indústria electrónica e aeronáutica alemã até a alguns destacados «conselheiros» da NATO.

MOBÍLIAS MODERNAS

SÉCULO XVII
IMPÉRIO
LUÍS XV E XVI
D. JOSÉ
D. JOÃO V

Facilidades de pagamento e trocas

ARMAZENS DE MÓVEIS JORGE

Av. Almirante Reis, 35 (Aos Anjos) — T. 832161

post-scriptum

Habitação, saúde, educação

Minha mãe (Maria Bárbara Torres) é empregada na sociedade anónima J.F. de Azevedo e Silva, Comércio e Indústria, e neste momento encontra-se doente com o diagnóstico de acidente vascular cerebral e depressões confirmadas pelo serviço de neurologia do Hospital de Santa Maria.

Algum tempo antes da minha mãe ter dado entrada neste hospital, foi realizado um plenário geral de trabalhadores da sociedade J.F. onde foi decidido que todos os trabalhadores desta sociedade que se encontrassem ou viessem a encontrar no estado de doentes teriam o ordenado pago por inteiro, ou seja, a Caixa dava uma parte e a entidade patronal completaria a parte restante até perfazer o ordenado.

Pois assim aconteceu. Minha mãe adoeceu e nos primeiros meses foi-lhe pago o ordenado por inteiro (4.240\$00) e sempre nos primeiros dias do mês seguinte. A partir de Novembro, começaram a atrasar-se: só lhe pagaram metade do ordenado no fim do mês de Novembro e o restante no dia 22 de Dezembro; o mês de Dezembro só foi pago em Janeiro, e quanto ao 13.º mês (Natal), só lhe foi 1.200\$00, informando-me de que a parte restante seria paga dentro de dias, coisa que nunca aconteceu.

Daí para cá, deixaram de pagar o ordenado por inteiro; em relação ao mês de Janeiro, só deram à minha mãe o que vinha da Caixa (2.400), levantado em finais de Fevereiro. Nessa altura, fui falar com o sr. engenheiro Azevedo, pedindo-lhe que ordenasse para darem mais qualquer coisa, pois minha mãe precisava de comprar medicamentos para se tratar, e também precisava de pagar a renda da casa, a alimentação, a água e a electricidade, etc., e eu sem lhe poder valer, pois encontro-me a prestar o serviço militar e os 300\$00 que recebo não dão para nada.

O sr. engenheiro disse redondamente que não e, como eu insistisse, chamou-me estúpido por estar a exigir aquilo que pertence a minha mãe. Pedi-lhe desculpa e saí.

No dia 12 de Março, a sociedade enviou um cheque passado pela Caixa no valor de 720\$00 referente ao mês de Fevereiro, para eu pagar a renda da casa, que são 2.000\$00, comprar alimentos e medicamentos para a minha mãe e pagar a água e a electricidade.

Pergunto: é com 1.020\$00 que minha mãe e eu (a cumprir serviço militar) nos governamos?

O que vai ser da vida da minha mãe, com uma doença gravíssima e sem dinheiro para adquirir medicamentos?

O que vai ser de nós quando chegar o dia 8 e não tivermos dinheiro para pagar a renda?

Será justo tirarem-nos um «regalia» que anteriormente nos foi concedida?

Adelino Torres Alves — LISBOA

Será que o sr. Primeiro-Ministro não sabe destas coisas?

A propósito do «Post-Scriptum» do vosso jornal do passado dia 7, dou toda a razão ao sr. Fernando F. da Costa, do Porto, quando pergunta de quem é a culpa da tão primária ignorância em que se mantém o povo.

Temos ouvido certos retornados, nem todos felizmente, afirmarem que o Primeiro-Ministro Mário Soares não só vendeu as colónias, como pôs o dinheiro dessa venda, em seu nome, na Suíça. E mais: que o dinheiro dado por outros países em auxílio aos retornados, que o senhor Primeiro-Ministro o gasta em proveito próprio. E até afirmam que isto vem escrito em certos jornais nacionais e estrangeiros!

Infâmias são ditas sem relutância nenhuma por retornados mal esclarecidos ou de má-fé.

E preciso esclarecer o povo que está a ser enganado, e que, despolitizado como é, acredita em tudo isto, e passa inconscientemente a fazer o jogo da reacção. Será que o senhor Primeiro-Ministro não sabe destas coisas?

Maria Cândida de Oliveira — COIMBRA

A História não perdoa

Não há já optimismo que possa resistir perante a escalada da contra-revolução. Primeiro foi o ataque a figuras proeminentes na sua firmeza antifascista. Depois, passaram a minar a confiança nos homens que não deixaram passar pelas brechas abertas — de roldão — toda a vaga reaccionária, que julgou ter chegado a sua hora, novamente. Mas ficaram a aguardar sempre.

E agora eles aí estão novamente na rua com novos peões de brega. No Coliseu, em S. Bento, explora-se o ódio e o primarismo mal esclarecido. Tudo isto dentro de um plano concertado de recuperação fascista, servido, desde há muito, por um clima de agitação, de mentiras e de intoxicação permanente.

Quando o País procura recuperar e começa a ter suas bases de apoio, redobram os ataques. Já chegaram há muito às figuras que o povo escolheu livremente para o governar. Mas de princípio, só o faziam às reboço, publicamente. Já nada os satisfaz senão o regresso aos seus privilégios, à exterminação da Democracia, do 25 de Abril. Nunca tivemos dúvidas a este respeito. Se alguém as tinha, estão esclarecidas.

Mas, a partir de tudo o que se vem passando, nem sequer a ignorância se poderá invocar, ao fazer-se a História de uma época. Os exemplos do que se passou na Alemanha de Hitler até ao Chile de Pinochet, não permitem quaisquer dúvidas. Será que ainda continuamos numa política de quezílias suicidas, de partidários exagerados, de sectarismos deslocados, a dar mais trunfos ao inimigo? Será que continuamos numa política de cedências, de falta de firmeza perante ataques constantes, e sempre renovados à Democracia por que todos nos batemos vidas inteiras? O inimigo não perdoa. E a História também não.

A. Silva Costa — PORTO

MENSAGEM PARA ALGUNS DEPUTADOS

Aprovados que foram, o conteúdo de um livro volumoso, apresentado em longas e verbosas sessões — conjunto de intenções a que se convencionou chamar Programa do Governo — e o Plano e Orçamento para 1977 — estes merecendo apenas reticências, apesar de não apresentarem resposta adequada à gravidade da crise económica — vai a Assembleia debruçar-se, por interposição, sobre um conjunto de medidas a que o Governo resolveu conferir enorme publicidade e anunciadas como se fossem o início da resolução das dificuldades com que nos defrontamos.

mésticos e automóveis) em apenas 5 milhões de contos. Dificulta-se o consumo pela subida de todos os preços, em clássica relação de mercado. Desvaloriza-se, aumentando o valor da dívida externa e tornando mais caros os produtos essenciais que se importam. Que medidas efectivas para aumento da produção agrícola, para aproveitamento das potencialidades e capacidades dos campos e fábricas e para aumento do parque turístico, essas as verdadeiras medidas económicas que se esperam? Nenhuma, a não ser uma bonificação nos juros, mas que, havendo simultaneamente au-

te «bluff» governamental tornará a Assembleia da República conivente. Será mais uma achega à causa dos que são contra a democracia, cuja coluna vai engrossando diariamente e que será maior logo que as consequências destas medidas de «salvação» se fizerem sentir no bolso do cidadão, particularmente dos mais desfavorecidos.

Já não basta que este formalismo institucional pseudodemocrático em que vivemos o comporte, entre outras as seguintes negações:

— repartição injusta dos rendimentos, na ausência de uma política fiscal que afecte, sobretudo, os rendimentos do capital e seja motivadora apenas para os mais válidos;

— desemprego em níveis preocupantes e para os quais o Governo não consegue propor uma política coerente de investimento, pois é exactamente o Estado quem despende em actividades capital-intensivas e não absorventes da mão-de-obra disponível;

— atitude separatista das ilhas, manifestada e exibida com a maior desfaçatez sem que uma política coerente e de autoridade ponha fim à influência caciquista (será este o prémio da política de «liberdade» do dr. Mário Soares

"A Assembleia da República é a assembleia representativa de todos os cidadãos portugueses" - ART.º 150.º DA CONSTITUIÇÃO

Medidas apresentadas com a costumada verbosidade pelo primeiro-ministro foram louvadas pelas meios de Informação «situacionistas» que lhes chamaram o «arranque» e o «ataque» à crise. Posteriormente criticadas, com a costumada estúcia pelos líderes oposicionistas.

Estamos, contudo, perante uma das maiores mistificações políticas do pós-25 de Abril, pois não só essas medidas ficaram aquém do que fora chamado «Plano de Emergência», do VI Governo, de Outubro de 1975, como o estrangulamento que a desvalorização e o aumento das taxas de juros vão introduzir na actividade de vários sectores, dificilmente compensará os timoratos incentivos à exportação, agricultura e empresas que, aplicadas em condições generalizadas, não premiarão os mais dinâmicos, antes compensarão mais pelo passado do que pelo futuro.

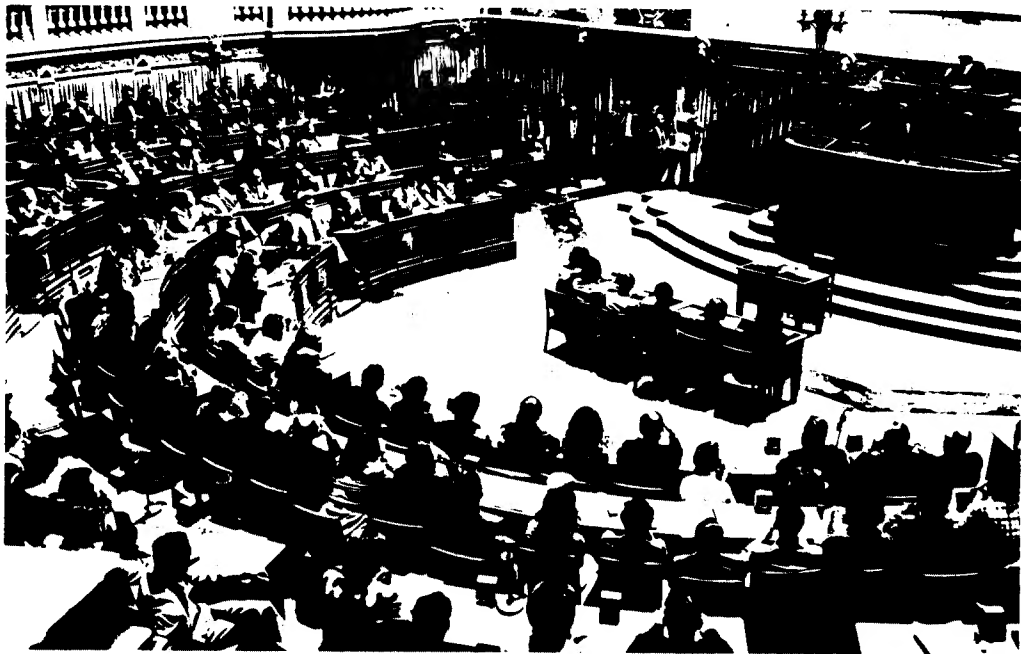
Onde está, porém, o papel do empresário Estado, imobilizado pela actual política governamental? Quem é e o que propõe de concreto a iniciativa privada, de cuja inércia já se queixavam Marcelo Caetano e os seus ministros? Temos empresários válidos em número suficiente ou, clientelas eleitorais que «desejam» sociedades «sociais-democratas» ou «democratas-sociais», como se isto da política fosse só encomendar?

Estão, portanto, os deputados da Nação confrontados com uma situação em que, de novo, se pretende vender um «esquálido rato como se fora gorda lebre». Ainda por cima anunciado demagogicamente, com «slogans» que fazem lembrar os Velhos tempos do salazarismo (mesmo mais ridículos). Não precisam os deputados de conhecer em detalhe os assuntos económicos para perceber o logro e a incapacidade em que esta campanha denuncia.

O défice da balança comercial atingiu em 1976 o escandaloso número de 76 milhões de contos, graças ao «passador» que é a máquina de Estado, estiolada, desmoralizada e mal governada. No entanto, as importações de equipamentos baixaram de 21 por cento do total, em 1975 para 13 por cento em 1976, o que significa que os empresários continuam sempre a aguardar «melhores dias» para investir. Para resolver este problema reduzem-se as importações de bens de consumo corrente e duradouros (café, extractos, electrodo-

mento das taxas gerais, deixará sensivelmente tudo na mesma.

Ainda essa outra mistificação que é o «Cabaz das Compras». A lista inicial, de algumas dezenas de bens e serviços, acabou num miserável



punhado de 13 produtos que, conjuntamente com outros, chamados de «preços máximos», mal justificaram a pretensão política de contenção de preços. Que ainda por cima foram escandalosamente aumentados no momento da sua «estabilização». Continua a verificar-se uma confusão elementar e não permissível ao nível de governantes sobre o que é um «Cabaz de Compras» — um dado estatístico que define a capacidade de compra real de certos produtos pela população e não um propósito, bem ou mal intencionado, de garantir preços de alguns produtos.

As medidas adoptadas não são mais do que receitas clássicas do tipo das que são seguidas em qualquer economia ocidental, onde não haja graves problemas estruturais, quando se desvaloriza. O desemprego mais a inflação serão as consequências clássicas, quando a exportação não pode responder como é o nosso caso presente. Forte suspeita merecem de que vieram «sopradas», se não exigidas, do estrangeiro.

A demagogia e charlatanice parece que já a «política» nos habituou (é ouvir o homem da rua, senhores deputados!). Sanccionar estas medidas e deixar passar como bom mais es-

quando afirmou que qualquer província portuguesa poderia ser independente se os seus habitantes o desejassem ou da política do «porte-pago» que ajuda a imprensa reaccionária a chegar aos sítios mais atrasados e retrógrados?

A situação dos retornados de África, utilizados como mercadoria eleitoral pelos partidos ditos da «maioria presidencial» e que agora se sentem entre nós como portugueses de 3.ª classe. Dramas humanos de quem dificilmente aceita sofrer ao nível individual o custo de uma viragem histórica inevitável e veio encontrar aqui, onde chegou despojado, o oportunismo e o golpismo. Campo excelente para o reaccionarismo e para a disposição para a vingança e desespero, a que só uma moral colectiva se poderia opor.

Já não basta que os senhores deputados se tenham autoproclamado aos escalões mais elevados da função pública (um dos melhores «part-time» deste País) e que entendam conveniente ser a Nação a suportar 100 000 contos anuais para nos serem impingidas promessas demagógicas partidárias em vez da discussão esclarecida dos problemas da colectividade.

Será que em nome de tática

VÍTOR BENTO

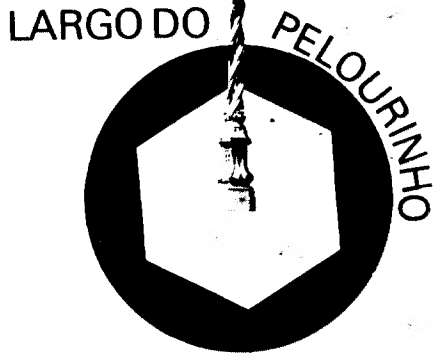
cas e estratégias partidárias vai ser sancionada, sem censura, mais esta fantasia suicida do Governo que, insensível (e definitivamente incapaz) à dimensão da crise interna e externa, deixa afundar diariamente a situação, empenhando-nos despididamente a quem mais oferece (a que preço)?

Se assim acontecer não nos admiremos que alguns «coroneis» apareçam em nome de «interesses patrióticos» a dizer que «o problema não ficou resolvido transplantando para o nosso País o parlamentarismo da Inglaterra, tal como existe em Inglaterra» (o desabafo, por sinal, é de António Sérgio e não de «coroneis») e será altura de «tomar medidas» (já se propaga este tipo de diligências na imprensa estrangeira).

Fazer cair o Governo P.S., a «única alternativa democrática de esquerda»? Que democracia, em face do que atrás se descreveu e que é apenas uma parte da injustiça desta sociedade? Que «esquerda» quando se tomam medidas desta natureza (para salvar Governos e não para salvaguardar os interesses das classes

que privilegia a Constituição)? Em que social-democracia o democrata-cristão se protelaria a assinatura de contratos colectivos durante dois anos e quando os trabalhadores ameaçam finalmente com a greve, se vem, descaradamente, chamar-lhes «desestabilizadores» manipulados pelos comunistas? Que democracia e que Governo de «esquerda» são estes que incapazes de negociar com o sector laboral (A despeito de se servirem da Constituição mais progressista do Ocidente) os acusam-no mesmo estilo usado em cinco décadas de salazarismo? A incapacidade para dar respostas concretas aos problemas concretos é mascarada com a desculpa primária e a calúnia fácil. Quando vai começar em nome da «democracia» a «caça às bruxas» que vem sendo fomentada em vários quadrantes? Pactuando com mitos e não assumindo as responsabilidades de representar a desconfiança e a desilusão da maioria dos seus concidadãos, ou seja, a possibilidade de explicar claramente o porquê e para quê das medidas e atitudes governamentais, serão os senhores deputados também responsáveis pelo descrédito que venha a ter a democracia, entre nós. A História nos julgará! A todos...

ISABEL DA NÓBREGA



Quando há jogo na Luz, fatal é assistirmos, mil metros distantes para quem sobe o Campo Grande, a um espectáculo que tem isto de curioso: é sempre lamentável.

Durante não pequena extensão, aqueles que daí a pedaço vão perder a sua identidade e serão apenas «o público», «a assistência», «as bancadas», («ululantes») mas ali ainda são os senhores Sousa, Martins, Silvas, donos de Opel, Taunus, Fiats, em suma felizes donos de automóvel, esses tais deixam que a pressa e o entusiasmo se transformem em arrogância, e, no antegozo de falaciosas vitórias, excitados, febris — atrás! atiram com o carro para cima da relva que vem como marzinho sossegado até quase à borda do passeio. Têm mesmo o cuidado de arrumarem os carros bem juntos para dar espaço ao maior número deles. Não é frequente alhures tamanha generosidade.

Ora o facto é que paralela a esse passeio que é a orla do Campo Grande e fica à esquerda do automobilista, corre uma placa de estacionamento com igual extensão, e que tenho visto com muitos lugares, ou metros, livres, quando do lado de lá, sobre as tenras ervas já muita lata se queda, pontual e alapardada.

Num domingo de jogo tive de por ali passar, no meio das filas de carros que procuravam enfiar-se entre troncos e arbustos. Ao ver dois polícias parados mesmo junto ao lancil abrandei a marcha e perguntei-lhes se era permitido os automóveis estacionarem sobre o relvado. Enganaram-se os civis acerca das minhas razões e responderam, simpáticos, com ar displicente: «Arrume, arrume! Se os outros arrumam porque não há-de a senhora arrumar?!» — «Mas é que eu não quero! E por mim, não deixava!» — ritei-lhes, pisando já o acelerador. Tentara só chamar-lhes a atenção, e eles... Mal empregada simpatia!

O Campo Grande é a verdadeira zona verde da cidade. Podia chamar-se Campo-Belo, Campo-Amor, Campo-Verde, Lugar-do-Campo, Campo-Aberto (a Tapada da Ajuda, por exemplo, não é pública, e a mata de Benfica... é em Benfica). Não estará brilhantemente

aproveitado mas tem sido pelo menos preservado.

Alvitando-lhe melhoramentos e aproveitamentos tenho insistentemente feito «exposições». E prossigo.

Hoje resumo: vai a Câmara permitir a continuação do vandalismo que apontei? Na fronteira da relva com o passeio arenoso, uns toros de madeira a intervalos razoáveis bastariam para impedir a invasão dos veículos — à semelhança dos troncos de cone, de cimento, com que na Baixa ou na Avenida se impedem estacionamento abusivos. Não seria oneroso nem complicado.

E de súbito um arrepiado: por momentos, a presença do sonho oculto do nosso ferrenho futebolista de bancada: ver aquela massa densa de arvoredo, a linda tapeçaria oval e verde de Lisboa transformada num gigantesco, liso, ermo e árido parque... de automóveis...

IDEIA FIXA

Final, já que aqui estou aqui fico. Mudo de tema sem mudar de lugar. E ataco (pela enésima vez) a realização da Feira do Livro tal como se tem processado — e a sua mudança para o Campo Grande.

Estas vendas de livros na Avenida nem nome de Feira merecem. Pois o que é uma Feira? No consenso geral é algo bem diferente de uma venda, embora de venda e de compra, de mercado, se trate.

A palavra feira evoca um alegre movimento de massas um remoinho, não o mortício desfile em formação de comboio prestes a parar no apeadeiro e a regressar pela mesma linha; evoca música atirada pelos altifalantes (quereria-os escondidos nas árvores e perfeitamente afinados) e não um sinistro silêncio só golpeado pelas buzinas e pelo ronco dos motores, Avenida acima; a palavra feira evoca uma certa forma de prazer, parece assegurar imediatas e inocentes manifestações lúdicas; «liga» uma corrente que em alguns casos chega a tornar-se visível e propulsora de conhecimento e de descobertas.

A palavra feira evoca a palavra festa. Ora a nossa feira do livro assemelha-se a tudo menos a uma festa.

Nesse instrumento de percussão que são por vezes os jornais, ouvimos sobre o assunto sempre a mesma nota ácida e desolada: «a falta de imaginação que reina na Feira»; «o que espanta é que todos os anos se repita o programa do ano passado»; etc. etc. Estamos portanto todos de acordo.

Confrontada a opinião, e com a força do que me parece uma unanimidade, o movimento seguinte afigura-se-me o de se apresentarem propostas para corrigir o erro, a distração, a apatia, o absurdo.

Dai que insista em apresentar algumas. A primeira é a da alteração do lugar. A mudança para o Campo Grande, oásis na árida e devastada cidade, nosso pequeno «bosque», ai dele sempre vazio, mas em que o próprio ar parece verde, tantos os tons de verde e tão próximos, tão apertados uns contra os outros.

Dispor-se-iam as barracas nos dois flancos do par-

que e não só aí; entrariam também pelos caminhos afluentes ao passeio largo, conduzindo insensivelmente o plácido visitante de uma a outra margem...

Música, como disse, gravada, mas também duas ou três bandas todas as noites, alternando, talvez, com grupos de guitarras eléctricas, de jovens incluindo cantores ou não. Haveria muita luz junto das barracas e pouca luz pelos carreiros do parque. Haveria barracas de fantoches; experiências de mimica; documentários e desenhos animados seriam projectados à noite num ecrã ao ar livre. Cá fora ou nos átrios do cinema Caleidoscópio, haveria uma máquina de impressão a funcionar; secções de acabamento do livro, e de encadernação, onde se ensinasse a fazer encadernações simples, por exemplo, com tecidos ou outros materiais levados pelas pessoas interessadas.

Tudo isto, que é só parte do projecto, quanta gente não chamaria e não fixaria ali, junto desse tão importante e tão mal amado instrumento de cultura que é o livro?

Nas salas do cinema ou ao ar livre, encontros conversas, sessões de autógrafos. E uma tómbola com séries diferentes para diversos tipos de estantes de pequena e média dimensão... E os autores falando do que escrevem... E os editores explicando e provando porque é que o preço do livro é este e não aquele...

Nas pequenas clareiras haveria esplanadas, banidos quaisquer elementos de formica ou de plástico: planificação para que exigiria a partida coordenadores nomeados pela Associação dos Editores e Livreiros e pela Câmara Municipal de Lisboa. Nessas reduzidas esplanadas com cadeiras e mesas de ferro circulariam os refrescos servidos por um pavilhão ou por aquele horrível restaurante do edifício do cinema.

Então vejo a feira inaugurada nos primeiros dias de Junho, pretexto para o lisboeta aproveitar, no seu bosque citadino, as noites próprias desse mês quando não desvaria.

Também os remansosos fins de tarde aí reuniram muita gente: os moradores da Avenida de Roma seriam frequentadores a ganhar, e os outros, com o «metro», teriam transportes «à porta»; a localização da Feira Popular incitaria talvez a uma visita sem pressas — nela se encontraria reforço alimentar e multiplicação de diversões com uma única deslocação.

Aqui fica a minha ideia (fixa) exposta e refrescada. Peço para ela uns minutos de reflexão. Na Câmara me disseram uma vez que a iniciativa dependeria da Associação dos Editores e Livreiros, podia dar apoio, e dá-lo-ia tanto quanto estivesse nas suas mãos.

Os editores são há muito donos das barracas. Não existe pois problema a esse respeito. Os outros problemas parecem-me, se me permitem dizê-lo, decorrerem mais de factores psicológicos do que de verdadeiros obstáculos.

Feita a proposta, confesso que se conjuguei os verbos humildemente no condicional, dentro de mim é no futuro, num futuro próximo, perfeito, que os ouço ressoar.

PUB

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

AVISO AO PÚBLICO

ESTAÇÕES ABERTAS AOS SÁBADOS

A Empresa Pública Correios e Telecomunicações de Portugal informa que estão abertas ao público aos sábados, das 9 às 12.30 h., as seguintes estações:

Almada
Amadora
Angra do Heroísmo
Avelos
Barcelos
Barcelo
Braga
Bragança
Beja
Caldas da Rainha
Castelo Branco
Chaves
Coimbra
Covilhã

Elvas
Espinho
Estoril
Évora
Faro
Figueira da Foz
Funchal
Guarda
Guimarães
Horta
Leiria
Lisboa - Restauradores
Lisboa - Aeroporto

Matosinhos
Odivelas
Ponte de Delgada
Portalegre
Porto - Município
Portimão
Póvoa de Varzim
Santarém
Setúbal
Tomar
Viana do Castelo
Vila Nova de Gaia
Vila Real
Viseu

Estas estações asseguram os seguintes serviços:

- Serviço telefónico.
- Serviço telegráfico, incluindo emissão e pagamento de vales telegráficos.
- Venda de selos e outros valores postais.
- Aceitação de correspondência para registar, incluindo as correspondências contra reembolso e com valor declarado, mediante o pagamento da sobretaxa de «aceitação fora do horário normal».
- Entrega, ao balcão, de correspondências ordinárias e registadas, incluindo contra reembolso e com valor declarado, endereçadas à posta restante, apartados ou destinadas a locais não servidos por distribuição domiciliária ou avulsadas.
- Entrega de encomendas postais quando este serviço se execute no mesmo recinto.

Chama-se a atenção para o facto de que continuarão à disposição do público a qualquer hora do dia ou da noite e todos os dias, como anteriormente, as seguintes estações de laboração permanente:

Lisboa - Restauradores
Lisboa - Aeroporto
Porto - Município

S.



R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EEP (ex-C. R. G. E.) e a que se refere o processo 8/59 242, arquivo 14, para o estabelecimento em Azambuja, concelho do mesmo nome, de uma linha aérea a 30 kV, n.º 109/R-2, com cerca de 96 metros, entre o apoio n.º 108 da linha n.º 109 e o posto de transformação n.º 1661-C da Federação de Municípios do Ribatejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 11 de Março de 1977.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S.



R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS DIRECÇÃO-GERAL dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-C. R. G. E.) e a que se refere o processo 8/59 186, arquivo 14, para o estabelecimento no lugar de Almornos, concelho de Sintra, de uma linha mista a 10 kV, n.º 628/R32, com o comprimento total de 200 metros (parte aérea com 180 metros; e parte subterrânea com 20 metros), do apoio n.º 56 da linha n.º 628 ao posto de transformação n.º 4668, no Parque de Campismo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 11 de Março de 1977.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S.



R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-C. R. G. E.) e a que se refere o processo 8/59 230, arquivo 14, para o estabelecimento em Santa Iria de Azóia, concelho de Loures, de uma linha aérea a 30 kV, n.º 107R6, com cerca de 42 metros, entre o apoio n.º 47-A da linha n.º 107 e o posto de transformação n.º 2208-C dos Serviços Municipalizados de Loures.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Março de 1977.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Trabalhadores de "O Século" apoiam reestruturação

Reestruturação de «O Século»: num plenário antontem efectuado na ex-SNT procedeu-se à eleição de dois elementos da empresa destinados a serem integrados na Comissão cujo objectivo é «pôr o jornal nas mãos dos ardinas» — como nos disse um trabalhador do matutino acima mencionado.

Assim, pelo sector redactorial foi eleito o jornalista Paulo Figueira, e em representação das revistas «Vida Mundial», «O Século Ilustrado» e «Mulher» a escolhida caiu em Maria António Palla.

Um sector não se encontrava representado por ninguém: o da Produção. Esse sector compreende mais de duzentas pessoas. Os trabalhadores nem se satisfizeram com tal, dirigiram uma exposição ao Presidente da República. E antontem, já no

fim do plenário, a administração de «O Século» comunicava aos trabalhadores a necessidade de um plenário para a eleição de um elemento que, na Comissão de Apoio à reestruturação, representasse aquele sector.

Entretanto, um outro sector, o da Expedição-Distribuição, exigiu igualmente um representante.

Deste modo, está marcado para hoje à tarde um plenário com o objectivo de eleger os dois trabalhadores em falta que, juntamente com os já eleitos, defenda uma reestruturação «que sirva os leitores».

Um problema, no entanto, desde já se põe: o facto de não se prever qual o futuro dos trabalhadores nem se saber sequer como e por quem vai ser feita a reestruturação.

INDEPENDENTEMENTE DA DATA DA COLOCAÇÃO

Professores primários recebem desde Outubro

«Os professores do Ensino Primário pertencentes ao quadro de agregados são abonados de vencimentos desde um de Outubro de cada ano lectivo, desde que tenham exercido funções no ano lectivo imediatamente anterior, pelo menos durante um período de 180 dias» — determina o M.E.I.C., pelo Decreto-Lei n.º 99/77 publicado no «Diário da República» de hoje.

Este direito — prossegue o diploma — «manter-se-á independentemente da data de colocação, mas cessará desde o momento em que os professores nas condições previstas no artigo anterior recusem a função que lhe for atribuída pelo M.E.I.C., desde que esta deva ser exercida fora do distrito escolar a cujo quadro de agregados o professor pertencer».

O tempo de serviço prestado pelos docentes abrangidos por este diploma é contado para todos os efeitos legais como ano de serviço completo.

nos face à incerteza que paira sobre o futuro do curso de Psicologia desta cidade, a comissão de alunos daquele curso reuniu-se ontem com a imprensa.

O curso foi criado em Março de 1976, quando ainda era ministro o major Vitor Alves e, actualmente, encontra-se numa quase completa indefinição que põe em risco a experiência pedagógica do ano transacto. A disparidade de posições que parece existir entre os membros da comissão «ad hoc» nacional incumbida da estruturação do Ensino Superior de Psicologia prevista no Decreto-Lei 12/77 está na origem desta situação insolúvel.

Para além da selecção que a comissão «ad hoc» pretende

impor ao abrigo do «numerus clausus» relativamente ao curso do Porto, receia-se que face ao novo «curriculum» não seja reconhecido o 1.º ano dado no ano passado, situação que, a efectivar-se, irá afectar inúmeros estudantes, nomeadamente trabalhadores.

Conforme foi afirmado todos os estudantes estão legalmente inscritos no 2.º ano e «se há ilegalidades não foram eles que as cometeram». Numa proposta aprovada há dias em R.G.A., por unanimidade, grande maioria dos estudantes pronunciou-se pela defesa intransigente da continuidade do curso.

Dada a posição «radicalista» e «elitista» que tem mantido a comissão instaladora do cur-

so de Coimbra, integrada na comissão «ad hoc» foi sugerida pela comissão de alunos a sua demissão.

Recorde-se que, reunidos em assembleia do Sindicato, em Fevereiro, os psicólogos denunciaram a não inclusão de representantes daqueles profissionais nas comissões instaladoras dos cursos de Psicologia e o facto de na comissão de Lisboa não haver nenhum

membro com formação específica nos domínios da psicologia a nível superior. Numa moção então aprovada denunciava-se «ignorância» das comissões instaladoras «não só dos recursos, competências e especialidade existentes, como do mercado de trabalho actual e futuro».

Sindicato dos Jornalistas

com "Vinte e Um" do Telejornal

«Apoiar os jornalistas que, em qualquer circunstância, denunciem atropelos ao livre exercício da profissão» — eis a posição do Sindicato dos Jornalistas sobre o relatório que lhe foi apresentado por 21 redactores do Telejornal, relatório em que são acusados os responsáveis por este departamento da RTP de praticarem censura interna.

Na referida tomada de posição, afirma-se que «independentemente de uma análise mais aprofundada dos documentos que constam do relatório dos jornalistas da RTP, a Direcção do Sindicato dos Jornalistas alerta desde já a classe e o público para a possibilidade da existência de critérios e orientação vincada-

mente não democráticos, que, a confirmarem-se, não podem considerar-se consentâneos com os princípios claramente definidos na Constituição e na Lei de Imprensa».

É também chamada a atenção «para a necessidade de um Estatuto da Televisão que consagre os princípios da liberdade de Informação livre, independente e democrática».

O sindicato reclama o direito de ser ouvido na elaboração desse estatuto, defendendo desde já e designadamente que ele deve contemplar a existência de Conselhos de Redacção, com a competência definida na Lei de Imprensa, atenta a especificidade da Televisão».

PSICOLOGIA: «SITUAÇÃO ALARMANTE»

PORTO, 17 — Para denunciar a situação «alarmante» em que vivem cerca de 500 alu-

Fraternidade Operária programa actividades

Após um período de legalização, estruturação e organização a seguir à sua apresentação pública há cerca de um mês, a Associação de Cultura Socialista Fraternidade Operária inicia no próximo dia 2 de Abril as suas actividades. É o dia em que passa o primeiro ano sobre a entrada em vigor da Constituição, e haverá, promovidas pela associações sessões públicas a propósito em vários locais do país. Os nomes, dos locais e dos oradores, serão entretanto anunciados. Uma informação da Associação adianta, todavia, que os temas a tratar poderão arrumar-se em três alíneas: a) o projecto socialista da Constituição; b) a Direita e a Constituição; c) Os Trabalhadores e a Constituição.

Mais actividades para o futuro mais próximo: a 24 de Abril, ou, mais concretamente, na

passagem de 24 para 25 de Abril, a A. C. S. levará a efeito sessões públicas de comemoração e homenagem ao «25 de Abril de 74»; isto em, pelo menos, Lisboa, Porto e Coimbra.

Abril, entretanto, será um mês de actividades para a associação recentemente formada e em fase de lançamento na cena pública (política) portuguesa. Ao longo do mês todo, haverá, em Lisboa e na província, diversas sessões para debate de temas como «O Fascismo em Portugal» e experiências diversas que marcarão o processo político português desencadeado há três anos.

A associação anuncia ainda outra realização, mas esta de âmbito mais restrito (interno), trata-se de um Seminário sobre o Movimento Operário e Sindical. As reuniões são em Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal.

Brejnev recebeu embaixador cessante de Portugal

Leonid Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, recebeu ontem durante cerca de meia hora o embaixador de Portugal na U. R. S. S., Mário Neves, que vai abandonar aquele posto por ter atingido o limite de idade.

Este gesto de cortesia é pouco habitual da parte do secretário-geral do P. C. U. S. em relação a um embaixador, notam os observadores diplomáticos no capital soviético.

Mário Neves, em declarações prestadas após a entrevista, precisou que ela se realizará a seu pedido, a fim de apresentar cumprimentos de despedida.

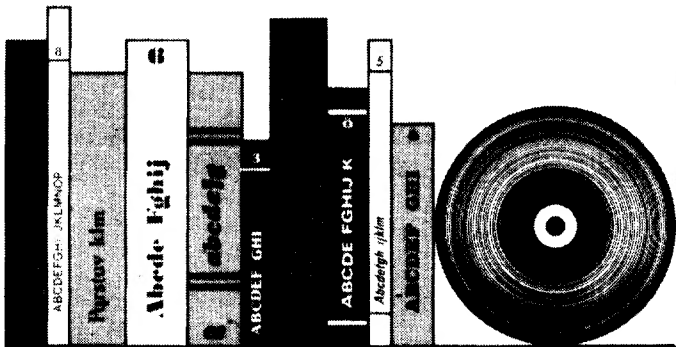
Chegado a Moscovo em Outubro de 1974, Mário Neves foi o primeiro embaixador de Portugal na U. R. S. S. tendo a

sua nomeação marcado o estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países o que sucedeu pela primeira vez desde a Revolução de 1917 e só foi possível dentro do espírito libertador do 25 de Abril.

«Este encontro, indicou o embaixador de Portugal, é uma prova da compreensão e da estima do povo português, tendo-se desenrolado numa atmosfera verdadeiramente cordial e de compreensão mútua».

«Brejnev pediu para transmitir saudações e os seus melhores votos para o povo português e o Presidente da República», disse ainda Mário Neves, acrescentando que no encontro foram abordados problemas do desenvolvimento das relações luso-soviéticas.

de 1 a 7 de abril MERCADO POPULAR DO LIVRO E DO DISCO



POESIA · MUSICA · TEATRO · CINEMA · PINTURA

O Mercado Popular do Livro e do Disco é uma iniciativa dos intelectuais progressistas que além de contar com a presença de importantes editores portugueses e estrangeiros é um grande encontro cultural integrando Cinema, Teatro, Jazz e Canto Livre, Conferências e Artes Plásticas.

na FTL em Lisboa

O LIVRO E O DISCO NA LUTA
PELA PAZ E PELO PROGRESSO

Quinzenário em inglês

sai no dia 31

Portugal vai passar a ter um jornal editado em língua inglesa, o «Lisbon Post», cuja saída está prevista para o próximo dia 31.

Quinzenário, de 12 páginas, o «Lisbon Post» é dirigido pela jornalista Norma Stanway (que em Portugal tem assinado artigos especialmente para o «Journal Novo»), cabendo ao director do «Tempo», Nuno Rocha, a gerência da nova empresa, e a Maria do Sameiro Souto

a chefia do respectivo departamento gráfico.

O novo jornal, que custará 12 escudos e 50 centavos, tenciona incluir notícias sobre Portugal, e as actividades da comunidade estrangeira e da cena diplomática, entrevistas e reportagens, uma página de negócios e uma secção infantil. No seu primeiro número inserirá uma entrevista com o embaixador americano em Lisboa, Frank Carlucci.

AÇORES Férias da PÁSCOA

De:
28 de Março a 3 de Abril
e 3 a 10 de Abril
Preços especiais para grupos
Inscreva-se já.

abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 - Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 - Telef. 270112
FARO Rua Cons. Bivar, 65 - Telef. 250356
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

SUÉCIA e DINAMARCA FERIADOS de JUNHO

6 a 12
Outras partidas:
18/7, 1/8, 15/8 e 5/9

Inscreva-se já:
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 - Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 - Telef. 270112
FARO Rua Cons. Bivar, 65 - Telef. 250356
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

COMPANHIA CIMENTO TEJO

EMPRESA NACIONALIZADA

LISBOA

RELATÓRIO DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA RELATIVO AO EXERCÍCIO DE 1975

Por decisão governamental, expressa no Decreto-Lei Nº 221-A/75, de 9 de Maio, foi a Companhia nacionalizada, cabendo à Comissão Administrativa nomeada para assegurar a sua gestão, a apresentação do presente relatório.

No campo da produção temos a assinalar, no ano em causa, um decréscimo de 13,5 % em relação ao ano anterior, resultante fundamentalmente de duas avarias inusitadas, de reparação mais demorada. Numa delas, pelas decisões tomadas e que, felizmente, deram o resultado desejado, foi possível reduzir as consequências especialmente no ano de 1975, embora ainda tenha repercussões em 1976. Mesmo assim, a produção atingiu 819.000 toneladas de cimento.

Prosseguiram os trabalhos de instalação da VI Linha Fabril, com a capacidade anual de 1.200.000 toneladas, cujos contratos de adjudicação tiveram lugar em 1973 e 1974.

Devemos registar que as previsões, anunciadas no ano transacto, de início de produção para meados de 1976, não se verificaram, havendo um atraso estimado em 6 meses. O atraso verifica-se, fundamentalmente, na entrega de algum equipamento e nas montagens e nele influenciaram e ainda estão a influenciar, circunstâncias de diversa ordem que sempre acompanham empreendimentos desta natureza e também de ordem laboral derivadas do processo em curso.

As despesas da Companhia continuaram em fase ascendente em sequência de remunerações mais elevadas, de maiores encargos com energia eléctrica e combustível e de despesas mais elevadas com a reparação e conservação do equipamento.

Por outro lado, não vimos até ao fim do ano, resultados favoráveis para as diligências iniciadas ainda em 1974, para uma actualização do preço do cimento, largamente justificada pelos aumentos de preços, muito especialmente, do fuel-óleo.

Devemos ainda assinalar os elevados encargos financeiros resultantes dos trabalhos de ampliação das instalações fabris, que atingiram a verba de 74.264 contos. Os contratos de financiamento, inicialmente acordados, foram ampliados de forma a acompanharem os aumentos de preço registados nos contratos de fornecimento de equipamento, de construção civil e de prestação de serviços.

Estas ampliações de financiamento não deixaram de reflectir certas dificuldades, pois concluíram-se com redução das percentagens financiadas e aumento das taxas de juro.

Ainda dentro do mesmo campo, não queremos deixar de referir o facto de a Companhia ter dispendido cerca de 55.000 contos com contribuições e impostos.

Relativamente às participações financeiras, temos a referir a nacionalização das empresas de maior presença na carteira de títulos da Companhia. Na falta de melhores indicações, mantivemos o critério de valorização adoptado nos anos anteriores (valor do custo), não tendo sido feitas alterações na "Reserva para Flutuação de Papéis de Crédito".

Dada a existência entre as "Provisões Diversas", criadas em exercícios anteriores, valores com carácter de "Reservas", promovemos a sua passagem para a "Conta de Reservas Livres".

Feitas as correcções das provisões para desvalorização de existências e para créditos de cobrança duvidosa e criada a provisão para impostos sobre os resultados do Exercício, obtivemos o saldo final do montante de Esc: 2.498.327\$97, a adicionar ao saldo que transitou do Exercício Anterior, de Esc: 536.252\$38. Para o saldo da conta de Lucros e Perdas, no montante de Esc: 3.034.580\$35, propõe-se a passagem para a conta de Reservas Livres.

No exercício de 1975 ainda foi possível obter o resultado atrás referido, apesar da elevada verba dispendida com a satisfação de encargos financeiros, dada a elevada produtividade da mão de obra, o espírito disciplinado e interessado dos Trabalhadores e a incidência das amortizações ser extraordinariamente baixa.

cia das amortizações ser extraordinariamente baixa.

É imperioso ter presente que alterações destas circunstâncias e de custos de materiais não compensados por um preço de venda adequado, alterarão, no futuro, sem qualquer dúvida, a situação verificada neste Exercício.

A Comissão Administrativa

João Augusto Dias Coelho
Armindo Oliveira das Neves
José Joaquim Toscano Júnior
Alberto Aurélio Ferreira Malheiro Veloso de Araújo

CONTAS

APROVADAS POR DESPACHO DO SENHOR SECRETÁRIO DE ESTADO DA INDÚSTRIA PESADA DE 19 DE JULHO DE 1976

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

ACTIVO		PASSIVO	
DISPONÍVEL E REALIZÁVEL		EXIGÍVEL A CURTO PRAZO	
Caixa	1.014.103\$60	Devedores e Credores	10.713.509\$88
Clientes	89.063.543\$91	Fornecedores	70.176.464\$33
Devedores e Credores	734.258.403\$85	Dividendos	1.970.507\$60
Efeitos a receber	4.478.418\$10	Provisões para Impostos Diversos	18.136.156\$37
Fornecedores	640.537.260\$15		100.996.638\$18
Provisão para Crédito de Cobrança Duvidosa	- 22.773.924\$50		
	1.446.577.805\$11		
VALORES DE EXPLORAÇÃO		EXIGÍVEL A MÉDIO E A LONGO PRAZO	
Armazéns Fabris	53.608.074\$79	Efeitos a Pagar	1.320.509.319\$58
Produtos em Curso de Fabricação	17.022.799\$44		
Provisão para Perda de Valor de Existências	- 7.063.087\$40		
	63.567.786\$83		
PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS		SITUAÇÃO LÍQUIDA	
	72.670.120\$90	Capital	16.800.000\$00
IMOBILIZADO		Reserva Legal	24.100.000\$00
Terrenos	50.143.844\$96	Reservas Livres	1.397.240.000\$00
Edifícios	93.147.655\$53	Reserva para Flutuação de Papéis de Crédito	2.411.200.057\$20
Equipamento Fabril	848.797.921\$30	Reserva de Reavaliação	355.051.232\$44
Equipamento Administrativo e Social	2.918.394\$50		4.204.391.289\$64
Obras em Curso	572.130.152\$97		
Amortizações e Reintegrações	- 830.951.605\$79		
	736.186.363\$47		
CONDICIONADO		LUCROS E PERDAS	
Participações Nacionalizadas	3.309.929.751\$44	Saldo do Exercício Anterior	536.252\$38
	5.628.931.827\$75	Resultado do Exercício	2.498.327\$97
			3.034.580\$35
CONTAS DE ORDEM		CONTAS DE ORDEM	
Cauções Estatutárias	42.000\$00	Credores por Cauções Estatutárias	42.000\$00
Valores à Guarda	1.400\$00	Credores por Valores à Guarda	1.400\$00
Outras Contas de Ordem	447.927.278\$43	Outras Contas de Ordem	447.927.278\$43
	447.970.678\$43		447.970.678\$43
Técnico de Contas Fernando Veloso Ramires		Comissão Administrativa João Augusto Dias Coelho Armindo Oliveira das Neves José Joaquim Toscano Júnior Alberto Aurélio Ferreira Malheiro Veloso de Araújo	

CONTA DE LUCROS E PERDAS

ENCARGOS		RECEITAS	
Matérias-Primas, Matérias Subsidiárias, Força Motriz, etc.	295.957.458\$33	Proveitos da Actividade Comercial, Industrial e Agrícola	500.227.624\$30
Remuneração e Outros Encargos com o Pessoal	55.569.514\$60	Proveitos de Valores Mantidos como Reserva ou para fuição	4.803.950\$70
Encargos de Distribuição e Vendas	25.882.130\$43	Rendimentos Financeiros	9.374.221\$40
Encargos de Publicidade	811\$50	Outros Rendimentos	1.116.205\$10
Encargos Fiscais e Parafiscais	67.058.203\$48	Reembolso de Contribuições	1.057.393\$00
Encargos Financeiros	74.263.837\$46	Mais-Valias de Alienação de Imobilizações	2.808\$00
Outros Gastos de Gestão	16.061.421\$13	Utilização de Provisões	50.821.583\$80
Dotações para Reintegrações e Amortizações	28.612.081\$40		
Dotações para Provisões	1.500.000\$00		
	564.905.458\$33		567.403.786\$30
RESULTADOS		SALDO QUE TRANSITOU DO ANO ANTERIOR	
Saldo do Exercício Anterior	536.252\$38		536.252\$38
Deste Exercício	2.498.327\$97		
	3.034.580\$35		
	567.940.038\$68		567.940.038\$68
Técnico de Contas Fernando Veloso Ramires		Comissão Administrativa João Augusto Dias Coelho Armindo Oliveira das Neves José Joaquim Toscano Júnior Alberto Aurélio Ferreira Malheiro Veloso de Araújo	

Governo regulamenta trabalho de estrangeiros em Portugal

Legislação governamental inserta no «Diário da República» de hoje regulamenta o trabalho de estrangeiros em território português. Decreta no seu art. 1.º: «As entidades patronais, nacionais ou estrangeiras, que exerçam a sua actividade em qualquer parte do território português só podem ter ao serviço, ainda que não remunerado, indivíduos de nacionalidade estrangeira, no caso de o quadro do seu pessoal, quando composto por mais de cinco trabalhadores, estar preenchido pelo menos por 90 por cento de trabalhadores portugueses».

Estabelece ainda o decreto que «enquanto não for publicada legislação própria é interdito a estrangeiros o exercício de funções públicas, salvo autorização do ministro da Tutela».

Determina o diploma no seu primeiro artigo: «O direito ao trabalho em território português por parte de estrangeiros, entende-se, sem prejuízo das normas e princípios de direito internacional geral ou comum, bem como as cláusulas de reciprocidade ajustadas entre Portugal e qualquer outro país, e não prejudicada a aplicação das disposições da lei que re-

servem exclusivamente aos cidadãos portugueses o exercício de determinadas actividades profissionais». A intervenção do diploma dispõe ainda que «na ocupação de trabalhadores estrangeiros será obrigatoriamente reservada igualdade de tratamento, em particular no tocante à retribuição e outros benefícios económicos, relativamente a trabalhadores portugueses que, na empresa, tenham categoria e funções idênticas».

Por cada registo de contrato — determina o decreto-lei — é devida a taxa de mil escudos.

Empresa britânica anuncia que volta a investir no nosso país

Uma empresa imobiliária britânica, «Norwest Holst», anunciou a sua decisão de reatar as actividades em Portugal, após uma interrupção de três anos.

Trata-se, segundo apurámos, da primeira das inúmeras empresas imobiliárias estrangeiras que volta a investir no nosso país, após a fuga sabotadora da generalidade dos empresários estrangeiros, impedidos, então pela Revolução de continuarem a auferir lucros fabulosos.

Considerando a «situação política suficientemente estabilizada, a «Norwest Holst», pretende concluir o seu projecto de construção de vivendas no Algarve, no qual investira cerca de 800 mil libras (cerca de 56 mil contos), em 1974, ano em que o abandonou.

Segundo telegrama da France Press, esta empresa projecta ainda em colaboração com o Governo português a construção de 500 casas no âmbito do programa oficial de desenvolvimento do urbanismo.

Dívidas à Previdência podem pagar-se com letras

De acordo com despacho dos ministros das Finanças e dos Assuntos Sociais, publicado no «Diário da República» de ontem o pagamento das contribuições em atraso à Previdência poderá efectuar-se mediante o desconto de letras comerciais.

O não pagamento na data do vencimento de uma das letras descontadas poderá determinar o imediato vencimento de todas as restantes aceites pelo mesmo contribuinte e o seu débito na conta da entidade sacadora, que manterá sobre o devedor a universalidade dos direitos correspondentes à dívida existente.

PUB

AOS TRABALHADORES DO SECTOR DE ARMAZENISTAS DE MERCEARIA, IMPORTAÇÃO E ARMAZENAGEM DE BATATA, ARMAZENAGEM E EXPORTAÇÃO DE AZEITE, COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO DE FRUTAS E PRODUTOS HORTICOLAS

Devido às dificuldades surgidas na actual fase de conciliação em que o patronato pretende apenas aumentar 10% as tabelas salariais em vigor, enquanto o custo de vida, desde o seu início de vigência até Dezembro de 1977, subirá no mínimo 40%, os Sindicatos vão reunir na próxima quinta-feira, dia 17, a fim de deliberarem sobre as posições a assumir.

Estando prevista nova reunião de conciliação na 6.ª feira, 18, para se tentar chegar a acordo sobre as tabelas salariais e os enquadramentos, a Comissão Sindical Negociadora exorta todos os trabalhadores do sector a manterem-se em contacto permanente com os seus sindicatos.

EM FRENTE PELO CONTRATO VERTICAL CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

15/3/77.

A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

COMPANHIA CIMENTO TEJO

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS E OUTRAS APLICAÇÕES EM VALORES MOBILIARIOS EM 31/DEZ/75

	QUANTIDADE	VALOR NOMINAL	PREÇO MÉDIO DE COMPRA	COTAÇÃO NA BOLSA	VALOR DE BALANÇO		VALOR TOTAL DE AQUISIÇÃO	DIFERENÇAS	
					UNITÁRIO	TOTAL		FLUTUAÇÃO DE VALORES	PERDAS LEVADAS A RESULTADOS
1. PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS									
1.1 Quotas									
1.1.1 Edel - Empresa Editorial Electrotécnica		4.000\$00				4.000\$00	4.000\$00		
1.2 Acções									
1.2.1 Banco Pinto & Sotto Mayor.	844.515	1.000\$00	454\$75		454\$75	384.045.129\$94	384.045.129\$94		
1.2.2 Bepor - Betões Portugueses	9.000	1.000\$00	2.196\$44		2.196\$44	19.768.000\$00	19.768.000\$00		
1.2.3 Sagres - Ca. Cimentos Algarve	3.000	1.000\$00	1.000\$00		1.000\$00	3.000.000\$00	3.000.000\$00		
1.2.4 Companhia Papel Prado	472.655	100\$00	101\$90		101\$90	48.241.460\$90	48.241.460\$90		
1.2.5 Companhia Seguros Confiança	25.001	100\$00	2.155\$91		2.155\$91	53.900.000\$00	53.900.000\$00		
1.2.6 Companhia Seguros Mundial.	239.225	100\$00	1.104\$59		1.104\$59	264.246.400\$00	264.246.400\$00		
1.2.7 Cooperativa Pessoal da C. Cimento Tejo	100	100\$00	100\$00		100\$00	10.000\$00	10.000\$00		
1.2.8 Siderurgia Nacional	212.000	1.000\$00	12.286\$50		12.286\$50	2.604.738.221\$50	2.604.738.221\$50		
1.2.9 Simotra - Sociedade de Imóveis e Transacções	800	1.000\$00	1.000\$00		1.000\$00	800.000\$00	800.000\$00		
1.2.10 Rovere - Soc. Revendedora e Importadora de Papel ..	100	1.000\$00	1.000\$00		1.000\$00	100.000\$00	100.000\$00		
1.9 Total	1.806.396					3.378.853.212\$34	3.378.853.212\$34		
2. OUTRAS APLICAÇÕES									
2.2 Títulos Estrangeiros									
2.2.3 Acções									
2.2.3.1 Companhia de Cimentos de Moçambique	1	80.000\$00	80.000\$00		80.000\$00	80.000\$00	80.000\$00		
2.2.3.2 Companhia Pozzolana Cabo Verde	3.923	1.000\$00	934\$66		934\$66	3.666.660\$00	3.666.660\$00		
	3.924					3.746.660\$00	3.746.660\$00		
3. TOTAL GERAL	1.810.320					3.382.599.872\$34	3.382.599.872\$34		

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Art.ºs 32.º e 31.º, alínea b), dos Estatutos, convocam-se todos os trabalhadores de Seguros associados deste Sindicato para a efectivação de uma Assembleia Geral Ordinária no próximo dia **31 de Março**, pelas 21.00 horas, no Salão de Festas da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Rua da Voz do Operário, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único: Apreciação, discussão e aprovação do Relatório e Contas do Exercício de 1976.

Lisboa, 15 de Março de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Fernando Manuel Leite Alves

Pub

Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes ASSEMBLEIA ELEITORAL AVISO-RECTIFICAÇÃO

Avisam-se todos os sócios que exerçam a sua actividade em **TORRES VEDRAS** e nas localidades de **LOURINHÃ, MALVEIRA, MAFRA e MERCEANA**, que os Cadernos Eleitorais estão patentes e em reclamação, até ao próximo dia 26 do corrente, na União Sindical de Torres Vedras, na Avenida Tenente Valadim, 1.º, das 9 às 13 e das 14 às 20.30 h., de 2.ª a 6.ª-Feira, e não conforme foi publicado na Imprensa diária, em 12 do corrente.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) António Luís Eça Tavares

Pub

Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura do Distrito de Portalegre

Em obediência ao artigo 34.º e de harmonia com os Estatutos, é convocada a Assembleia Geral Ordinária para exercer obrigatoriamente as atribuições previstas nas alíneas b) e c) do artigo 31.º, para o dia 27 de Março de 1977, pelas 10 horas, no Monte de Torres de Palma, em Vaiamonte.

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º — Apreciação do Relatório e Contas
- 2.º — Apreciação do Orçamento para 1977

PORTALEGRE, 14 de Março de 1977

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA
GERAL

António Maria Pascoal

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infância 16, 55-C—LISBOA

Central nuclear portuguesa custará 33 milhões de contos

Relatório da N.C.R. sobre "segurança"

Cerca de 33 milhões e 200 mil contos deverá ser o custo da primeira central nuclear portuguesa, a instalar, no âmbito de projectos governamentais, muito provavelmente pela via da sua aquisição à República Federal Alemã.

Aquela verba foi calculada, ao câmbio actual do dólar, através de dados ontem revelados pelo eng.º Alberto Jarro no seminário sobre problemas energéticos promovidos pela Electricidade de Portugal (E. D. P.) e diz respeito ao preço médio de uma central nuclear com um grupo gerador de 950 megawatts, do tipo P. W. R.

A repartição dos custos por quilowatt/hora desta central deverá orçar os 64 por cento para investimentos, 6,5 por cento para encargos de exploração e conservação e 29,5 por cento para encargos de combustível (urânio enriquecido).

Segundo notícias ultimamente divulgadas, e já parcialmente confirmadas por declarações recentes de Mário Soares sobre contactos mantidos na R. F. A. com vista à instalação de uma central nuclear, tudo aponta para que a compra venha a ser adjudicada à empresa alemã Kraftwerk Union (K. W. U.), actualmente tentando a conquista de mercados em diversos países, como a África do Sul, o Brasil e a Pérsia, que permitam ultrapassar as dificuldades económicas que atravessa.

Recordar-se, aliás, que tiveram considerável impacto internacional, nomeadamente nos E. U. A., afirmações também feitas por Mário Soares aquando da sua visita ao Brasil aludindo a um acordo nuclear luso-germânico. Face às reacções de Washington, Mário Soares viria, mais tarde, a «corrigir» as suas declarações, correcção que alguns jornais brasileiros não aceitaram transcrevendo integralmente as palavras do Primeiro-Ministro português.

ENCONTRO LUSO-ESPANHOL

A eventualidade da instalação de centrais nucleares na fronteira entre Portugal e Espanha e os problemas de segurança decorrentes, foram objecto de um estudo durante os dias 8 e 9 do corrente mês, em Madrid, entre delegações dos dois países.

Na sequência das conversações, foi elaborado um esquema de consultas recíprocas destinadas a garantir a protecção das populações e do ambiente.

A delegação portuguesa era constituída por representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Junta de Energia Nuclear e Secretaria de Estado

do Ambiente.

Para o corrente ano, data em que tudo indica que o Governo pretenda iniciar a montagem do reactor, estão já consignados 300 mil contos em investimentos relacionados com a exploração do urânio português. Entre estes conta-se a criação de uma empresa nacional de urânio, o alargamento da oficina de tratamento químico de Urgeirica e a reestruturação da Junta de Energia Nuclear.

N. C. R. PEDE "FORÇA DE POLÍCIA"

A instalação de centrais nucleares envolve em todos os países importantes medidas policiais de segurança. Neste aspecto, as empresas envolvidas na montagem e exploração das centrais tendem a criar os seus próprios «serviços de segurança», os quais pretendem, muitas vezes, «exportar» para os pequenos países que adquirem equipamentos nucleares. É assim que se criam verdadeiras «ilhas estrangeiras» dentro do território de nações soberanas.

Nos próprios países-sede a mesma tendência pode ser observada, pela via de pedidos para a criação de «forças policiais especiais», separadas das estruturas normais de segurança nacional e destinadas apenas à protecção dos em-

preendimentos nucleares.

Nos E. U. A., por exemplo, a N. C. R. (Nuclear Regulatory Commission) publicou recentemente um relatório («Security Agency Study, NUREG-0015, SES») em que examina a possibilidade e a necessidade de se criar, no seu seio, um Departamento de Segurança encarregado de proteger as instalações nucleares, o material nuclear e o seu transporte. Como o F. B. I., esta «força de segurança» teria carácter federal...

Nas conclusões expressas no relatório, a N. C. R. destaca a eficiência obtida pelo emprego de «vigilantes privados» devidamente treinados e sob licença da N. C. R., a qual se autocalifica como apta a assumir a garantia da segurança física das instalações e dos materiais nucleares.

Este estudo da N. C. R. foi realizado em consequência do prescrito na Lei de Reorganização da Energia, de 1974, assim como em diversas sessões do Congresso dos E. U. A. nas quais se considerou que a importância dos interesses públicos em causa, relacionados com a protecção da indústria nuclear contra acções de terrorismo, sabotagens, roubo, etc., tornaram necessária a existência, a nível federal, de uma força de Polícia dependente da N. C. R.

CORREIO AOS SÁBADOS: SIM OU NÃO?

Sindicato dos C.T.T. faz consulta à classe

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações vai fazer uma consulta à classe, a nível nacional, a propósito da tão controversa questão da abertura, ou não, aos sábados, de 39 estações, segundo determinação do Ministério dos Transportes e Comunicações. Entretanto, aquele órgão de classe,

que esta manhã promoveu uma concentração defronte da sede da administração dos CTT, na Rua de S. José, está disposta «a enfrentar as realidades» e a «não ceder no que considera como ponto de honra», isto é, a tentativa do Governo no sentido de lhe retirar uma das «vitórias alcançadas pelos trabalhadores após o 25 de Abril».

a folga aos sábados.

Esta manhã, na sede do SNTCT, alguns dos dirigentes do sindicato fizeram o ponto da situação, adiantando a sua disposição em não desistir da luta que aquele órgão e os seus trabalhadores vêm travando a despeito da ameaça de processos disciplinares contra quem não obedecer às determinações do Governo, para além das multas já anunciadas, medidas que consideram repressiva. Repressiva, também, é a atitude da administração, que segundo os trabalhadores completa a «obrigatoriedade de abertura decretada pelo Governo».

Historiando um pouco o levantamento da questão, dos dirigentes do SNTCT referiram o facto de a medida tomada pelo Governo ter sido decretada sem consulta aos trabalhadores e ao seu órgão representativo, e apresentada como facto consumado numa reunião travada entre o ministro dos Transportes e Comunicações e o Sindicato, em 3 do corrente. Nessa reunião, Rui Vilar terá sublinhado aos dirigentes do

SNTCT que as taxas iam aumentar, e que seria curial «dar qualquer coisa em troca à população», de acordo com as «medidas de austeridade» decididas em Conselho de Ministros. A abertura de algumas das estações era uma das concessões.

O sindicato veio a tomar a posição que é publicamente conhecida, e considera que aquela decisão governamental é «uma cedência à direita e ao capitalismo internacional», passando «pelo retirar de direitos aos trabalhadores». Dá a luta desenvolvida, que tem sido acompanhada, por parte dos trabalhadores. Daí a luta desenvolvida, que tem sido acompanhada, por parte dos trabalhadores, de propostas feitas ao Governo no sentido de ultrapassar o impasse. Tanto este, como a administração, segundo afirmaram os dirigentes sindicais, «não têm cedido». «Os trabalhadores portugueses, — afirmaram ainda — começam já a pagar a preparação da entrada do País na C.E.E.».

Assalto com "spray" rendeu 400 contos a dois jovens

PORTIMÃO, 17 — Dois funcionários da agência do Banco Nacional Ultramarino da Praia da Rocha que iam despachar para Lisboa cerca de 400 contos em notas estrangeiras, foram assaltados à entrada da estação dos C.T.T. dessa localidade por dois jovens que os cegaram momentaneamente com um «spray» de gás e que lhes furtaram a quantia acima referida.

O assalto teve lugar por volta das 16 horas e os dois jovens, que aparentam ter entre 20 e 22 anos, e que envergavam blusões negros e calças de ganga, fugiram numa bicicleta motorizada.

O assalto rendeu aos jovens 600 coroas dinamarquesas, 2075 coroas suecas, 2255 dólares norte-americanos, 185 dólares canadenses, 6100 florins holandeses, 19.400 francos belgas, 2700 francos franceses, 2620 francos suíços, 225 libras, 5895 marcos, 2000 xelins austríacos e 200 marcos finlandeses.

O caso tem despertado a maior curiosidade porque os assaltantes actuaram com tal rapidez que as pessoas pre-

sentes no local não se aperceberam do que estava a acontecer. Mais estranho, ainda, é o facto de ninguém ter podido saber que o despacho ia ter lugar naquele dia e àquela hora por se tratar duma operação que os funcionários bancários levam a cabo esporadicamente.

Admite-se, assim, que os jovens estivessem no local para assaltar quem quer que fosse que aparentasse ter dinheiro ou que tivessem aguardado vários dias até verem dois funcionários do banco — sinal de que um deles transportava valores. Tudo leva, assim, a crer que os jovens são da região e conhecem os hábitos das pessoas que nela habitam, se é que não conhecem muitas delas pessoalmente.

Ironicamente, o «spray» que eles usaram é uma arma defensiva que se vende em muitos países e que se destina à protecção individual contra ladrões. Embora estes «sprays» não estejam à venda em Portugal, emigrantes portugueses na Alemanha têm trazido alguns que vendem por preço elevado no País.

Assalto a banco fechou com "saldo" de 300 contos

PORTO, 17 — Momentos depois da reabertura, foi assaltado na tarde de ontem, nos moldes já habituais, uma agência do Banco Totta e Açores, situada na rua do Vale Formoso, no Porto.

Os assaltantes, todos jovens, com luvas e meias enfiadas na cabeça, conseguiram levar 300 contos, fugindo depois num automóvel. A Polícia Judiciária e

a P.S.P. estiveram pouco depois no local, iniciando as investigações.

Dada a matrícula do veículo, fornecida por testemunhas, a P.S.P. contactou Lisboa, afirmando que a mesma era falsa.

Até esta manhã, não há notícias de que o carro utilizado para o assalto tenha sido encontrado abandonado.

CONTRATAÇÃO COLECTIVA

Situações de impasse mantêm-se dos farmacêuticos ao material eléctrico

As situações de impasse nas negociações de novos contratos colectivos de trabalho continuam a verificar-se, decorrentes em muitos casos da dificuldade em conseguir acordos quanto a tabelas salariais por, particularmente, existir legislação que permita recuperar nesse campo o aumento do custo de vida.

Assim, os metalúrgicos que pretendem a negociação directa do seu contrato, contrariamente à posição patronal que entende dever passar-se à via administrativa, continuam a aguardar que lhes sejam concedidas entrevistas não só no Ministério do Trabalho, como no Gabinete do Primeiro-Ministro, na Assembleia da República e no Conselho da Revolução.

Os gráficos, que acusam o patronato do sector de se recusar a negociar, decidiram por seu turno, aprovar uma proposta apresentada pela C.N.S. num plenário realizado na Voz do Operário, nos termos da qual será recusado desde já o trabalho extraordinário e serão feitas paralisações no próximo dia 24.

Os representantes dos trabalhadores da panificação são hoje recebidos no Ministério do Trabalho, pelo secretário de Estado Maldonado Goncalves, a quem exporão a sua posição relativamente a liberalização dos horários de trabalho recentemente estabelecidos em portaria publicada no Boletim do M.T.

Mas, os casos não terminam aqui: na construção civil a Comissão Negociadora Sindical acusa o Governo de não ter respeitado os seus compromissos assumidos no dia 2, véspe-

ra de uma paralisação no sector, e de acordo com os quais seriam impostas por via administrativa as tabelas salariais constantes da sua proposta; os vidreiros continuam as negociações, com a tabela salarial aprovada, mas com sérios obstáculos no clausulado que refere determinadas regalias importantes; na indústria e comércio farmacêutico, respondendo à proposta sindical, o patronato pretende inclusivamente alargar os horários de trabalho.

FARMACÊUTICOS

De facto, a contraproposta patronal prevê a exclusão dos trabalhadores das ilhas, aplicação do Contrato Colectivo Vertical durante dois anos com aplicação a partir da sua publicação, aumento do número de horas de trabalho para 45 por semana e obrigatoriedade de horas extraordinárias.

Segundo acusaram, ontem, em conferência de imprensa, elementos do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêutico, a contraproposta patronal consagra salários inferiores aos efectivamente praticados, chegando a prever salários iguais ou inferiores aos estabelecidos em contratos anteriores.

As negociações deste C.C.T. iniciaram-se no dia 14 de Fevereiro e logo no dia 23 deste mês depois de quatro reuniões de negociação os representantes dos patrões pediram a passagem à fase de conciliação.

Por isso, e denunciando «a escalada repressiva que o patronato quer fazer abater sobre os trabalhadores», os dirigentes sindicais criticaram o Ministério do Trabalho por, desde

o dia 23 de Fevereiro, não ter feito, ainda, qualquer diligência para a saída do impasse.

GRÁFICOS

No caso dos gráficos, que ainda não conseguiram sequer negociar a primeira cláusula do seu C.C.T.V. em consequência das entidades patronais se recusarem a negociar conjuntamente, cerca de mil trabalhadores aprovaram, ontem, na Voz do Operário, uma moção de acordo com a qual se registará uma paralisação no próximo dia 24 com recusa, desde já, das horas extraordinárias.

Essa paralisação será feita no primeiro período naquela data e nos casos de trabalhadores por turnos será cumprida com a paragem durante o primeiro período de trabalho do turno respectivo. As paralisações serão aproveitadas para discussão da situação com envio de telegramas ao M.T., de repúdio pelo boicote patronal às negociações.

Ainda de acordo com a moção ontem aprovada, entre o dia 28 e o dia 2 do próximo mês, realizar-se-ão plenários de trabalhadores nos vários distritos, para discussão e decisão das formas de luta a adoptar no caso de se manter a recusa patronal.

Este Contrato Colectivo Vertical, abrangendo 45 mil trabalhadores, inclui sectores diversos, desde a cartomagem aos gráficos e editores e livreiros. São exactamente os patronatos destes dois últimos sectores que se recusam à negociação sem sucesso.

A solução seria o Ministério do Trabalho publicar uma portaria definindo o âmbito, de acordo com o parecer da Comissão Técnica nomeada expressamente para o efeito.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Enquanto a C.N.S. dos trabalhadores das agências de Viagens obteve da parte do subsecretário de Estado do Trabalho a garantia de que a portaria de extensão ao sector privado será publicada até ao final do

mês, a Comissão Negociadora da construção civil acusou, ontem, em comunicado, o Governo de não cumprir os seus compromissos.

Afirmando nesse documento que a decisão do Governo contraria, inclusivamente a verticalização do sector, afirma a C.N.S. da construção civil que os ordenados mínimos não correspondem aos compromissos e são «uma tabela divisionista que não é a nossa». A acusação respeita ainda, à pretensão patronal, assim satisfeita, de deixar de fora alguns sectores profissionais nomeadamente os químicos, tipógrafos e engenheiros.

Nesse comunicado afirma-se que os trabalhadores da construção civil «estão dispostos a defender e garantir a sua unidade, coesão e combatividade» e «não deixarão de lutar pelos seus objectivos» nem «recuarão perante este ou qualquer outro obstáculo que surja no caminho».

TÊXTEIS

Entretanto, no sector têxtil as negociações com vista ao C.C.T.V. prosseguem hoje, depois de ontem quase se ter entrado numa situação de impasse, quando os patrões pretendiam que, como condição para o prosseguimento das negociações, terminasse a greve declarada no Norte pelos trabalhadores da Sico, embora sem qualquer relação com a discussão do contrato. No entanto, a situação foi ultrapassada.

Hoje as discussões versarão

a cláusula 4.ª, quando já foi aprovada a 3.ª, que estabelece a retroactividade do contrato a partir de 1 de Janeiro e vigência do C.C.T. por um ano no caso de ser revogada a legislação que o valida por 18 meses. No entanto, tanto as tabelas salariais como outros pontos que foram objecto de recente legislação de trabalho, serão deixados para o fim das negociações.

MATERIAL ELÉCTRICO

Por outro lado, no que respeita à negociação do C.C.T. de fabricantes de material eléctrico e electrónico, realizou-se no dia 15, a 43.ª reunião de conciliação, após as Comissões Negociadoras (sindical e patronal) terem sido recebidas pelo subsecretário de Estado do Trabalho.

Nesta reunião, enquanto o patronato manteve a sua proposta de aumentos salariais na ordem dos 10 por cento contra os 25 por cento pedidos pela C.N.S., as partes foram instadas pelo Ministério do Trabalho a pronunciarem-se quanto à conclusão do contrato, por considerar que estava esgotada a fase de conciliação.

Segundo se afirma num comunicado divulgado pelo Sindicato dos Electricistas do Sul, «o patronato pretende lançar para o Governo a responsabilidade da resolução do C.C.T., tentando, com certeza retirar dividendos do facto de ser o Governo a decidir quanto à futura regulamentação de trabalho neste sector fortemente dominado pelas multinacionais».

Paralisações na Oliva (ITT)

Os trabalhadores da «Oliva», instalada em S. João da Madeira, decidiram em plenário fazer uma hora de paralisação semanal com vista a que o Governo defina o futuro da empresa.

Esta forma de luta prolongar-se-á até ao final do mês corrente, após o que novo plenário decidirá outras formas de luta.

Na reunião foi aprovada tam-

bém uma proposta de exigência à administração no sentido de transformar em acções dois terços dos empréstimos da Banca à empresa.

Entretanto, a administração, nomeada pela multinacional ITT, começou ontem pagamento de ordenados, depois de anunciar que só poderia fazê-lo na próxima segunda-feira.

C.G.T.P. desconhece "pacto social"

Em comunicado ontem divulgado, a Confederação Geral dos Trabalhadores Inter-sindical Nacional afirma que «não pode ser verdadeira e, por isso, formalmente se desmente, a afirmação de que o secretariado da C.G.T.P.-I.N. teria iniciado negociações de um «pacto social», expressão cujo conteúdo se desconhece em absoluto».

Nessa nota, o secretariado da C.G.T.P.-I.N. relata o que de facto se tem passado. Assim, «no cumprimento do mandato que lhe foi confiado no Congresso de Todos os Sindicatos, o secretariado da C.G.T.P.-I.N. solicitou entrevistas com o Presidente da República, Conselho da Revolução, presidente da Assembleia da República, primeiro-ministro, ministro do Trabalho, com vista a obter resposta para o caderno reivindicativo imediato, aprovado no Congresso, no qual estão incluídas as grandes questões e problemas que preocupam os trabalhadores nomeadamente: o congelamento da contratação colectiva; aumento do custo de vida; os despedimentos e o desemprego; a defesa da Reforma Agrária e das empresas intervencionadas e em autogestão; a defesa de todo o sector económico não capitalista».

De acordo com o texto que referimos, em resposta

a essas solicitações foi aquele secretariado recebido pelo ministro do Trabalho no dia 18 do mês passado.

«Nessa audiência, em face dos problemas levantados pelo secretariado em relação à aplicação do Decreto-Lei 49-A/77, o ministro perguntou se o movimento sindical estaria disposto a discutir a «norma salarial» cujo conteúdo não estava ainda assente, prevista no artigo 3 do referido Decreto-Lei, tendo-lhe sido respondido afirmativamente, dentro do espírito de abertura ao diálogo com os órgãos do Poder, sempre seguido pelo movimento sindical.

Desde então, não houve qualquer contacto com o ministro do Trabalho».

Mais tarde, no dia 8 do mês corrente, em face dos impedimentos temporários do primeiro-ministro, o secretariado foi recebido pelo ministro do plano e Coordenação Económica, com a presença do secretário de Estado do Trabalho. Diz-se na nota que seguimos: «Nella, para além da reafirmação das linhas de orientação definidas pelo Congresso de Todos os Sindicatos, feita pelo secretariado da C.G.T.P.-I.N. não foi adiantada pelos governantes qualquer proposta concreta».

J.P. ZAGALO

Cinco meses sem receber

Continuam sem receber qualquer remuneração, desde Novembro, os trabalhadores da empresa de construção civil J.P. Zagalo, do Porto, apesar das diligências de vários sindicatos efectuadas junto da administração e do Ministério do Trabalho.

Gorado que foi o último contacto com este Ministério, os representantes dos nove sindicatos ligados à firma avisaram-se hoje com o secretário de Estado das Obras Públicas no sentido de expor a situação de desemprego em que se encontram os 800 trabalhadores. No caso de não serem bem sucedidos, os representantes dos trabalhadores levarão o problema a outras instâncias do poder.

A administração da firma alega que não tem dinheiro porque o Estado lhe deve vultosa quantia. Entretanto, segundo informação de um dirigente sindical, consta que recentemente a firma recebeu determinada quantia, mas os trabalhadores não viram nem um tostão.

DIFERENDO NA SECURITAS

Serviços de segurança podem paralisar a partir de 2.ª-feira

Os trabalhadores da Securitas, empresas especializadas na prestação de serviços de vigilância e alarmes, desejam ver cumprido o acordo colectivo de trabalho do sector, pelo que estão dispostos a entrar em greve progressiva a partir de segunda-feira, caso atrela a administração da empresa não garanta a efectiva observância dos seus direitos.

Segundo foi ontem divulgado pelos delegados sindicais da empresa, a administração tem invocado falta de cumprimento do ACT, designadamente no que respeita ao horário de 45 horas, pagamento de diuturnidades em atraso, horas extraordinárias e feriados.

O diferendo envolve mais de 600 trabalhadores, podendo vir a afectar cerca de 200 empresas a quem a Securitas presta serviços, entre as quais instituições bancárias e grandes firmas industriais.

Os trabalhadores responsabilizam a administração pela consequência da situação que vier a ser criada. Segundo estes afirmam, a falta de dinheiro não é tanta que tenha impedido a gerência de gastar cerca de dois mil contos na realização de um congresso sobre segurança e vigilância, recentemente efectuado.

A Securitas é a filial portuguesa de uma multinacional sueca implantada em diversos países europeus.



EMPRESAS AUTOGERIDAS

Não tendo ainda sido aprovado pela Assembleia da República o estatuto das empresas em autogestão, o Ministério do Trabalho prorrogou por mais trinta dias as providências decretadas em Novembro do ano findo, destinadas a impedir a perturbação do funcionamento das empresas naquela situação. A decisão consta do Decreto-Lei n.º 98/77, hoje publicado no «Diário da República».

SEGUROS

«A reestruturação da indústria levada a efeito com a participação e controlo dos trabalhadores é a única via para a consolidação das nacionalizações e para a defesa dos seus interesses», lembra a Comissão de Trabalhadores da Companhia de Seguros Garantia Funchalense (sede), ao assinalar o segundo aniversário da nacionalização das empresas do sector.

CANEIRO

O atraso no pagamento dos salários levou os trabalhadores da Empresa Têxtil do Caneiro, de Braga, a paralisarem de novo a actividade. O sindicato vem alertando os Ministérios desde Agosto do ano passado para a grave situação financeira da empresa, que põe em causa 900 postos de trabalho.

C.M.L.

Realiza-se no próximo dia 6 de Abril a Assembleia Constituinte do Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa, que se encontrava inicialmente prevista para amanhã. O adiamento foi ditado pela intenção de garantir, em absoluto, a legalidade da Assembleia.

BARRO VERMELHO

Os problemas suscitados pela não publicação da portaria de extensão ao sector do Barro Vermelho do C. C. T. das cerâmicas, e as formas de luta a adoptar para pôr termo a esta situação, serão objecto de análise durante um grande encontro de delegados sindicais do sector, a efectuar na próxima terça-feira, pelas 14 horas, nas instalações da União dos Sindicatos de Lisboa.

ELEIÇÕES NA A.G.P.L.

Apoiar o Sindicato das Administrações e Juntas Portuárias na luta por um Contrato Colectivo de Trabalho que consagre uma tabela salarial revogável constante o aumento do custo de vida, bem como condições de trabalho e regalias sociais adequadas, é um dos pontos programáticos da lista «B», unitária, concorrente às eleições para a Comissão de Trabalhadores da Administração Geral do Porto de Lisboa. A votação efectua-se nos dias 23 e 24.

EMPREGADAS DOMÉSTICAS: O PREÇO DA "RE" Enterrar o código,

Levar as associadas a tomar consciência de classe é a tarefa prioritária do Sindicato do Serviço Doméstico. Tarefa imensa a que as dirigentes sindicais meteram ombros, e difícil, pois além do obscurantismo e paternalismo que pesam sobre a classe, as trabalhadoras domésticas trabalham isoladamente, dentro de casas onde habitam famílias para quem eles são sempre os estranhos.

Mas a Direcção Sindical do S. S. D. persiste nos seus objectivos e um levantamento da classe com nomeação de delegados sindicais está a ser feito. Reconverter a classe, custe o que custar, é o horizonte da vanguarda esclarecida das trabalhadoras domésticas.

Desde 1973 — portanto ainda no regime de Caetano — que as trabalhadoras domésticas têm direito à Previdência, através das Caixas Distritais. Os descontos mensais são, em Lisboa e Porto, 95\$00 (25 escudos pagos pela trabalhadora e 70 pela patroa); nos concelhos com sede noutras capitais de distrito, de 65\$00 (a trabalhadora desconta 20\$00 e a patroa 45) e, nos restantes concelhos, os descontos cifram-se em 40\$00 (10 da trabalhadora e 30 dos patrões). Para as trabalhadoras que recebem o seu vencimento à hora, o desconto faz-se com base em 2\$00 por cada período de 4 horas, cabendo \$50 à trabalhadora e 1\$50 à entidade patronal.

O subsídio dado na situação de «baixa» por doença, é estipulado com base em salários mensais convencionados em 1 200\$00 em Lisboa e Porto, 900\$00 nos concelhos com sede noutras capitais de distrito e 600\$00 nos restantes.

Como o regime que as abrange é especial, as trabalhadoras têm direito aos três meses de parto, mas não recebem abono de família nem subsídio de aleitação.

É grande o número de trabalhadoras inscritas na Caixa de Previdência — pelo menos todas as sindicalizadas e são

elas próprias que, ante a perspectiva de alguma assistência e de uma magra reforma incitam os patrões a isso.

O Sindicato do Serviço Doméstico não acusa quantidade significativa de conflitos laborais por não cumprimento des-

Casamento: despedimento

Quando pensa em mudar de vida, se engravida ou pensa casar, a trabalhadora corre o risco do despedimento.

Uma mulher trabalhava há muito tempo numa casa. Era uma das que se dedicava aos patrões com desvelos de mãe: no Inverno era ela quem tinha o cuidado de lhes colocar o saco de água quente na cama e quem, depois de deitados, os ia tapar. Aos quarenta anos, esta mulher resolveu casar. E propôs aos patrões continuar a trabalhar para eles como externa. A resposta foi negativa.

ta obrigação para com o trabalhador. De um modo geral mesmo os patrões mais rebeldes, se são solicitados ou pela trabalhadora ou mesmo pelo Sindicato para proceder à inscrição, acabam por fazê-lo e só em raras excepções isso dá azo a despedimento.

Mas se a trabalhadora fica impossibilitada de prestar o serviço porque adoeceu e tem de estar de cama ou tem que ir ao hospital regularmente fazer um tratamento, então aí a compreensão e espírito de justiça patronal costumam faltar.

«Eu trabalhava há cinco

anos numa casa», conta uma trabalhadora doméstica «um dia adoeci, tive de ficar de cama e a minha patroa chamou imediatamente a minha família. Que me levassem para casa porque, segundo disse, não conhecia médico nenhum para me tratar».

«Eu trabalhava há dois anos

numa casa e a certa altura adoeci. Embora fosse uma doença ligeira, obrigava-me a ir semanalmente ao hospital. Algumas semanas depois de eu andar a fazer esse tratamento, a minha patroa começou a mostrar-me má cara. Falei com ela, disse-lhe que não tinha gosto nenhum em ir ao hospital mas tinha de ser. Então ela respondeu-me que se quisesse não me deixava ir e que não levantava problemas porque era uma pessoa bem educada».

NA PROVÍNCIA

Na província, as condições de trabalho desta classe agra-

vam-se. Calcula-se que das 90 e tal mil trabalhadoras domésticas não sindicalizadas a maioria se encontra na província.

O ordenado mais corrente é de 1000 a 1500 escudos.

Sem protecção sindical nem assistência da Previdência, a trabalhadora, rompe com mais dificuldade o cerco em que se move num meio pequeno faz-se mais sentir o peso do obscurantismo, do paternalismo e da repressão. Também é maior o isolamento e em menor número das casas para trabalhar. Logo, se os patrões a despedem, a trabalhadora tem muito mais dificuldade em se empregar de novo.

«O nosso grande problema é esse», afirma uma dirigente sindical «é a facilidade com que os patrões nos despedem. Embora nós tenhamos direito a ter filhos e a gozar três meses de parto, embora haja uma lei geral de trabalho, a verdade é que na prática os patrões podem despedir e fazem-no — quando muito bem querem e entendem, deixando a trabalhadora sem trabalho, sem casa, no caso das internas, e nós não temos lei específica que nos defenda».

O maior número de conflitos que surge no Sindicato insere-se no grupo dos despedimentos. Os pretextos são os mais variados: desde a sindicalização ao pretenso roubo e à alegada falta de dinheiro para pagamento do vencimento, num período de doença ou de gravidez, os patrões mandam a trabalhadora embora, a maior parte das vezes não se sentindo na obrigação de pagar indemnizações.

O Sindicato tenta resolver a questão mandando uma dirigente com a trabalhadora a casa dos patrões, a fim de poder haver entendimento pelo diálogo; numa segunda fase, a entidade patronal é chamada ao Sindicato e numa terceira é última fase, o Sindicato utiliza a única via que lhe é permitida, ou seja, o tribunal de conciliação.

«Quando vamos a casa da patroa ou a chamamos aqui, a patroa acha-se sempre com a razão do seu lado, a empregada é sempre ou estúpida ou malcriada ou qualquer coisa de menos que ela. Nós aconselhamos as trabalhadoras a responderem sempre à patroa, quando, a razão está do seu lado, embora com correcção».

DECRETO-LEI QUE NÃO APARECE

Legalmente, os trabalhadoras do Serviço Doméstico estão abrangidos ainda pelo Código Civil de 1867, podendo apenas recorrer para resolução dos conflitos laborais que lhe são postos, ao tribunal de conciliação.

O grupo de vanguarda que constitui actualmente os corpos gerentes do Sindicato e já no regime fascista lutava clandestinamente pela sua criação, desenvolve desde Outubro de 74 uma luta a nível governamental para publicação do decreto-lei que regulamentará as relações de trabalho do sector.

Embora os estatutos do Sindicato do Serviço Doméstico tenham sido publicados apenas em 21 de Junho do ano passado, em Outubro de 74 foi entregue ao Ministério do Trabalho pelo grupo que dinamizou a fundação do Sindicato um projecto de decreto-lei. O texto elaborado pelo MT mas que não foi ainda discutido em Conselho de Ministros, tem grandes falhas na opinião dos Sindicatos do Serviço Doméstico, nomeadamente no que toca a três questões: exclui as trabalhadoras a dias; quanto a horário apenas refere que o trabalhador tem direito a 12 horas de descanso diário; omite pagamento de décimo terceiro mês e subsídio de férias; estipula o pagamento pela entidade patronal de apenas 15 dias de indemnização por cada ano de serviço em caso de despedimento sem justa causa.

No seu projecto, o S.S.D. defende que o período semanal de trabalho é de 48 horas, de segunda a sábado, devendo o período diário de trabalho estar compreendido entre as 8 e as 20 horas e ser definido por comum acordo. Durante o dia, os trabalhadores deverão ter intervalos não inferiores a uma hora para as refeições. Quanto a folgas semanais elas serão obrigatoriamente o domingo e mais meio dia escolhido de acordo com a entidade patronal. O projecto estabelece ainda o pagamento integral dos subsídios de Natal e de férias. Relativamente a indemnizações por despedimento sem justa causa o projecto do S.S.D. estipula que o trabalhador deve ser indemnizado com a seguinte base: até 10 anos de casa, pagamento de dois meses por cada ano completo de serviço; mais de dez anos de casa, pagamento de três meses por cada ano completo de serviço.

«Apesar de mau nós pugnamos pela publicação do decreto porque sempre é melhor que estarmos ao abrigo do Código Civil de 1867 e, passando um ano, poderemos contestá-lo legalmente e melhorá-lo», afirmam as dirigentes sindicais do S.S.D.

Só que ao fim de mais de dois anos, o decreto continua a não aparecer e os S.S.D. sabe apenas que há patrões que se riem e garantem às empregadas que o decreto não sai.

DE PORTA EM PORTA

«Não podemos deixar que as nossas associadas fiquem

agarradas à ideia do decreto ou que associem o Sindicato à saída do diploma», afirma a presidente da Direcção, Maria da Conceição Ramos, uma das pioneiras na luta organizada da classe. «Temos que continuar a pressionar o Governo e, independentemente disso, temos de continuar a lutar organizadamente. Juntas, poderemos abrir novas perspectivas à luta».



Uma centena de trabalhadoras domesticamente nas assembleias sindicais que as dirigem

Mas como chamar à luta organizada esta classe composta de 100 000 trabalhadoras, mulheres na sua maioria (o S.S.D. tem 10 sócios do sexo masculino, jardineiros e mordomos) das quais apenas seis mil são sindicalizadas no S.S.D. e cerca de 100 comparecem nas assembleias gerais? Como chamar à luta estas mulheres que nem sequer podem desenvolver luta comum com as mulheres das casas, as patroas, quando tantos problemas são comuns.

Aqui cabe referir uma particularidade do patronato desta classe: embora em Lisboa pelo menos, seja constituído na sua maior parte por bancários e funcionários públicos, a patroa trabalhadora «arranja» o seu tempo livre fora de casa para ir ao Sindicato, por exemplo, mas não entende que deva sacrificar-se para que a trabalhadora doméstica possa participar na actividade sindical. É a tal situação de inferioridade permanente que se cria desde o início. Um único apelo fizeram as trabalhadoras domésticas ouvidas nesta reportagem: que as patroas sejam mais

COSEC

COMPANHIA DE SEGURO DE CRÉDITOS, E.P.

COMUNICA A MUDANÇA DAS INSTALAÇÕES DA SUA SEDE PARA:

AV. DA REPUBLICA, 58/ CAMPO PEQUENO, 1/ LISBOA-1

INDICANDO OPORTUNAMENTE OS NUMEROS DOS TELEFONES

E DA SUA DELEGAÇÃO DO PORTO PARA:

RUA GONÇALO SAMPAIO, 329, 3.º Dt.º/ PORTO

COM OS TELEFONES 694959 E 694950

**“Temos que viver com aquilo que temos.
 Havemos de viver como queremos”**

"CONVERSÃO" (fim) publicar a lei

TEXTO: MANUELA ALVES

compreensivas.

A fim de vencer a barreira da alienação, o S.S.D. promove actualmente um «levantamento» da classe a nível da sede em Lisboa e também das suas catorze delegações.

«Vamos de porta em porta conversando com as nossas colegas numa tentativa de chamarmos à nossa luta o maior número de trabalhadoras», esclarece um dirigente sindical.

Como noutros sectores, as delegadas serão as vias de canalização para o Sindicato dos problemas da classe.

RECONVERSÃO DA CLASSE

«Reconverter» a classe e assim levá-la a participar na transformação da sociedade é o objectivo da minoria vanguardista das dirigentes do S.S.D. Dentro desta perspectiva, o Sindicato tem tomado algumas iniciativas, que servem também para «instruir» as associadas a encontrar soluções para os casos de desemprego.

«Até agora temos trabalhado em sistema individualista, isoladas em casa de famílias, trabalhando muitas vezes para burgueses ociosos. É com isso que queremos acabar, para passarmos a trabalhar para o colectivo, através de serviços públicos: refeitórios, lavandarias, creches, entre outros serviços. Porque havemos de cozinhar apenas para uma família? Ou aturar os filhos de uma única senhora quando há tantas mães trabalhadoras que não têm onde deixar os seus?», assim expôs a questão uma dirigente do S.S.D.

Nesse sentido, o Sindicato do Serviço Doméstico criou uma cooperativa, a Cooperser-do, com sede no Porto e uma delegação em Lisboa, cujos sócios são apenas trabalhadoras domésticas. Neste momento, a cooperativa conta com 35 associadas, cada uma das quais entrou com a «jóia» de 1 000\$00. No Porto, a cooperativa explora um refeitório, uma creche, e uma equipa de trabalhadoras ao domicílio, as quais podem também prestar serviço em firmas, o que aconteceu já no Porto, especialmente em períodos de férias. Em Lisboa, funciona um refeitório, estando em curso a abertura de uma creche e de uma lavandaria todos os serviços estão instalados no prédio do Sindicato, na Rua de São Bento 127). Qual quer destes serviços é público. Em Lisboa e em Évora há também uma equipa de serviço ao domicílio.

«Estes serviços permitiram-nos empregar trabalhadoras desempregadas. Elas têm também assistência da Previdência e recebem o ordenado mínimo nacional. Claro que tudo isto é incipiente, mas é assim que entendemos a reconversão da classe: fim à situação de trabalhadora doméstica interna.

Ao mesmo tempo, o S.S.D. tem desenvolvido um programa cultural com um curso de alfabetização dado também por trabalhadoras domésticas, al-

gumas sessões de esclarecimento sobre vários temas, entre eles o aborto, planeamento familiar, etc.

Este programa incluiu já a programação de filmes ao domingo à tarde.

No Porto, uma equipa de teatro constituída por trabalhadoras domésticas tem feito interessantes experiências. Geralmente de improviso, cada trabalhadora diz qual o papel que gostaria de fazer: depois no decurso da representação, vai apresentando a sua história e como gostaria de a resolver.

As iniciativas deverão multiplicar-se, as dirigentes sindicais assim se propõem fazer. E os resultados positivos a seu tempo hão-de vir.

Roubo, um pretexto

«Ainda há pouco tempo apareceu aqui uma trabalhadora interna a queixar-se de que a patroa a tinha despedido sem lhe dar tempo a arranjar casa e sem lhe pagar o que lhe devia», conta uma das dirigentes com quem trocámos impressões.

«A patroa teve que ausentar-se de casa durante uns dias e a trabalhadora ficou sozinha. Quando a patroa regressou, disse que lhe faltavam mil escudos e pôs a rapariga fora sem mais «aquelas». A empregada, apareceu aqui e, como é nosso hábito, acompanhei-a a casa da patroa para tentar resolver o problema. A senhora fez um escarcêu e ainda quis agredir a nossa associada. Eu expliquei-lhe que se desconfiava da trabalhadora, apresentasse queixa à polícia, mas antes disso teria que pagar-lhe pelo menos o trabalho que durante um mês a empregada desenvolvera. Depois de muita discussão acabou por pagar-lhe e disse que não apresentava queixa na polícia porque não queria maçadas. E eu fiquei, no fim, com a impressão de que a acusação não passara de um pretexto para despedir a empregada.»



domésticas comparece habitual-
ais. É a partir desta realidade
es têm de agir

E um trabalho moroso e irregular, não só porque as associadas dificilmente dispõem de tempo livre como o dinheiro de que o Sindicato dispõe é também escasso. Tem vivido do dinheiro das quotas das associadas: 20 escudos por mês.

(O Sindicato do Serviço Doméstico não se ressent de imediato com a lei das quotizações, pois os patrões nunca foram chamados a fazer qualquer contribuição monetária).

«Simultaneamente», prossegue a dirigente sindical, «estamos a «descobrir» delegadas sindicais de bairro ou zona. Até agora temos nós que as nomear porque as nossas associadas (e as que ainda o não são) na sua maioria não se conhecem, mas numa fase posterior serão eleitas».

Sequestro

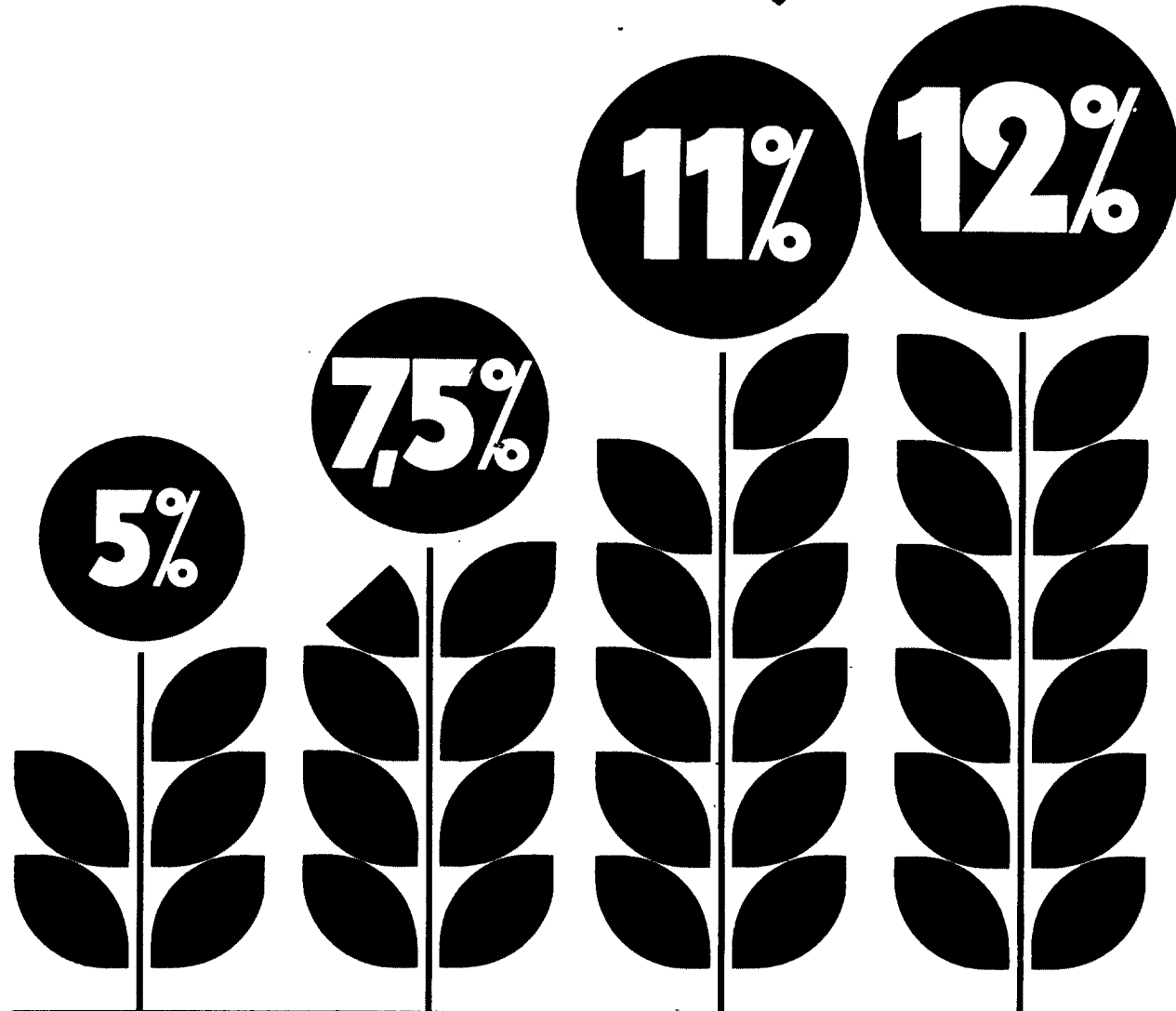
«Venho contar-vos um caso que se passou com uma irmã minha. O caso dela já não tem solução, mas para vocês pode ser um alerta».

Foi nestes termos que um rapaz um dia se dirigiu ao Sindicato do Serviço Doméstico. A irmã viera para Lisboa «servir». Uma senhora de Lisboa, a patroa, fora à terra buscá-la e o pai recomendou-lhe que não a deixasse sair à rua sozinha. Nem lhe falou no irmão que já há alguns anos trabalhava na capital: nem o irmão soube da vinda da irmã.

A patroa cumpriu tão rigorosamente a recomendação do pai que a rapariga só podia trabalhar, nunca saía e nem sequer à janela podia assomar. A vida de servir tornou-se-lhe de tal modo insuportável que escreveu ao pai a pedir-lhe que a levasse de novo para a terra. E só depois do regresso o irmão soube do que se passara.

«Como este ainda há muitos casos. A patroa desta rapariga, por exemplo, costuma ir à terra, buscar as trabalhadoras da sua casa e cumpre sempre escrupulosamente a recomendação de não a deixar sair sozinhas». Comentam as dirigentes sindicais.

DEPÓSITOS A PRAZO* dão mais juros



PRÉ-AVISO E
A MAIS DE

30
DIAS

A MAIS DE

90
DIAS

A MAIS DE

180
DIAS

A MAIS DE

1 ANO

* Agora, pode levantar o seu dinheiro com facilidade. Em qualquer altura

* Imposto de Capitais a cargo do depositante



Consulte o seu Banco

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARES AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 25 - CAVE
— LISBOA 1 —

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Dia 27 de Março de 1977

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento ao estabelecido no Art.º 32 e alínea B) dos Estatutos, convoco uma Assembleia Geral Ordinária a realizar no dia 27 de Março de 1977, pelas 10 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico (Av. Róvisco Pais — Lisboa), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único: Discussão e eventual aprovação do Relatório de Contas da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal, referente ao exercício de 1977.

NOTA: a entrada nesta Assembleia só será permitida mediante apresentação do cartão ou, carteira profissional.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Arão das Neves Ribeiro

PUB

Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Setúbal CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores, sócios deste Sindicato, para uma Assembleia Geral a realizar na Praça de Toiros de Alcácer do Sal, dia 27 de Março de 1977 (Domingo) pelas 13 horas (1 da tarde).

Esta Assembleia terá a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Discussão e aprovação do relatório de contas do ano de 1976
- 2 — Discussão e aprovação do orçamento para o ano de 1977

CAMARADA, vem e participa neste Convívio de trabalhadores que nós queremos que seja grande.

Nota: — Só é permitida a entrada a sócios com os respectivos cartões de sócio do Sindicato.

Alcácer do Sal, 10 de Março de 1977

O Presidente da Assembleia Geral
Arsénio Francisco do Ó

INFANTÁRIO DO I.O.S. MARINHA GRANDE ADMITE

- 1 enfermeira
- 4 auxiliares de educação
- 2 educadoras de infância

Condições, as previstas na convenção e decreto-lei 534/76.

Resposta urgente a este infantário.

"Le Monde" em editorial

Contradições europeias

Eis que esta Europa dos «Nove» e da impotência, que de comunitária só tem o nome, surge como um farol a três países que não fazem parte dela: a Grécia, Portugal e a Espanha! Estranho destino que só se compreende através da imagem que dela fazem os que lhe batem à porta. Uma zona de riqueza e de liberdade. Receber a marca democrática e alargar os horizontes económicos surgem aos novos candidatos como sendo de natureza a consolidar o seu poder e o moral dos seus povos.

Não é esta a mais espantosa das contradições que ultimamente surgiram. Quando a Grécia, ao sair dos «Coronéis», pediu a sua adesão à C.E.E., a França apressou-se a facilitar-lhe o percurso. Decerto para confortar o novo regime, mas também por parecer que se desenhava um movimento na direcção de uma «política mediterrânica» da C.E.E.. Ela parecia indispensável ao Governo de Paris, porque o centro de gravidade dos «Nove» se deslocara demasiado para o Norte depois da entrada da Grã-Bretanha, da Dinamarca e

da Irlanda. Sem dúvida os responsáveis pela nossa diplomacia não pensavam que Portugal e a Espanha, e talvez amanhã a Turquia, estariam em breve prontos para este grande desígnio.

É de mais, pensa-se hoje no Quai d'Orsay, e, se se quer ceder aos desejos dos neófitos, por razões políticas, é necessário por razões económicas e institucionais, que o catecumenato seja particularmente longo. Encontram-se doze ou treze em volta da mesa do Conselho, para decidir, quando com nove a operação já é tão difícil, não deixa de causar certo embaraço aos encarregados de garantir a execução do tratado de Roma.

A ideia é «globalizar» o caso a fim de evitar que possam nascer sobrelanços de uma entrada, em ordem dispersa, de novos países. Para mais é previsto um longo período de transição a fim de evitar choques brutais. Mas, enquanto não forem elaboradas para o novo conjunto autênticas políticas regionais e monetárias, e então não forem postos à disposição dos mais pobres maio-

res meios financeiros, não se vê como a economia dessa Europa alargada poderá correr bem.

No capítulo institucional a tarefa não é menos rude. O «Leitmotiv» francês, quando a Grã-Bretanha se juntou aos «Seis», era o seguinte: ao seu «alargamento» deve corresponder o seu «aprofundamento», e isto era simples bom senso. Mas eis-nos de novo em plena contradição: poderá dar-se mais autoridade ao Conselho graças a votos por maioria ou a «entendimentos» incondicionais entre grandes países? No primeiro caso cai-se na querela da supranacionalidade, no segundo, os pequenos países poderão aborrecer-se. E quem poderá assegurar que entre «grandes» possa haver entendimento? O espectáculo de hoje não será revelador? Na eleição do Parlamento

Europeu por sufrágio universal a Alemanha e a Itália caminham pela via traçada pelo Tratado de Roma. Em França o «leader» do mais poderoso partido da maioria, Jacques Chirac, preocupa-se com o caso e a esquerda está dividida. A Grã-Bretanha arrasta os pés e o problema essencial já não parece o de aprovar ou não o princípio da eleição, mas fixar-lhe as modalidades (a França também é muito sensível a este aspecto). Ora, uma reforma da lei eleitoral levará mais tempo do que foi previsto.

Como as coisas correm, a Comunidade Europeia arrisca-se a transformar-se numa simples zona de comércio livre. Contradição suprema: a França combateu o mais que lhe foi possível, no início da V República, essa concepção de comunidade inglesa.

Comentarista do "Pravda" critica entrada na C.E.E.

Comentando a eventual entrada de Portugal para a C.E.E., o correspondente em Paris do «Pravda» afirma que os círculos de negócios de diversos países dos «Nove» encaram com prudência a ampliação da Comunidade, sublinhando que o actual Mercado Comum, com a actual composição, não pode superar já as diversas contradições entre os estados membros.

A entrada na C.E.E. de Estados com uma economia insuficientemente desenvolvida agravará ainda mais as dificuldades existentes — diz o correspondente do «Pravda», que afirma que a França não deu uma resposta definitiva ao pedido de apoio feito pelo Primeiro-Ministro Mário Soares no sentido da entrada de Portugal

na C.E.E., propondo apenas um programa de desenvolvimento das relações bilaterais. O mesmo correspondente cita por outro lado a afirmação publicada no «Monde» de que Portugal «baterá ainda durante muito tempo à porta do chamado Mercado Comum».

Para o jornalista soviético a entrada de Portugal na C.E.E., se não forem tidas em conta as diferenças de níveis de desenvolvimento económico existentes entre Portugal e os restantes países membros, criará graves problemas em muitos sectores da economia portuguesa, havendo perigo do desaparecimento de centenas de pequenas e médias empresas, com os consequentes problemas de desemprego e sociais daí resultantes.

PUB



SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

Sede: Rua do Conde Redondo, 60 - 2.º, 3.º, 4.º, 5.º LISBOA
Telefones: 53 54 37-55 55 71-400 03

Os Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul reunidos no Salão da Voz do Operário a 13 de Março de 1977 pelas 15 horas para analisarem o ponto da situação do nosso CCTUV/TÊXTIL aprovaram as seguintes moções:

MOÇÃO

«Considerando que o trabalho da Comissão Negociadora Sindical tem sido de modo a defender os interesses dos trabalhadores.

Considerando que deve levar à prática os mesmos esforços para atingir os objectivos em vista.

PROPOMOS:

— Dar todo o apoio à CNS para que se sintam confiantes e apoiados pelos trabalhadores que representam.

— EM FRENTE COM O NOSSO CCTUV!

— UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

NOTA: Esta moção foi aprovada por maioria com 9 votos contra e 7 abstenções.

MOÇÃO

«Considerando que tem sido na luta que os 300 000 trabalhadores têxteis têm conseguido ultrapassar os vários obstáculos que têm aparecido desde o início das negociações do CCTUV/TÊXTIL.

Considerando que o CCTUV/TÊXTIL tem cerca de 200 cláusulas e ainda só ultrapassámos a 3.ª, e que há que lutar muito mais para conseguirmos o nosso CCTUV/TÊXTIL.

Considerando que o Governo se prepara para celebrar o tão falado contrato social ou pacto social com os Sindicatos, para que a troca da dita necessidade de entrada de Portugal no Mercado Comum, tal é indispensável.

Os Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul reunidos na Voz do Operário para discutirem o ponto da situação do nosso CCTUV/TÊXTIL aos 15 dias do mês de Março de 1977. DECIDEM:

1 — Reafirmar uma vez mais que é na luta diária, nas fábricas que conseguimos conquistar o CCTUV/TÊXTIL.

2 — Avisar o patronato têxtil de que caso volte a entrar as negociações do CCTUV, os trabalhadores têxteis responderão com a sua determinação, unidade e luta até conquistarem o Contrato Colectivo de Trabalho Único e Vertical.

3 — Repudiar todos e quaisquer decretos antioperários já publicados ou a publicar que visem a recuperação capitalista.

4 — Repudiar toda e qualquer tentativa de celebração do contrato social ou pacto social entre o Governo e os Sindicatos.

— EM FRENTE COM O CCTUV/TÊXTIL!

— PELO CUMPRIMENTO INTEGRAL DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA!

— A LUTA CONTINUA!

— NÃO À RECUPERAÇÃO CAPITALISTA!

— NÃO AO PACTO SOCIAL!

— UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

NOTA: Esta moção foi aprovada por maioria com 1 abstenção.

Lisboa, 14 de Março de 1977
P.L.A. DIRECÇÃO

(ilegível)

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÉCNICOS DE VENDAS

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

De harmonia com o preceituado nos artigos 22.º e 23.º dos Estatutos, convido os Senhores Associados a reunirem em ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, no próximo dia 26 de Março (Sábado), pelas 15 horas, na Sede do Sindicato, sita à Rua Barão de S. Cosme, 166, 3.º no Porto, e na DELEGAÇÃO, sita à Rua dos Anjos, 82, em Lisboa, no dia 1 de Abril (sexta-feira), pelas 21 horas e 30 minutos, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — LEITURA, DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS DA GERÊNCIA DE 1976.

2 — INFORMAÇÕES DA DIRECÇÃO

Chamo a atenção que nos termos estatutários, esta Assembleia terá início à hora marcada com qualquer número de Sócios.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

António Augusto Moreira

ESPAÑA

Suárez poderá ser candidato

Adolfo Suárez poderá candidatar-se como independente, pelo círculo de Ávila, às próximas eleições legislativas em Espanha, sem abandonar a chefia do Governo. Embora tenham sido aprovados em Con-

selho de Ministros as inelegibilidades e incompatibilidades que afectam ministros e altos quadros da Administração Pública, o caso do chefe do Governo não está incluído nas restrições.

Na maioria dos sectores políticos madrilenos, a candidatura de Suárez pela sua terra natal, é apoiada por uma numerosa equipa formada por altas personalidades que se demitiriam das funções que agora ocupam na Administração, é dada como certa.

Enquanto isso, as determinações expressas na lei eleitoral aprovada e divulgada pelo Governo, não satisfizeram plenamente a esquerda nem a direita. O P. C. E. e o P. S. O. E. consideram que três semanas de campanha eleitoral são insuficientes depois de 40 anos e lamentam que o voto não tenha sido estendido aos jovens de 18 anos. Por sua vez, a direita «Aliança Eleitoral» considera positivas as normas mas não está de acordo com o sistema proporcional. Até agora, não se conhece a data das eleições mas fala-se em 7 de Junho. A agência CIFRA diz que a convocatória para as eleições poderá ser publicada no próximo dia 10 de Abril. Contudo já está acordado que a Administração pagará aos partidos uma quantia aproximada de 45 pesetas por cada voto para o Congresso e umas 15 pesetas pelos votos obtidos para o Senado.

Entretanto, o decreto-lei aprovado pelo Governo está ainda pendente de apreciação pela comissão de competência legislativa das Cortes, em regime de urgência. O texto será conhecido brevemente.

Por outro lado, comenta-se com insistência que o Partido Comunista Espanhol poderá ser reconhecido nos próximos dias. O Supremo Tribunal tem um prazo que expira no dia 25 para dar o seu parecer, e, segundo vários indícios, as perspectivas são positivas. Um relatório elaborado por um advogado do Estado considera que o P. C. E. reúne todos os requisitos para ser legalizado. Além disso, a 4.ª Secção do Supremo Tribunal, que julga o caso, aceitou as provas documentais e rejeitou as testemunhas, por as considerar desne-

Relações E.U.A.-China vão ser normalizadas

A Administração Carter iniciou negociações informais com a China sobre o restabelecimento de relações normais entre Washington e Pequim — declarou na capital federal dos EUA o secretário de Estado assistente designado, Richard Holbrooke. Segundo disse, o presidente Carter e o secretário de Estado, Cyrus Vance, discutiram já a questão em particular com representantes do gabinete de ligação chinês em Washington.

Carter espera que o envio da missão presidencial que neste momento se encontra no Vietname, para tentar obter informações sobre soldados americanos desaparecidos em combate ajuda os esforços tendentes à normalização com Pequim — informou Holbrooke.

Anunciou-se, por outro lado, em Washington que o secretário de Estado, Cyrus Vance, após as conversações que este mês vai travar em Moscovo sobre controlo de armas e outros temas, conferenciará com dirigentes alemães ocidentais, britânicos e franceses.

Entretanto, esta noite o presidente Carter discursará nas Nações Unidas, aguardando-se que as questões da Rodésia e da África do Sul sejam focadas no discurso. Na recepção oferecida pela ONU ao presidente estará presente a delegação da OLP (Organização da Libertação da Palestina), o que poderá causar sérios embaraços diplomáticos. Funcionários da Casa Branca, perante os imediatos protestos israel-

litas, esclareceram já que isto não significa que a atitude dos EUA perante a OLP se tenha modificado.

A questão dos direitos humanos em que Carter parece já começar a perder o pé criou hoje nova complicação, quando El Salvador, seguindo o exemplo do Brasil, da Argentina e do Uruguai, renunciou à ajuda militar norte-americana.

Por outro lado, Carter enviou uma carta ao arcebispo Makarios, chefe de Estado de Chipre, pedindo-lhe desculpa pelas «afirmações infundadas» produzidas pelo jornal «The Washington Post», segundo as quais o arcebispo havia recebido dinheiro da CIA. O conteúdo da carta foi ontem parcialmente revelado na capital cipriota.

No domínio do rearmamento americano, surgiram, entretanto, novos dados: um estudo publicado em Washington pelo senador democrático Culver, e encomendado por uma equipa independente da Força Aérea, revelou que o polémico bombardeiro americano «B21» custará 117 milhões de dólares (cerca de 4.446.000 de contos) por unidade, o que representa um aumento de 20 por cento em relação ao custo previsto. Em face disto, o senador Culver declarou: «Não sei como é que o presidente pode decidir a continuação deste programa extremamente caro, pois durante a campanha eleitoral, afirmava que o B-1 era caro e inútil».

Hans Genscher em Israel

O ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher, chegou ontem a Israel para uma visita oficial de dois dias. Nas conversações que trava com os dirigentes locais, Genscher informará sobre a sua recente visita à Síria, Jordânia e Egipto.

Finalizada a visita a Israel, Genscher viajará directamente para Espanha, onde assistirá a uma reunião de dirigentes liberais europeus e onde será recebido pelo rei, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Enquanto isto, o primeiro-ministro israelita, Ythzak Rabin, declarou ontem no último debate político da actual legislatura que «o ano de 1977 será de enorme actividade diplo-

mática» e que o principal objectivo de Israel nestes 12 meses será o de «conseguir uma verdadeira paz com os países árabes vizinhos». Rabin revelou que o presidente dos E. U. A. é de parecer que a Conferência de Genebra não se reunirá antes do segundo semestre deste ano. Reconhecendo embora as divergências que opõem Israel aos E. U. A. no que se refere às fronteiras futuras do Estado hebraico, Rabin salientou contudo que as concepções de Carter sobre a paz coincidem com as israelitas.

Por fim, o Egipto solicitou ontem que o Conselho de Segurança da O. N. U. se reúna o «mais brevemente possível» para debate do recomeço da conferência de Genebra sobre o Médio Oriente.

Avião desviado no Japão

Um avião da companhia «All Nippon Airways» foi desviado hoje depois de ter levantado voo do aeroporto de Tóquio.

O aparelho, um «Boeing 727» avisou ter sido desviado logo depois da sua partida para Sendai, a 300 quilómetros

da capital japonesa. Três minutos depois de ter lançado o seu sinal de alarme, o «Boeing» voltou para Tóquio.

Segundo as primeiras informações deve haver vários passageiros feridos.

CHILE

"Amnesty" denuncia 1500 desaparecimentos

A «Amnesty International» acusou ontem o Governo de Pinochet de esconder informações sobre mais de 1500 presos políticos que, na sequência do golpe de Setembro de 1973, foram presos, torturados, metidos em campos de concentração e, por fim, desapareceram. A denúncia foi feita por Marie José Protais, presidente da secção francesa desta Organização de Direitos Humanos com sede em Londres, ao mesmo tempo que André Bernard, encarregado pela «Amnesty International» de investigar as violações dos direitos no Chile dizia, numa conferência de imprensa que o Governo deste país admitia a existência de apenas um preso político detido sem julgamento. O mesmo funcionário acredita que a maioria dos desaparecidos ainda estão vivos, sendo mantidos em remotos campos de concentração. Por outro lado, José Zalaquett, ex-presos político, confirmou que as autoridades chilenas simplesmente negam ter conhecimento de tais prisioneiros e recusam-se a admitir que alguma vez eles tenham estado presos.

A «Amnesty International» distribuiu um «dossier» com nomes, fotografias e profissões de 218 presos desaparecidos e um relatório de 81 páginas pormenori-

zando o caso de cada um.

Zalaquett acrescentou ainda que «durante os seus primeiros seis meses, o regime militar não fazia desaparecer os prisioneiros. Matava-os, simplesmente. Mas, a partir de Maio de 1975, 1000 pessoas desapareceram e, mais tarde, só 150 foram dadas como mortas».

Gladys Diaz, uma comendadora de rádio, também regressada das prisões de Pinochet, igualmente presente na conferência de imprensa, um tanto perturbada, disse que conhecia vários presos que não voltaram a ser vistos, e que vários chilenos foram presos na Argentina e no Paraguai, sendo entregues à D. I. N. A. que se encarregou de os fazer desaparecer. «Eu própria desapareci por três meses, durante os quais a minha família recebia a informação de que eu não estava presa», acrescentou. Durante este tempo, Gladys esteve encerrada no famoso centro de tortura «Villa Grimaldi», nos arredores de Santiago.

Entretanto, a Associação Nacional de Imprensa do Chile expressou a sua «preocupação» devido às limitações impostas pelo Comando Militar da Zona em Estado de Emergência sobre publicação, circulação, distribuição e comercialização de novas publicações.

NO DOMINGO EM FRANÇA

Esquerda e direita em renhida competição

Uma renhida competição entre a esquerda e a direita vai caracterizar a segunda volta das eleições municipais em França, no próximo domingo. Esta «bipolarização» deve-se ao facto de a «maioria» ter concluído um acordo de desistência mútua a favor da lista colocada em primeiro lugar no domingo passado. Este acordo estende-se a Paris, ao contrário do que chegou ontem a ser anunciado.

As pequenas formações políticas e os ecologistas ou foram eliminados por não terem obtido a percentagem legal de 12,5 por cento de eleitores inscritos, ou então retiraram-se da competição deixando em presença, na maior parte das grandes cidades, uma lista da maioria giscardiana e gaullista e uma lista da união da esquerda (socialistas, comunistas e radicais de esquerda).

Se em muitas cidades e municípios os resultados foram encontrados na primeira volta, na semana passada, há ainda que eleger 90.000 conselheiros municipais, num total de 475.000 por toda a França.

A primeira volta das eleições municipais francesas foi marcada pelo forte avanço da esquerda que ganhou à maioria 32 cidades de mais de 30.000 habitantes e só perdeu três. O avanço da esquerda foi parti-

cularmente sensível nas regiões onde o desemprego é mais sentido e nomeadamente no Oeste da França.

A atenção dos observadores políticos incidirá principalmente sobre Paris, que elegerá um «maire» pela primeira vez desde há mais de cem anos. Logo na primeira volta, o gaullista Jacques Chirac ganhou vantagem decisiva ao giscardiano Michel d'Ornano e será muito provavelmente, eleito presi-

dente da Câmara de Paris. O perigo para ele só virá da união da esquerda, que espera captar os votos da extrema-esquerda e dos ecologistas.

Os ecologistas, defensores dos espaços verdes e inimigos resolutos da poluição cujos sufrágios são solicitados por todas as formações políticas, serão, em muitos casos, os árbitros entre a maioria e a oposição.



CHÁ N.º 44

ANTI-ALCOÓLICO

(PRODUTOS BIOSAUDE)

LISBOA
PORTUGAL

CONTRA O VICIO DO VINHO

Maneira de preparar e posologia: 3 colheres de sopa das plantas para meio litro de água. Deixar ferver 5 minutos, ficando uma hora de infusão. Tomar uma chávena antes das três principais refeições.

Pedidos a BIOSAUDE
BIOLOGIA ALIMENTAR, LDA.
ALIMENTAÇÃO RACIONAL

ESTAMOS AO VOSSO DISPOR PARA QUALQUER REGIME DE ALIMENTAÇÃO — CONSULTE-NOS
Rua dos Anjos, 80-3.º, Letra E — Tel. 539208-554683
Rua Professor Sousa da Câmara, 197-A — T. 654751
Avenida Duque de Loulé, 25 — T. 48946 — LISBOA

ENVIAR-SE A COBRANÇA
PARA QUALQUER PONTO DO PAIS

O IMPORTANTE É AMAR

L'IMPORTANT C'EST D'AIMER



Romy SCHNEIDER

PRÉMIO «CÉSAR» Melhor actriz pelo seu papel em «L'important c'est d'aimer».

Fabio TESTI Jacques DUTRONC
um filme de Andrzej ZULAWSKI

Interdito a menores de 18 anos EASTMANCOLOR

3.ª SEMANA
DE ÉXITO

IMPERIO

POPOV EM LISBOA COM O CIRCO DE MOSCOVO

"O riso prolonga a vida"

Entrevista de JOSUÉ DA SILVA (texto) e JOSÉ TAVARES (fotos)

Oleg Popov: idade, não tem; nacionalidade, costuma-se dizer que é russo; na realidade, pertence ao mundo inteiro; (e o que é mais admirável, tem um lugar muito especial no maravilhoso universo das crianças); espírito multifacetado: foi operário, atleta e adora a poesia (a dos livros e a que existe nas pessoas); cartão de apresentação: muito humilde, o mais famoso da arte circense; profissão: palhaço (segundo a crítica, o maior de agora e de sempre).

Mas esta «facilidade» que leva à grandeza, só se consegue com muito trabalho e persistência. Frequentou um curso de arte circense, começando por ser equilibrista. O riso, a alegria, são para Popov a própria vida. E decidiu tor-

nar-se palhaço, já lá vão 26 anos.

Contactámos Oleg Popov no fim de um dos espectáculos do Coliseu. Nas pupilas, azuis como um céu meridional, trazia ainda o riso da multidão que



O famoso «clown» soviético

o aplaudira (de pé) e que com ele comungara aquela espantosa facilidade de transmitir alegria. Como se sabe, Popov não fala outro idioma que não seja o russo. Metemos intérprete.

— Popov: com a sua espantosa capacidade cénica, porque escolheu o circo, em vez do teatro ou do cinema?

Há um sorriso de menino no rosto de Popov, quando nos responde:

«Em primeiro lugar, aconteceu que eu pratiquei muito desporto. Ora, desporto e circo estão intimamente ligados. Em segundo lugar, penso que quer no teatro, quer no cinema, dependo essencialmente do papel que nos distribuem. Ao contrário, no circo, temos a liberdade de optar mesmo quando já estamos em cena.

A liberdade de criar no momento, de transfigurar o espectáculo. É isto que me levou a ser artista de circo.

— Ser palhaço é para si tão importante, que acabou por se transformar no maior artista do género. Porque é assim tão importante «viver o palhaço» com toda essa plenitude?

Popov:

«Eis aí uma pergunta muito séria». — Pensa um instante e prossegue: — «Sabe, a vida complica-se tremendamente para o homem. Todos vivemos à pressa, correndo... correndo... Para que o homem não perca totalmente a sua consciência de ser humano, torna-se necessário fazer-lhe «stop» de vez em quando. Para que olhe à sua volta e verifique que ainda pode olhar e ver, sentir, espantar-se ou rir. Rir é uma coisa importantíssima. E eu suponho que a arte tem um papel preponderante nesta intervenção. Mas a arte exige. Não se consegue fazer com que as pessoas interrompam a sua corrida para admirar uma

subarte. Daí que quando escolhemos ser artistas, devemos escolher o mais difícil, que é ser um bom artista. E no circo, como palhaço ou outra coisa, o homem pode chegar a uma perfeição iniludível. Mas o palhaço, tal qual eu o penso, é um papel de grande relevo, porque levar as pessoas a rir é uma empresa admirável. O riso prolonga a vida.

Verificámos que Popov gosta de dialogar. De dizer o que pensa com a força e a vivacidade de quem tem a certeza que o seu «estar no mundo» não se define por um eu imitativo e sim por um sentido comum de tudo o que se realiza. Popov não é Popov sem o seu público, sem aquela gente que, no circo, acredita que ele vive e respira, não pelos aplausos, mas pela relação que estabelece entre a arte que pratica e o povo que a admira e com ela beneficia.

Outra pergunta:

— Se não fosse artista de circo, o que gostaria de ser?

«Tenho a profissão que gostaria de ter. Fosse, porém, qual fosse, noutras circunstâncias, a minha profissão, seria sempre uma profissão amada, uma profissão a que me entregaria de alma e coração. Antes de ser palhaço, trabalhei como serralheiro. Pois ainda hoje gosto de fazer trabalhos de serralharia aqui, no circo. E faço-os com o mesmo amor com que represento para o povo, porque também eles são para o povo.»

— Como se atinge este cum como palhaço?

«Trabalho, trabalho e mais trabalho.»

— Como é o Popov na vida

franco.

— Qual a maior alegria da sua carreira?

Popov tem um «oh!» de satisfação esfuizante.

«Bom...paramim é uma enorme, imensurável alegria, fazer com que as pessoas riem a cada um dos meus números. Porém, houve um momento da minha carreira particularmente emotivo e que me deixou louco de satisfação. Foi quando recebi a condecoração de «o maior artista do povo da União Soviética». Sobre tudo por ter a consciência de ser um artista do povo.»

— Já sentiu alguma vez uma tristeza profunda?

«Vejamos... Da mesma forma que verificamos que o Sol nem sempre brilha, também na vida das pessoas há instantes de bruma. Quero dizer: já tenho sofrido as minhas horas de tristeza, às vezes com pequenas coisas. Se assim não acontecesse, eu não seria o ser humano que adoro ser.»

— Muito francamente, que lhe tem parecido o público português?

«Se o senhor assistiu há pouco ao espectáculo e à maneira carinhosa, calorosa, como o público me recebeu e aplaudiu os meus números, calcule o que eu penso. E ainda temos de acrescentar um por menor que me deixou sinceramente comovido: não é muito frequente ver-se um público aplaudindo de pé os artistas de circo. Pois isso sucede comigo e com a minha companhia em Portugal. Considero esta forma de aplauso, uma singular homenagem aos artistas que nós somos. Creio que está tudo dito.»



Simple e bem humorado, mesmo fora de cena

privada? Tão alegre como Popov, o palhaço ou, ao contrário, perde toda essa vivacidade e alegria?

«Não sou nunca um homem triste. Digamos que, na vida privada, faço o meu segundo papel: sou um homem competente. Mas não uso a carranca do patriarca. Creio que sou um ser humano bastante sociável e bem disposto.»

— Que razões o levaram a escolher sua mulher como parceira?

«Minha mulher já fazia vida de circo. Casámos e, como nesta vida estamos constantemente em viagem, a única forma de preservarmos a essencialidade de um lar, era trabalharmos juntos. E assim aconteceu.»

Apetece ficar a conversar infindamente com este homem simples, bonachão, jovial e

Depois desta estadia em Portugal, qual será o vosso itinerário?

«Direitos a Moscovo. Depois, não sei. Mas há sempre muito que fazer.»

Popov agradece a nossa presença com um «muito obrigado» bem português. E para quem o não saiba: no Instituto de Arte Dramática de Moscovo, há cursos de nível superior para artistas circenses. De resto, Popov falar-nos-ia do carinho que a arte merece da parte das entidades soviéticas e dos inumeráveis apoios que artistas e companhias têm da parte do Governo.

«Na União Soviética — disse-nos o grande cómico — envidam-se os mais caros esforços para que as pessoas não se sintam «robots» nesta era de violência mecânica. Por isso, para nós a arte não é uma coisa secundária.»

TEATRO/Tel. 366745

ABC

Não acons. a menores de 18 anos

Às 20.30 e 22.45 horas

SÉRGIO AZEVEDO apresenta

A NOVA
E GRANDE
REVISTA POPULAR
DE
LISBOA

EM ÁGUAS
DE BACALHAU

com um super-elenco



NICOLAU
em St.º António

FLORBELA
OCTÁVIO DE
MATOS

(actor convidado)
VERA MÓNICA
(actriz convidada)

VICTOR MENDES

SIMONE DE
OLIVEIRA

NUNO EMANUEL
NINA FLORES
LIA SARA

VICTOR NORTE
ABC DANCER'S
UM ESPECTÁCULO
IMPAR

BILHETES À VENDA

ADÓQUE

O PÚBLICO IMPÕE
LOTAÇÕES ESGOTADAS

A PARÓDIA

UMA REVISTA
NUNCA VISTA!

- ANABELA
- NICHOLSON
- HENRIQUE VIANA
- MAGDA
- ERMELINDA

TODAS AS NOITES

Sessões às 20.30 e 22.30

«MATINÉE» AO DOMINGO
As 16 horas

Folga às Quartas-Feiras

(Não aconselhável a m 18 anos)

LIBERDADE
SOB HIPOTECA
— Uma proposta de
Ermelinda Duarte

AOS SÁBADOS: PARA AS CRIANÇAS

«OS OPERÁRIOS DO NATAL»

«MATINÉES» AS 16 HORAS

Vá ao TEATRO

Hoje e todas as noites

MARIA VITÓRIA

Ver a Sensacional PLURAL REVISTA

2 — SESSÕES — 2
Às 20.30 e 22.45 h.

• Aos domingos

«MATINÉES»
Às 16 horas

• ÀS 2.ª FEIRAS
DESCANSO

• UM GRANDE

ÉXITO

SALVADOR e IVONE SILVA

HENRIQUE SANTANA

LYGIA TELLES

CARLOS GONÇALVES

HERMAN JOSÉ

IGOR SAMPAIO

O BOMBO DA FESTA!

Canal da Crítica

A MELHOR RUBRICA DE ONTEM SERÁ O FILME DE HOJE...

Passei todo o dia à espera que dissessem duas palavrinhas — h, só duas, nada mais! — a respeito do filme de hoje.

Entretanto, que remédio, lá me fui entretendo com o futebol. Sem poder afastar os olhos dos dois segundos, ou mes-

mo um — e não pela obrigação do ofício, mas pelo vício do jogo.

Vício. Ao menos me conheça eu um, para não viver na contínua obsessão (ou acusação, se preferem) da total ausência das paixões do mundo.

Um, esse já falado, e o da Televisão. Por que raio hei-de eu fixar, perseguir, abraçar com quantos braços posso, uma dama que não me liga peva? Para quê arrastar-me diante dela, consumir-me e querer-lhe como ao ar que se respira (poluído, mas olhe!) se a tira me troca as voltas, me foga, recusa toda a pureza dos meus sonhos para andar metida com uns safardanas mercenários?

Confesso a minha abjeção: cheguei já um dia a ajoelhar-me para lhe beijar a fimbria dos 15 mil vóltios do vestido — e a magana, Deus me perdõe a heresia! levantou olímpica o video e deu-me tape.

Basta de desgraças. Vocês não têm culpa e isto aqui não é seguramente um confessional.

A RELVA AS BATATAS E O ANTÓNIO VITORINO

Pois então lá fiquei de olhos firmes no Televisor a pensar não apenas na bola, a admirar não apenas a ginástica daquela câmara que falava como gente: também a extrapolar para coisas que não eram ali chamadas. Ou talvez fossem.

Não sei se repararam no mau estado do campo. A relva maltratada, toda cheia de buracos. E quando os ingleses não cuidam da grass dos seus courts, é porque alguma coisa vai mal no campo do capitalismo. By God!, o capitalismo está nas lonas, veja-se só aquele relvado!

Não me admirava nada que dentro em breve os campos de

futebol albiônicos desaparecessem pura e simplesmente. Isto porque todo o terreno vai ser pouco para evitar que os britânicos passem muita, muita fominha.

Imaginem só que o cacete de pão (para o qual já se fazem longas bichas), custa a brincadeira de 12 escudos. Batata é coisa tão preciosa que, tê-la em casa dá motivo a rancos melhorado para convidar uns amigos.

A carne é bem feliz quem apanha umas fêveras e quanto ao leite prevê-se que, lá para o fim do ano, se venha a tornar num artigo de luxo.

Pelo que, pertencer à CEE parece que não é grande ucharia, nem mesmo para os garanhões.

Já agora: quanto se terá gastado com a deslocação do enviado especial Nuno Brás (e logo este!) a Liverpool? Sempre gostava de saber, ao menos para ter o entendimento da economiazinha que é necessário fazer nos programas do António Vitorino de Almeida.

E já agora sempre gostava que me esclarecessem um mistério: dado que se encontra em Portugal um programa já feito de António Vitorino de Almeida, por que razão não se transmite? Trata-se de um programa sobre Bach.

Será que o Bach também está implicado no relatório das sevícias?

NÃO DISSERAM

Tive grande esperança de que, ao intervalo, dissessem as tais duas palavrinhas sobre o filme de hoje.

E não disseram. E passei todo o **Telejornal** à espera que dissessem sobre o filme algum pouco do muito que havia para dizer.

E não disseram. E passei todo o filme do serão à espera dos intervalos a

Por MARIO CASTRIM

ver se diziam sobre o filme de hoje aquela migalhina de atenção que todo o grande amor espera.

E não disseram. E sofri. E compreendi melhor que nunca a tal ponto a nossa Televisão está doente.

DEZ MIL SÓIS

Estou a referir-me ao filme **Dez Mil Sóis** que a RTP nos oferece hoje. Trata-se de uma obra-prima do cinema mundial. Como não podia deixar de ser, e visto que se trata de um filme de origem húngara, vai para o segundo programa.

Desculpem. Não se trata hoje de fazer a crítica, eu sei. Devia antes fazer a crítica ao filme transmitido ontem no primeiro programa, uma formidável exibição de Paul Newman. Mas em vez de «apreciar» um filme de 1956, conhecido e mais que conhecido, acho preferível chamar a atenção para um filme do nosso tempo, dos nossos problemas, das nossas inquietações — um filme, em resumo, que nos toca na inteligência e na carne.

Dez Mil Sóis relata-nos as condições humanas e sociais em que se desenvolveu o processo da Reforma Agrária na Hungria. Abrange um período de 30 anos (daqui a designação de **Dez Mil Sóis**) que se alarga desde os anos anteriores à guerra até aos nossos dias.

Dos **Dez Mil Sóis** nada mais, de minha responsabilidade pessoal, vos poderei dizer. Fica para amanhã. Mas o **France Soir** em 1967 dizia: «**Dez Mil Sóis**» é uma linguagem poética, linguagem que é um dos aspectos desta obra de grande classe.

Dizia o «Nouvel Observa-

Continua na pág. 18

Hoje



Ligeiríssimo com Rodrigo

I PROGRAMA

1.º Período

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.05 Fecho.

2.º Período

18.30 Abertura e A Magia dos Animais
18.55 Faz de Conta
19.35 As viagens de Gulliver — 7.º episódio — «A Partida de Leech».
20.00 Cientificamente
20.30 Telejornal
21.05 Telefutebol
21.40 Ligeiríssimo — «O Fado Amador». Colaboração de Rodrigo. Apresentação de Pedro Castelo. Produção Fernando Penalva.
22.15 Programa da Direcção de Informação
23.30 Fecho.

TUDOR BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

20.30 Telejornal
21.00 **Dez Mil Sóis** — Interpretes: Tibor Molnar, Cyanci Buros, János Coltai, János Raja, Sandor Smontalv, Peter Haumann, Adras Koossak. Realização — Ferenc Kosa. Ano de Produção 1971



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período: 13.30: Ciclo Preparatório TV. 18.05: Fecho. 2.º Período: 18.30: Abertura e A Magia dos Animais. 19.00: Abre-te Sésamo. 19.30: Tropicália. 20.00: Momento Desportivo. 20.30: Telejornal. 1.ª edição. 21.05: Momento Político. 21.25: Melomania. 21.55: Eduardo VII. 11.º Episódio. 23.00: Telejornal. 2.ª edição. 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Telejornal. 21.00: Banyon. 8.º episódio «A Morte voltou». 22.00: Documentário. 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

EDITORIAL NOTÍCIAS
RUA RODRIGUES FARIA 103
LISBOA-3 — TELEF. 633021

Pierre Joncour

a escola,
uma máquina
devorante

GRITO DE ANGUS
TIA DE UM PROFES-
SOR QUE FOI APA-
NHADO COMO MI-
LHARES DE OU-
TROS PELA EN-
GRENAGEM DAS
NOVAS PEDAGOGIAS

PANFLETO DOCUMENTADO E INOVATIVO ANALISE CORAJOSA DE DUAS GRANDES INSTITUIÇÕES AO MESMO TEMPO COMPLEMENTARES E ANTAGONISTAS A ESCOLA E A FAMÍLIA

UM LIVRO A LER E A RELER

SOBREVIVER NO CAIS ERA DURO
MAS BRONSON ERA MAIS DURO AINDA!

... e Coburn
mais burlião!

Uma Produção de
Lawrence Gordon

Charles Bronson
James Coburn

o Lutador da Rua

Jill Ireland Strother Martin

Guião de Walter Hill. Bryan Gindoff e Bruce Henstell/Argumento de Bryan Gindoff e Bruce Henstell
Música de Barry de Vorzon/Panavision / Produzida por Lawrence Gordon/Dirigida por Walter Hill
Production Services by Clange Associates/Persky Bright

3.ª SEMANA no

MONUMENTAL

Não Aconselhável a Menores de 13 Anos

U.E.F.A. EM PLENO

Bayern eliminado pelo Dinamo de Kiev

Mais uma ronda «Uefeira», com os jogos da segunda «mão» dos quartos-de-final das três taças europeias de futebol. Na «Taça dos Campeões», o Dinamo de Kiev eliminou o Bayern de Munique, vencendo por 2-0, na URSS, com golos marcados por Bur- yodan, (aos 83 minutos) e por Slo- bodan, (aos 86). Na primeira

«mão» o Bayern vencera, por 1-0. As equipas alinharam: **Bayern:** Maier; Anderson, Gruber, Schwarzenbeck e Beccckenbauer; Roth, Runme- nigge e Torstensson; Hoeness, Kuenkel e Kappelmann. **Dinamo de Kiev:** Rudakov; Troshikin, Fomentkon, Reshko e Matuiwo; Konkou, Buryake

Muntyan; Bereznoi, Onish- chenko e Blokhin. O Dinamo de Dresden (RDA), venceu o Zurique, por 3-2, mas foi eliminado pois na primeira «mão» os suíços ven- ceram, por 2-1. O Liverpool venceu o St. Etienne, por 3-1, eliminando os franceses que ti- nham vencido na 1.ª «mão» por 1-0.

Em Inglaterra: Liverpool: Clemence; Neal, Smith, Hughes e Jones, Case Kennedy e Cal- laghan; Keegan, Toshack (Fair- chough), e Heighway. Saint-Etienne: Curkovic, Janvion, Marchadier, (Hervé Revelli).

Golos: Kergan, Bathenay, Kennedy e Fairchough. Lopez e Farison; Larque Sinaeghel e Bathenay; Rocheteau, Santini e Patrick Revelli.

Por último, o F.C. de Bru- ges (Bélgica) perdeu com o Bo- rússia (RFA), por 0-1. Os ale- mães empataram na 1.ª «mão», por 2-2. Passam às meias fi- nais: Dinamo de Kiev, Liver- pool, Borússia e Zurique.

Taça das taças: Nápoles 2 — Slask Wroclaw (Polónia), 0 (0-0 na 1.ª «mão»); Southamp- ton (Inglaterra), 2 — Ander- lecht (Bélgica), 1 (1-1); Ham- burgo (RFA), 4-MTK Budapeste (Hungria), 1 (1-2). Apurados: Nápoles, Anderlecht e Hambur- go.

Taça da UEFA: AEK Atenas, 3-Queens Park, 0 (AEK qualifi- cado por penalidades); Racing White (Bélgica), 2-Feyenoord (Holanda), 1 Racing qualifica- do. Barcelona, 2-Bilbao, 2 (1-2 na 1.ª «Mão») e Juventus, 1-Magdeburgo, 0 (3-1) no jogo anterior.

O sorteio das meias-finais destas competições vai ocorrer amanhã, em Zurique. Os jogos terão de processar-se a 6 e 20 de Abril.

Fafe e Farense: um salto na "Taça"

Fafe e Farense passam aos quartos-de-final da «Taça de Portugal», após terem levado de vencida os oponentes com quem tinham empatado no últi- mo domingo, em jogos que fi- caram em «scores» curiosos: Fafe, 5-Limianos, 0 e Faren- se, 6-Paços de Ferreira, 4 (graças à marcação de gran- des penalidades, após o empa- te com que terminou o tempo regulamentar e o prolongamen- to de 30 minutos).

As turmas e goleadores: Sob arbitragem de Carlos Li- ma (Porto) alinharam:

Fafe: Antenor (Tó); Lopes, Teixeira, Castro e Leitão; Ma- nuel Duarte, Romão (Moreno) e Moisés; Cartuxo, Edvaldo e Álvaro.

Limianos: Caçador; Costa, Azevedo, Bento e Nascimento; Brandão (Lemos), João e Ba- rão (Dantas); José Maria, Fran- klím e Luís.

Tentos: Cartuxo (3), Álvaro e Moreno. Em Faro, o juiz foi Rosa San- tos (Beja).

Farense: José Armando; Ca- neira, Viola, Valdir e Cajuda; Pedro (Balela), Rogério e Hen- rique; Mário Jorge, Rafael e Farias.

P. Ferreira: Luz; José Ma- nuel, Valdemar, Brito e Dema; Helder Ernesto, Pimenta (Capitão-Mor) e Marques; Malheiro (Brandão), Canavarro e Ricar- do.

Do intervalo: 1-0. Resultado ao fim de 90 m: 1-1. No final do prolongamento: 2-2. Após a marcação de grandes penali- dades: 6-4.

Marçadores: Farias (21 e 96m), Caneira, Henrique, Ra- fael e Rogério (um cada na transformação de grandes pe- nalidades), pelo Farense; Mar- ques (64), Brandão (91), Valde- mar e Ricardo (estes na mar-

cação de «penalties»), pelos pacenses.

ATLÉTICO

O Atlético recebeu um convi- te para, a 11 de Abril, actuar em Paris.

CASTIGOS

Baltasar (Sporting), Vaz e Carlos Cardoso (Vitória de Se- túbal), Lampreia (Farense), Oli- veira (Famalicão), Ribeiro (Fa- fe) e Azevedo (Limianos), to- dos castigados com um jogo de suspensão, encontram-se no rol de penalizados elabo- rado ontem pelo Conselho de Disciplina federativo, que tam- bém puniu o farense Jorge Castro com 3 jogos de obriga- tória paragem, por injúrias à equipa de arbitragem.

O Benfica foi multado (1750 escudos) por demora na entra- da em campo. O Vianense terá de pagar 3250 escudos: por comportamento incorrecto de uma parte do público, agrava- do por novas sucessões. Mas, foi o Mogadourense o clube mais atingido: seis jogos de in- terdição e multa de seis con- tos, além de suspensão muito longa (por incitação ostensi- va, por palavras ao público, contra a equipa de arbitragem, com acumulação de faltas. Es- tão nessa lista de castigados Eduardo Justiniano Moreira, Anibal Augusto Lopes Palha, Alberto Belarmino Pires, José Afonso Barreiro, Acácio Ma- nuel Gomes Branquinho e Albi- no Ramos Fernandes. De uma assentada, mais de meia equi- pa na prateleira!

KEITA

Estava certo o diagnóstico do dr. Branco do Amaral, em relação ao mali Keita: o joga- dor pode (e deve) actuar. O

especialista francês, consulta- do em Paris, concordou: a le- são de Keita está completa- mente debelada.

PAVIC

Já era esperado: Pavic deixa o Málaga. A má situação do clube espanhol (queda assegu- rada na 2.ª divisão) impeliu o ex-treinador do Benfica para um pedido de rescisão de con- trato, prontamente aceite pelos directivos, que se apressaram a nomear Fuentes para o lugar do jugoslavo.

PORTO

Depois de captar Fonseca para as suas hostes, o F.C. Por- to prossegue o «ataque» ao elenco do Varzim: agora, o pre- tendido é Marco Aurélio (que, curiosamente, foi recentemente dispensado do «plantel» das Antas...). O brasileiro garante que, a ser libertado pelos varzi- nistas, irá cobrar, no Porto, o dobro do que recebe actual- mente, na Póvoa. Porém, um contrato em tempos rubricado com os varzinistas prende-o por mais um ano ao «team» dirigido por António Teixeira.

PROCURA

O sportinguista Manuel Fer- nandes é assediado por vários lados: para além dos jogos nos EUA (já apazados para Junho e Julho) o dianteiro de Alvala- de confessa que já foi contac- tado para se transferir para o Porto, Sporting de Braga e Vi- tória de Guimarães.

Todavia, está em nego- ciações com os «leões» lisboe- tas para prolongar a estadia no Lumiar.

SETUBAL

Parece problemática a conti- nuidade de Fernando Vaz à frente do futebol setubalense: o contrato do técnico não deve ser prorrogado para além de Julho.

sastre com um avião ligeiro em 1975. Bette Hill, mais tarde vendeu a sua casa de 150 000 libras e transferiu-se para uma residência mais pequena.

MERCKX

O campeão belga de ciclis- mo Eddy Merckx decidiu aban- donar a última etapa da prova Paris-Nice. Merckx, que se en- contra doente, preferiu aban- donar a prova pois deseja cu- rar-se antes de correr a Milão — São Remo, neste sábado.

PUB

ENOMECÂNICA

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS
S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 22.º dos Estatutos, são convocados os Senhores Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 30 do corrente mês de Março, pelas 11.30 horas, na sede social, na Malveira, concelho de Mafra, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e as Contas apresentadas pelo Conselho de Adminis- tração e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1976.
- 2.º — Proceder à eleição dos Corpos Gerentes.
- 3.º — Deliberar sobre quaisquer assuntos de interesse da Sociedade.

Lisboa, 10 de Março de 1977.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Dr. Luís António dos Santos Ferro

NÃO SÃO SALDOS

SÃO VENDAS A PREÇOS DE OCASIÃO

Rádios c/ reproduutor e GIRA-DISCOS; de sala, a preços sensacionais
Rádios e Whiskys de todas as marcas a preços de sensação
FERREIRA ALVES & ALVES
Praça da Figueira, 11-3.º-Dt.º — Lisboa

LÁ FORA

AGOSTINHO

O belga Roger de Vlaeminck venceu a prova Tirreno-Adriático em ciclismo, que terminou ontem obtendo a 3.ª posição no contra-relógio final. O ven- cedor da tirada foi o norueguês Knut Knudsen, que cobriu os 18km do percurso em 23 minu- tos e 23 segundos. Joaquim Agostinho cortou a meta em 8

lugar, «exaequo» com o italia- no Valsio Vandí, no tempo de 24.17.

Classificação final: 1.º Roger de Vlaeminck (Bélgica), 22.06.32; 2.º Francesco Moser (Itália), 22.06.37; 3.º, Giuseppe Vandí (Itália), 22.07.04; 4.º, Val- sio Vandí (Itália), 22.07.30; 5.º, Josef Fuchs (Suíça), 22.08.18; 6.º, Gianbattista Baronchelli (Itália), 22.06.37; 3.º, Giuseppe Bortolotto (Itália), 22.08.40; 8.º, Biovanne Battaglin (Itália),

22.08.41; 9.º, Wladimiro Paniz- za (Itália), 22.08.46; 10.º, Remo Rocchia (Itália), 22.08.56. Joa- quim Agostinho terminou a pro- va em 15.º lugar.

ESPÓLIO

Troféus, fotografias e livros pertencentes ao antigo cam- peão mundial de automobilis- mo Graham Hill, foram vendi- dos pela sua viúva por mais de 1500 libras esterlinas, num leilão da casa «Christie's» em Londres. Hill morreu num de-

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 29, DE 20 DE MARÇO DE 1977

Cardeal Saraiva — 12x 111 121 1x11; Cavalcada do Ritmo — 121 111 122 2221; O Distrito de Setúbal — 112 1xx 12x 1211; Rádio Totobola — 1x1 1x1 12x xxxx; Correio do Douro — 111 x11 121 x211; O Co- mércio do Porto — 1x1 1x1 121 1111; O Concelho de Estarreja — 121 1x1 121 2x1x; Correio de Coimbra — 121 111 121 x2x1; Objectivo — 121 1x1 12x 2x21; Pajú Desportivo — 1x1 11x 122 x22x; Pajú Informativo — 2x1 121 22x1; Correio do Vouga — 121 111 121 x21; Diário de Coimbra — 1xx 1x1 11x 2x1; Diário de Lisboa — 11x 111 12x x2x1; O Diário dos Açores — 1x1 111 121 xx11; Ecos de Cacia — 121 111 121 121; Estrela da Manhã — 121 1x1 122 2211; Eu Sei Tudo — 2x1 x11 121 2211; Jornal de Gaia — 121 1x1 121 2x11; Fo- lha de Domingo — 1x1 1x1 121 1x11; Gazeta das Caldas — 121 11x 121 22x1; Jornal da Beira — 1x1 111 12x x1x1; O	Jornal de Felgueiras — 1x1 111 121 x2x1; O Jornal da Lixa — x21 11x 12x 1xx1; Jornal de Sintra — 121 11x 122 x221; Linhas de Elvas — 111 xx1 121 xx11; Litoral — 1x1 1x2 121 x211; Maria da Fonte — 121 111 12x xx11; Mundo Desporti- vo — 121 111 122 x1x1; O Nor- te Desportivo — xxx 111 122 2x21; Notícias de Évora — 121 111 121 xxx1; Notícias de Fel- gueiras — 1x1 111 121 x1x1; Notícias de Gouveia — 111 114 12x xx21; Notícias de Guima- rães — 122 111 121 1xx1; Pre- sença Coimbra — 121 111 12x 2121; Rádio Alitude — xx1 111 121 x211; Rádio Sports — 112 111 121 1x11; Reconquista — 121 111 121 22x1; Renovação — 12x 111 121 xx11; Encontro Musical — 1x1 111 12x 22x1; A Voz das Beiras — 1x1 1x 12x x1xx; A Voz do Domingo — xx1 111 121 x211; Voz de Lamego — 121 111 121 2211; A Voz de Palmela — 111 1x1 2x21; Dimensão 3 — 1x1	112 12x 21x1; Primeiro Andamento — xx1 1xx 122 x221; RDP — Desporto — 121 111 12x x1x1; Alvo Desportivo — 1x1 111 12x 1x11; Auto-Rádio — x11 111 121 2xxx; Boletim Desportivo — x2x 1x1 122 1x11; Estúdio 64 — 222 2xx 12x 21x1; Jornal da Graça — 121 111 121 1111; Miscelânea Musical — 1x1 111 121 x2x1; Música e Desporto — 12x 111 12x x111; Placard Desportivo — 1xx 111 122 212x; O Primei- ro de Janeiro — 1x1 1x1 122 x2x1; Programa da Manhã — 1x1 111 122 1xx1; Rádio Alvo — 111 111 121 xx11; Panorama — 121 111 121 2111; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Só-Rádio — 1xx 1x1 221 xx11; A Voz dos Rídiculos — xx1 1x2 122 x111; Montra do Éxito — x22 111 xxx 1211; O Comércio de Leixões — 1xx 11x 121 2xx1; Defesa de Espinho — 12x 111 121 xx2x; Manchete Desportiva — 11x 111 121 22x1; A Ordem — 111 1x1 122	1xx1; Penalti — 1x1 111 121 1211; Programa Sem Nome — 111 111 121 xx11; Quadrante	Desportivo — 121 111 122 22x1; Quadrante Norte — 1x1 12x 2221; Repórter do Dia	— 121 1x1 12x x111; Resenha Desportiva — 121 1x1 121 22x1.
--	--	---	---	--	--

1977 - E P O C A

	R E S U M O			B O L A S			(a)
	1	2	3	1	2	3	
1. VARZIM - BELENENSES	57	13	3	9	2	1	
2. BOAVISTA - BENFICA	14	28	31	2	5	5	
3. SETÚBAL - GUIMARAES	56	12	5	9	2	1	
4. ACADÉMICO - PORTIMONENSE	69	3	0	11	1	1	
5. ESTORIL - LEIXÕES	49	23	1	8	3	1	
6. BRAGA - BEIRA-MAR	61	9	3	10	1	1	
7. SPORTING - MONTIJO	71	1	1	10	1	1	
8. ATLÉTICO - PORTO	2	2	69	1	1	10	
9. SALGUEIROS - FAMALICÃO	39	19	15	6	3	3	
10. ULEIRIA - EST. PORTALEGRE	17	32	24	3	5	4	
11. ESP. LAGOS - BARREIRENSE	18	26	29	3	4	5	
12. FARENSE - MARITIMO	31	29	13	5	5	2	
13. CUF - JUVENTUDE	88	7	0	11	1	1	

a) Nos termos do Art.º 138.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa:

A "chave" lógica será:
121 111 121 X211



Hendeiro entrega a Taça de Portugal ao presidente sportinguista João Rocha

Sporting imparável em hóquei patinado

O pavilhão de Alvalade esgotou, ontem, a lotação: e centenas de apreciadores ficaram cá fora, impedidos de assistir ao Sporting-Benfica, que culminou com o triunfo verde por 7-4.

Pinho dos Santos arbitrou a actuação das turmas, que se apresentaram assim constituídas:

Sporting: Ramalheite, Rendeiro (um gol), Sobrinho, Livramento (2), Chana (4) e Jorge.

Benfica: Albino, Casimiro (1), Garrancho, Quim (2), Dantas (1) e Vasques.

Ao intervalo já os «leões» estavam em vantagem: 3-2.

Exibições muito destacadas de Chana e dos dois guar-

diões, com arbitragem periclitante, mesclada de erros. O Benfica chegou a estar como vencedor: 2-0. Aos 15 minutos, os «leões» tinham restabelecido o nulo, para daí arrancarem até à vitória: 3-2, 4-2, 4-3, 5-3, 5-4, 6-4 e 7-4. Garrancho falhou a concretização de um «penalty».

Neste momento, a pontuação do nacional (zona Sul) é a seguinte: Sporting e Oeiras, 9; Académica da Amadora e Benfica, 7; Paço de Arcos, Sotom Mayor, Cuf e Salesiana, 5; Estremoz e C. A. C. O., 4.

Próxima ronda (amanhã): Sporting-Sotom Mayor, Oeiras-Cuf, Salesiana-Paço de Arcos, Benfica-Amadora e Estremoz-Campo de Ourique.

Salgueiros: greve fica no tinteiro

Os jogadores do Salgueiros enviaram para os órgãos de Comunicação Social o comunicado que transcrevemos:

«Face às graves acusações feitas pelo presidente do S. C. Salgueiros, sr. Jorge Ferreira, num programa desportivo, na Rádio Renascença, no passado sábado e domingo, e à notícia publicada no «Jornal de Notícias», do último domingo, relativamente à rescisão dos contratos de Carlos Nunes e de Mosca, os jogadores do S. C. Salgueiros deliberaram dar conhecimento do seguinte:

«1 — No que diz respeito à questão financeira, os ordenados de Fevereiro ainda não foram pagos. O subsídio de férias do ano passado também ainda não foi pago, bem como o subsídio de Natal de 1976 e os suplementos dos ordenados da maior parte dos jogadores, desde Dezembro.

«2 — Em relação às contratações, o sr. Jorge Ferreira não é responsável apenas por duas, mas por as de todos os atletas que se encontram presentemente no S. C. Salgueiros.

«3 — Relativamente à falta de aplicação dos jogadores, insinuada pelo seu presidente, queremos os mesmos afirmar categoricamente que isso não corresponde à realidade, pois todos eles se têm aplicado dignamente ao trabalho apresentado pelo treinador António Medeiros.

«4 — Em relação à notícia publicada no passado domingo, no «Jornal de Notícias», onde se fala na rescisão dos contratos de Carlos Nunes e de Mosca, ela carece de fundamento, pois nem os jogadores nem o treinador têm conheci-

mento da tal decisão, lamentando, simultaneamente, que alguém tenha informado mal o jornal, pois a sua publicação poderá ter graves consequências no futuro dos dois atletas.

«5 — Todas as acusações feitas pelo presidente do Salgueiros, na rádio, resultaram duma entrevista feita pelo sr. Trindade Guedes, que é um dos responsáveis pelo futebol juvenil do Salgueiros.

«6 — Até resolução de todos estes problemas, deliberaram os jogadores por unanimidade não mais se treinarem.

Entretanto, acrescentamos que os jogadores salgueiristas e o seu técnico trabalharam ontem em «Vilar Pinheiro». A direcção do clube garantiu aos seus profissionais de futebol que, na tarde de hoje, parte da dívida seria liquidada.

Benfica: razões da comissão eleitoral

A Comissão Eleitoral do Benfica) em comunicado assinado por Armando da Costa Ribeiro, António Manuel Maia Figueiredo, António Simões de Figueiredo e Jaime Louiz Catarino Duarte) torna público o seguinte documento:

«Tendo chegado ao conhecimento da Comissão Eleitoral do S.L.B. de que alguns reparos estavam surgindo quanto ao critério da escolha dos candidatos aos Órgãos Sociais para o biênio 1977/79, comunicamos que, entre outras, foram consideradas as seguintes permissões:

1.º — Acelerar a negociação com a C.M.L. em relação à actual sede, de maneira que, com interesse para ambas as partes, seja possível edificar a nova sede junto ao parque des-

portivo do S. L. B. Esta negociação tem sido conduzida pelos consócios Arq. José Croft de Moura e Ilídio Fulgêncio, candidatos pela lista elaborada pela Comissão signatária e membros da actual Direcção.

2.º — Seguir o espírito da Comissão para a Revisão das Estruturas, espírito esse já evidenciado por José Ferreira Queimado, quando presidente da Direcção, em 1966.

3.º — Seguir um plano de amplo desenvolvimento das secções podem servir de modelo às restantes e serem simultaneamente rentáveis para o Clube.

4.º — Procurar a melhoria dos quadros futebolísticos do clube e tudo fazer para não permitir a saída de atletas criados no S.L.B., com vista à recu-

peração do prestígio mundial anteriormente atingido. Dentro deste ponto de vista, e apesar da controvérsia que se verificou quanto ao actual responsável pelo Departamento de Futebol, este também viu a sua acção reconhecida por um movimento dos futebolistas para a sua continuidade na chefia do departamento.

5.º — Continuar as negociações com a D.G.D. no sentido das instalações desportivas do S.L.B. virem a ter pleno aproveitamento por parte do ensino escolar nas horas disponíveis da actividade normal do clube, o que trará, consequentemente, benefícios para a nossa colectividade e juventude escolar.

6.º — Criação das condições necessárias e urgentes para melhorar as instalações desportivas, em especial as do nosso estádio, cujas deficiências já foram objecto de reparo em recente assembleia geral. Assim, a C.E. encontrou um associado de reconhecida dedicação e espírito de sacrifício, associado esse que esteve na origem do ingresso no

clube dos futebolistas Bento e Chalana.

7.º — Embora tenha sido resolvido pelos componentes da C.E. a sua não inclusão na lista oficial, posteriormente (e a solicitação de diversos consócios e também dos presidentes indigitados) foi considerada a revista tal posição, à semelhança do sucedido em anos anteriores.»

Recorda-se que, como candidata à presidência do Benfica, a lista presidida por José Ferreira Queimado, apressa, ainda: vice-presidente — dr. Alberto Machado; secretário-geral — Jorge Arrais; tesoureiro — Fernando Caseiro. Futebol — Romão Martins. Outras modalidades — Rui Sousa Guedes (secretário), José Gaspar Ramos, José Capristano dos Santos, eng.º José Respição e António Vaz Rodrigues (vogais). Instalações sociais — Edgar Ferreira (secretário) e Vieira Neto (vogal). Suplentes — arquitecto Croft de Moura, Ilídio Fulgêncio, Maia de Figueiredo e dr. Lourenço Graça.

PORTUGAL

BEJA

Cerca de 900 trabalhadores do distrito de Beja participam, desde Novembro do ano passado, num torneio desportivo denominado «Jogos Populares do Trabalho», que envolve todas as noites, de segunda a sexta-feira, a prática de 15 modalidades, entre as quais se contam o ténis de mesa, bilhar, damas, xadrez, futebol de cinco, tiro ao alvo, basquetebol e andebol.

XADREZ

O INATEL vai organizar, a partir de 26 do corrente, uma série de «simultâneas» de xadrez na zona avelanense. A primeira ocorrerá na Escola Industrial de Oliveira de Azeméis e tem o apoio do FAOJ, ARCA

PUB

METALURGIA METALOMECHANICA



MAIS UMA VEZ O PATRONATO TENTA GANHAR TEMPO! MAIS UMA VEZ TENTARAM VIGARIZAR OS TRABALHADORES!

Convocada pelo Ministério do Trabalho a Comissão Sindical do CCTV da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica, compareceu ontem a mais uma reunião com o patronato, no sentido de se avançar com o processo que se arrasta há mais de 22 meses.

Enquanto que a C. S. se apresentou na reunião com o objectivo de avançar na conciliação, discutindo a matéria ainda em suspensão e correspondendo deste modo ao apelo feito às partes pelos representantes do Ministério do Trabalho, o patronato desde logo declarou que se apresentava na reunião unicamente para formalizar o fim da conciliação e requerer a passagem à via administrativa.

O patronato, que sempre atacou o recurso à via administrativa, e sistematicamente tentou boicotar o cumprimento da P. R. T. em vigor, é neste momento acérrimo defensor dessa mesma via.

Por que defende agora o patronato uma PRT!

Sabendo que o movimento sindical tem manifestado o seu desacordo com a legislação laboral, ultimamente saída, o patronato, principal causador do impasse que se verifica e responsável pelas degradadas condições de vida e de trabalho dos metalúrgicos, a quem sempre tem roubado, procura deste modo livrar-se de responsabilidades e pôr em confronto os trabalhadores e o Governo.

Utilizando mais uma manobra de diversão no sentido de continuar a entravar o processo, o patronato «lembrou-se de exigir» à comissão sindical que fizesse uma declaração escrita comprometendo-se a respeitar a legislação em vigor.

Quem sempre procedeu à margem da lei, quem tudo faz para encher os bolsos à custa da ilegalidade se necessário for, reivindica agora um compromisso à comissão sindical de que aceite a legislação, dizendo não negociar mais por esse motivo.

A comissão sindical assume a responsabilidade por todos os actos que pratica, não reconhecendo todavia qualquer autoridade legal ou moral a esses senhores para levantarem tais questões.

Vigiar o cumprimento das leis, compete ao Governo e este está representado pelo M. T. na conciliação, julgar o seu cumprimento cabe aos tribunais.

Mais ainda, não reconhecemos qualquer autoridade moral à comissão patronal, quando essa mesma comissão patronal sistematicamente viola a P. R. T. em vigor não paga à Previdência, e põe mesmo em causa matéria livremente acordada e assinada.

Consideramos pois que esta «habilidade» é mais uma tentativa de arrastar o processo. Depois de fazer o ponto da situação, a comissão sindical decidiu que antes de propor novas formas de luta deveria avistar-se com os órgãos do Poder.

Nesse sentido solicitamos já nova entrevista ao Ministério do Trabalho e continuamos à espera de sermos recebidos pela Assembleia da República, Conselho da Revolução e Gabinete do Primeiro-Ministro.

Os trabalhadores de toda a Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Continente e Ilhas têm que estar alerta, unidos e vigilantes para organizadamente respondermos a estas provocações ou outras que estes Senhores venham a fazer.

Lisboa, 15 de Março de 1977

A COMISSÃO SINDICAL DE NEGOCIAÇÕES

PÁSCOA na MADEIRA

Para estudantes do ensino médio e superior, Grupos Desportivos e de Empresas — Condições especiais de preço.

Partidas garantidas em: 26, 27 e 28 de Março 1, 2, 3, 7 e 8 de Abril

Inscruva-se já

abreu fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 180 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Eivar, 65 • Telef. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO DISTRITO DE BEJA CONVOCATÓRIA

Em obediência ao art.º 17.º e de harmonia com o n.º 1.º do art.º 16.º dos Estatutos, é convocada a Assembleia Geral ordinária para exercer obrigatoriamente as atribuições previstas na alínea b) do art.º 12.º, para dia 20 de Março de 1977, pelas 13 horas (1 da tarde), na Praça de Touros desta cidade de Beja.

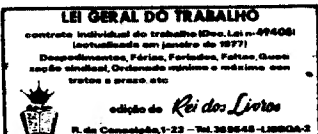
ORDEM DE TRABALHOS:

Aprovação do Relatório e Contas.

Não havendo número legal de sócios à hora prevista, funcionará a mesma meia hora depois com qualquer número, conforme preceitua o n.º 1.º do art.º 18.º dos Estatutos.

Beja, 12 de Março de 1977.

O Presidente da Assembleia Geral
António José Carapinha Fernandes



Produtores de leite exigem aumento de preço

PORTO, 17 — Segundo uma proposta aprovada ontem, na Cooperativa Agrícola de Vagos, depois de uma reunião de centenas de agricultores, iniciada de modo agitado, foi dado um prazo até 25 do corrente para que o Governo envie um representante para dialogar com os produtores de leite e estudar as soluções que propõem. As soluções apontadas, com base na grande elevação dos custos dos factores de produção (rações, adubos, palha, vacinas, petróleo etc.) significam a recusa das recentes tabelas do Governo sobre o preço do leite, defendendo os produtores que o leite lhes seja pago a 10 escudos por litro.

«Querem-nos dar menos por um litro de leite que por um litro de uma laranja qual-

quer», diria um dos agricultores. Na reunião, em que também se denunciou a especulação com a venda da palha (12 escudos na origem e 90 escudos na venda ao agricultor), foi deliberado que após o prazo dado ao Governo, se não forem ouvidos os produtores, será cortado o fornecimento de leite. «E se for preciso cortarmos o trânsito também», ameaçou um dos presentes. Aliás, ontem mesmo se esboçou um corte da estrada 109, o que não se consumou por falta de apoio da maioria.

Por outro lado, a União das Cooperativas de Entre Douro e Minho (Lacticoope) vai reunir amanhã em Aveiro, prevendo-se a possibilidade de um apoio a esta movimentação dos agricultores de Vagos.

Confirma-se aumento do preço dos medicamentos

Os dirigentes do Sindicato da Indústria e Comércio Farmacêutico afirmaram ontem, em conferência de imprensa, que se prevê para a próxima semana a publicação no «Diário da República» de um despacho que decreta um aumento de 17,5 por cento nos medicamentos importados, e aumentos entre 4,3 e 13,1 por cento, consoante a percentagem de incorporação de matérias-primas importadas, nos medicamentos de fabrico nacional.

Ao mesmo tempo, aqueles dirigentes, após terem salientado que estes aumentos significam que «o orçamento dos portugueses para medicamentos passará a ser onerado em, pelo menos, 1,5 milhões de contos», denunciaram o facto de 15 trabalhadores da multinacional americana «Lilly» terem sido despedidos em 1976. Destes trabalhadores despedidos fazem parte — segundo o Sindicato — elementos pertencentes à comissão sindical daquela empresa.

Hospital de S. João: inquérito prossegue

PORTO, 17 — Segundo os exames epidemiológicos feitos

no Instituto Ricardo Jorge e de Patologia Veterinária, em Lisboa, acerca do caso de intoxicação no hospital de S. João, do Porto, o resultado é negativo, quanto à hipótese de se tratar de «salmonela» — informaram-nos esta manhã daquele estabelecimento hospitalar.

Assim o inquérito continuará, e muitas pessoas serão inquiridas ainda.

BARES • BOTES

RESTAURANTES

TIPOUS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859 Rosy Striptease

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264946

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OIRAS

107/76 2.º Juízo

2.ª Secção

Faz saber que acção Ordinária de Impugnação de Paternidade pendente na 2.ª Secção do 2.º Juízo desta comarca, que o Digno Agente do Ministério Público move contra Ventura Martins da Cruz, casado, trabalhador, residente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Rua da Penha de França, n.º 102-1.º, em Lisboa, é este réu citado para contestar, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de vinte dias, que começa a correr depois de finda a dilacção de trinta dias, contados da segunda e última publicação do anúncio respectivo, consistindo o pedido do autor que a ré menor, Ana Paula da Silva Cruz seja declarada filha da ré Maria Teresa da Silva Cruz e de pai incógnito, tudo conforme consta do duplicado da petição inicial arquivado nesta secretaria.

OIRAS, 9 de Fevereiro de 1977.

O JUIZ DE DIREITO

a) Francisco Rosa da Costa Raposo.

O ESCRIVÃO DE DIREITO

a) Nuno Augusto Cordeiro Brito

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

Ao abrigo do art.º 29.º e do art.º 28.º, alínea b) dos Estatutos.

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Ao abrigo do art.º 29.º e do art.º 28.º, alínea b) dos Estatutos, convoco todos os trabalhadores, sócios do Sindicato, para a Assembleia Geral Ordinária a realizar nas instalações da Voz do Operário, na Rua da Voz do Operário, n.º 13, à Graça, no dia 31/3/1977, pelas 20.30 h., com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Análise, discussão e aprovação do Relatório e Contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal.

2 — CCTV da Construção Civil.

3 — Organização sindical.

Nota: Todos os sócios serão identificados à entrada mediante a apresentação do respectivo cartão do Sindicato.

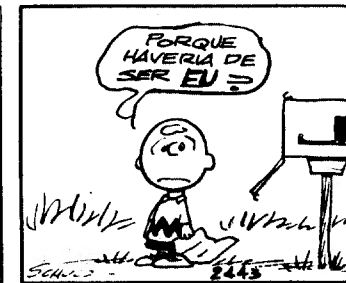
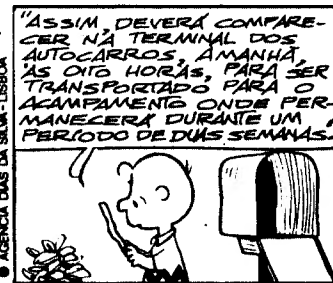
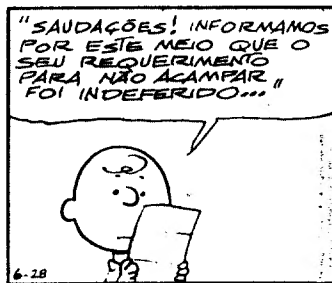
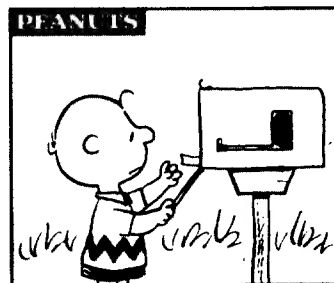
Transportes com paragem junto às instalações da Voz do Operário:

Eléctricos: 10, 11, 28.

Autocarros: 17, 35 (passam no Campo de Santa Clara).

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

José Fausto Alves da Silva



Vila Real evoca morte do padre Maximino

VILA REAL, 17 — Em conferência de imprensa nesta cidade foi divulgado o programa das comemorações do 1.º aniversário da morte do padre Maximino e da jovem Maria de Lurdes, vítimas dum atentado bombista em 3 de Abril do ano passado. Assim, a comissão organizadora das comemorações programou uma romagem ao cemitério, um comício de homenagem e actividades culturais. Será também inaugurada uma rua com o nome das duas vítimas. Preside à comissão o dr. João Castanheira da Nóbrega, devendo todos os contactos, a nível nacional ser feitos para a Praça Luís de Camões 36, nesta cidade.

Canal da Crítica

Continuação da pag. 15

teur» no mesmo ano: O Texto de «Dez Mil Sóis» é um dos mais belos da História do cinema compara-se à poesia de Heróclito de Efeso ou de René Char.

«Image et Son»: Ferenc Kossa (o realizador) tem mais do que talento. Impõe-se já como um mestre do cinema.

Dez Mil Sóis foi premiado no Festival de Cannes de 1967.

E pronto. Marco encontro com os meus leitores para logo, às 21 horas, no segundo programa. Lastimando que esta breve informação não possa chegar a toda a província, do Norte ao Sul do País...

Infelizmente a Televisão nada fez por isso. Por que seria? Mistério!

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado o vento era fraco e caíam aguaceiros em alguns locais a Norte do Rio Douro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11º
PENHAS DOU	1º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	11º
FARO	13º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

PRAIA DA ROCHA

Máxima 20º

MONTALEGRE

Mínima 1,3º

MARÉS DE HOJE

PREA-MAR BAIXA-MAR

1.25 3,9 m 7.18 1,1 m

13.53 3,9 m 19.32 1,1 m

DIA 18

2.09 4,1 m 7.56 1,0 m

14.34 4,0 m 20.09 1,0 m

DIA 19

2.49 4,2 m 8.30 0,9 m

15.11 4,1 m 20.43 0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

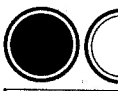
Nas regiões a norte do Tejo: períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de sudoeste rodando para nordeste ao fim da tarde; AGUACEIROS: A sul do Tejo: céu geralmente pouco nublado e vento fraco.



AMANHÃ

NAScer AS 6.44

OCASO AS 18.47



DIA 18

DIA 27

DIA 4

DIA 10

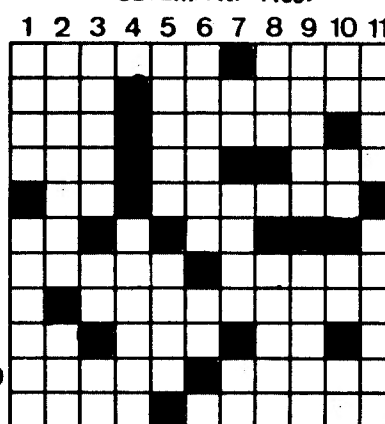
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11697

HORIZONTAIS:

- Temperam com sal. Ovário dos peixes.
- Ice. Falecera.
- Botequim. Praia.
- Bolo de farinha de arroz de coco usado na Ásia. Caminhar. Tempo do verbo haver.
- Carta de jogar. Colocou em assento.
- Nota musical. Artigo definido. Duas vogais iguais.
- Veia poética. Termino.
- Queimaria.
- Cidade da antiga Caldeia. Seguias. Ilha francesa do oceano Atlântico.
- Indício. Irritai.
- Serra de Portugal. Molestara.



VERTICAIS:

- Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss. Firme.
- Escondeis. Chefe etíope.
- Adivinharas. Basta. Sua Santidade.
- Área (fig.).
- Desejais. Cidade da Argélia.
- Extinguiu-se. Campeão.
- Nota musical. Despidas. Preposição.
- Reza. Faces.
- Antiquado. Anfiteatro.
- Fluido elástico que respiramos. Ouro (s.d.). Bismuto (s.d.). Aparência.
- Rio que banha Setúbal. Ecoaria.

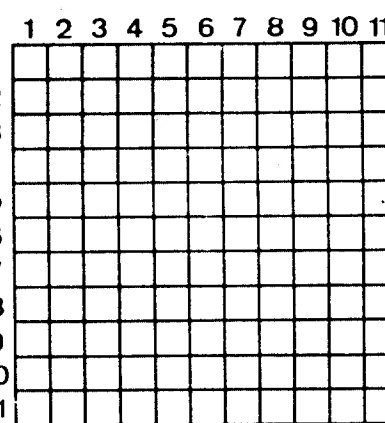
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7757

HORIZONTAIS:

- Vasilha com asas. Errai.
- Fluido aeriforme. Querida.
- Estímo. Coragem. Senhor em inglês.
- Vê. Aguardente de medronho. Autores.
- Oceano. Sufixo que designa abundância.
- Letra grega. Seguias. Nota musical.
- Nome de fruto. Rosto.
- Liga. Gravura a cores.
- Cidade da antiga Caldeia. Limpa metais. Aragem.
- Despacha. Anuo.
- Pertences. Abreviatura de Santíssimo. Móis.



VERTICAIS:

- Agita. Cidade de França.
- Pronome pessoal. Cadelas.
- Procede. Encare.
- Quinto filho de Jacob. Utensílio doméstico. História.
- Espécie de pano (ant.). Lavras.
- Sufixo que designa estado. Ouro (s.d.).
- Nublados. Remar para trás.
- Preposição. Carta de jogar. Planta leguminosa.
- Cabelos brancos. Grande cão de fila. Artigo definido (ant.).
- Transfere para outro dia. Frota.
- Palmeira da Amazônia. Gorgulhos tropicais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11696

HORIZONTAIS:

- Sabão. Alaga.
- Amor. Fiel.
- Laguna. DE.
- Tio. Urraram.
- As. Anda.
- Co. Pala.
- Ocaia. Péras.
- RUM. Vais.
- Ro. Mo.
- Pé. Ardiam.
- Isra. Aero.

VERTICAIS:

- Saltador. Pi.
- Amor. Cures.
- BAGO. Gaio.
- Iru. Im. Br.
- NUNCA.
- Fardo. BOA.
- Al. Ra. Ra.
- Leda. PEVIDE.
- Alertara. Ir.
- Lai. Ao.
- Acampassem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7756

HORIZONTAIS:

- Erradiara.
- Aos. Dra.
- Ar. Assoa. Mã.
- Rio. Seu. Per.
- Rã. Sn. Acadi.
- Retasar.
- Rol.
- Sair. Cota.
- NÃO. Aca. Ara.
- Osseo. Saras.

VERTICAIS:

- Barro. Varos.
- Ria. Saras.
- Ra. Ird.
- Ra. Serra.
- Assunto. São.
- Sé. Elo.
- Idosas. Lás.
- Ara. Casca.
- Rã. Per. Omar.
- Med. Atara.
- Pária. Asas.

Provérbio: DE RUIM BAGO, NUNCA BOA PEVIDE

Farmácias de Serviço

LISBOA

ACORIANA — Largo Conde Barão, 2. Tel. 661330

ALB — Rua Santana à Lapa, 156. Tel. 663562

BRANQUINHO — Rua Sapadores, 87. Tel. 842725

CONDESTAVEL — Rua Coelho da Rocha, 119 Tel. 666206

DILENA — Rua Aliança Operária, 49. Tel. 636620

ESPERANÇA — R. Carlos Mardel, 101-B. Tel. 722868

ESTADOS UNIDOS — Av. E. U. da América, 16-B. Tel. 725859

FATIMA — Av. 5 de Outubro, 147-A Tel. 763107

GÓIS, LDA, SUCR — R. Anjos, 12-C-D. Tel. 840101

IVONE, LDA — Rua Silva Carvalho, 232-C. Tel. 650760

LATINA — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A. Tel. 42312

LAVINHA — R. Eng.º Paulo de Barros, 28-A Tel. 708242

LEALDEMATOS — Rua Neves Costa, 33-35. Tel. 780181

LUSITANA — Av. de Roma, 18-A. Tel. 725453

MARLUZ — C. da Picheleira, 140-B-C. Tels. 720703-728395

MATOS VIEGAS — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Tel. 794174

MORÃO — Rua da Assunção, 17-19. Tel. 321289

NEOTERAPIA — Campo Grande, 138 Tel. 774682

NOVA LUZ — Rua D. Domingos Jardo, 28-A Tel. 843439

NOVAIS — Av. Luís Brvar, 11-13. Tel. 44324

PALMA — Av. Duque de Ávila, 25-31. Tel. 547088

PARIS — Rua Reinaldo Ferreira, 5-A. Tel. 890131

PÁTRIA — C. dos Mestres, 30-A Tel. 680627

PROGIDADE — Rua Alcântara, 15-A-B. Tel. 638589

ROMANA — Rua Actor Augusto de Melo, 7-A Tel. 383800

SACRAMENTO — Rua Actriz Palmira Bastos, lote 42. Tel. 380904

S. Tomé — Estrada do Desvio, lote 12-C. Tel. 790704

SOUSA — Estrada de Benfica, 429-431. Tels. 780027-789985

ZILER — Rua S. Tomé, 54-56. Tel. 862835

ZIRA — Pa. Casas Novas, lote 66 (B.º Encarnação) Tels. 311216-310172

PERMANENTE

ACORIANA — Largo do Conde Barão, 2. Tel. 661330

CONTESTAVEL — Rua Coelho da Rocha, 119 Tel. 666206

DILENA — Rua Aliança Operária, 49. Tel. 636620

FATIMA — Av. 5 de Outubro, 147-A Tel. 763107

GÓIS, LDA, SUCR — Rua dos Anjos, 12-C-D. Tel. 840101

LAVINHA — Rua Eng.º Paulo de Barros, 28-A Tel. 708242

NEOTERAPIA — Campo Grande, 138 Tel. 774682

SACRAMENTO — Rua Actriz Palmira Bastos, lote 42 Tel. 380904

MORÃO — Rua Assunção, 17-19 Tel. 321289

LINEA DE CASCAIS

ALGÉS

Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 2112070)

ALCABIDECHÉ

Carvalho, Até às 21 horas

PORTO SALVO

Bastos Ferreira, Até às 21 horas

CARCAVELOS

Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas

S. DOMINGOS DE RANA

Godinho da Silveira, Av. Sa-boa, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas

PAÇO DE ARCOS

Trindade Brás, R. Costa Pin-to, 184 (Tel. 2432034)

OEIRAS

Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

NOVA OEIRAS

Leal, Até às 21 horas

PARADE

Mecau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas

PARADE

Junqueiro Mendes, Até às 21 horas

AMOREIRA

Amoreira (Tels. 262313/267314). Até às 22 horas

ESTORIL

Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260391). Até às 21 horas

CASCAIS

Nova, Est. de Alvide, Fontai-nhas (Telef. 281044). Até às 21 horas; **Marginal**, Av. Mar-ginal (Telef. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINEA DE SINTRA

AMADORA

Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161); **Serviço permanente**; **Clarel**, R. An-tónio Sardinha, 23-D (Tel. 938551). Até às 22 horas; **Amadora**, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518). Até às 22 ho-ras

DAMAIA

D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970661)

MERCES

Claro Russo

QUELUZ

Simões Lopes, Av. Elias Gar-cia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM

Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D

MEM MARTINS

Miranda Garcia, Est. de

Men Martins, 173-B (Tel. 2914103)

RIO DE MOURO

Riomouro, Av. Óscar Monte-ro Torres, 8 (Tel. 2960149)

SINTRA

Misericórdia, Vila (Tel. 2930391)

COLARES

Abreja, Tel. 299088

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. António dos San-tos Jorge, 15 (Tel. 23410)

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)

ALMADA

Magalhães, R. Capitão Lei-tão, 8-B (Tel. 2750242)

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302)

BARREIRO

Higine, R. D. Manuel, 1. 178 (Tel. 2073017)

COVA DA PIEDADE

MOITA

Silva Rocha, P. da Republi-ca, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO

Higine, R. José Joaquim Mar-ques, 142 (Tel. 2310370)

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)

SETÚBAL

Normal do Sul, P. do Boca-ge (Tel. 22216)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

CLÉRIGOS — Rua dos Clérigos, 36 — Tel. 315394; **CRUZ** — Rua Costa Cabral, 1082 — Tel. 480041; **MAIA** — Rua Campo Alegre, 192 — Tel. 64450; **BOTELHO** — Rua da Alegria, 863 — Tel. 480069; **ES-TÁCIO** — Rua Sá da Bandeira, 120 — Tel. 22664; **GUARANI** — Rua Pe-dro Hispano, 367 — Tel. 62250; **ME-NESES DE LIMA** — Praça Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227 — Tel. 51764; **LIDADOR** — Rua do Lida-dor, 171 — Tel. 683739

(De dia e toda a noite)

CAMPOS — Rua Padre Luís Ca-bral, 943 — Foz — Tel. 680113; **MONTÉ DOS BURGOS** — 02 — Tel. 62279; **ALIANÇA** — Rua da Conceição, 2 — Tel. 24203; **ALVES MOREIRA** — Aven. Rodrigues de Freitas, 167 — Tel. 51889

COIMBRA

SEBASTIÃO — Rua António Jar-dim — Tel. 72802; **SILCAR** — Rua Ferreira Borges, 88 — Tel. 22923

Cinemas

ALVALADE

Tel. 897480 15.30, 18.30, 21.15

Para todos

Leslie Howard/ erle Oberon

«As novas aventuras do

PIMPINELA ESCARLATE

um filme de Harold Young

APOLO 70

Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos

Ryan O'Neal e Marisa Berensen

BARRY LYNDON

de Valério Zurlini

HE AS 0.30 h.

Grupo D M. 18 anos

«OS LAÇOS DO MATRIMÓNIO»

AVIS

Tel. 47163 15.30, 21.15 h.

Não acons. a men. de 13 anos

PAULO, O FRIO

As 18.30 (n. men. 18 anos)

«AMOR ENTRE MULHERES»

BERNA

Tel. 776098 14, 16.30, 19 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

Charles Bronson em

O JUSTICEIRO DA NOITE

um filme de Michael Winner

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 14, 16.30, 19 e 21.15h

Para todos

Festival Tarzan

«A FUGA DE TARZAN»

C/ Johnny Weissmuller

CASINO ESTORIL

Tel. 264521 17.00, 21.15

Interdito a men. de 13 anos

«CARAMBOLA»

ODEON

Tel. 326283 15.15 e 18.15

Não acons. a men. 18 anos

GINA (a Strir-Teader)

C/Celine Comes

PATHE

Tel. 821933 14.15, 16.30 18.45 21.15

Int. men. 18 anos

PARTIDAS DOBRADAS

c/ chris Chorteli

CONDES

Tel. 322523 14, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. de 18 anos

S. FRANCISCO CIDADE NUA

c/ alter Matthau

EDEN

Tel. 320768 14, 16.30, 19 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

Seis mestres do Kung-Fu com mil maneiras de matar!

OS SETE GOLFES DO DRAGÃO

Um filme de Chang Cheh

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.30, 18.30 e 21.15

«O VICIO DO JOGO»

Com James Caan

A melhor aposta é a própria vida!

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 14.30, 16.45, 19 e 21.15

Não acons. M/18 anos

Um filme de Claude Chabrol

«AS BOAS MULHERES»

2.ª semana

IMPERIO

Tel. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

Romy Schneider (prémio de interpretação) e Fabio Testi em

O IMPORTANTE É AMAR

Um filme de Andrzej Zulawski

3.ª semana

Metro Alameda

LONDRES

Tel. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O INTRUSO

c/ Laura Antonelli

um filme de Luchino Visconti

MUNDIAL

Tel. 538743 15.00, 18.15, 21.30

Não acons. a men. 18 anos

A obra-prima de Bernard Bertolucci

1900 — 2.ª parte

NIMAS

Tel. 574362 14.15, 16.30 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

MISTÉRIOS DO ORGANISMO

um filme de Dusan Makavejev

(o realizador de «Filme Doce»)

Não construa monumentos que não possa derrubar

ROMA

Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

«A QUADRILHA»

Com Robert Duval/Karen Blaker

ROXY

Tel. 48560 14, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Domenico Modugno, Eleonora Giorgi, Luciana Paluzzi

CHEIRO A CARNE

Um filme de Alfredo Malafatti

S. JORGE

Tel. 554153/4 15, 18.15 e 21.30

6.ª semana

Não acons. a men. de 18 anos

«1900» — 1.ª PARTE

Atenção: a 2.ª parte de «1900» está em exibição no Cinema Mundial

STADIUM (Algés)

Tel. 2112544 18.00, 21.30

M. 17 anos

«O COWBOY DA MEIA-NOITE»

C/ Dustin Hoffman e John Voight

Guarda de crianças durante as sessões

TIVOLI

Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

CHOBIZENESSE

Uma visão louca do mundo do espectáculo!

Um filme de Jean Yanne

UNIVERSAL

Tel. 774402 As 15.00 e 21.00 h.

CHACAL DE NAHUELTO

um filme de Miguel Littin

(Não acons. m./18 anos — Classificação provisória)

às 17.00 e 23.00 h.

IMPERIO DOS SENTIDOS

um filme de Nagisa Oshima

às 19.00 h

VIVA PORTUGAL

um filme de Samuel Schirmbach

D. JOÃO V DAMAIA

Tel. 971794 As 21.15

Não acons. men. 18 anos

«O MONSTRO DO PANTANO»

Teatros

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA

20.30 e 22.45 (18 anos)

«O Bombo da Festa»

VARIEDADES

21.30 (13 anos)

«Isto é que me Dói»

MARIA MATOS

21.30 (18 anos)

«O Encoberto»

LAURA ALVES

21.30 (18 anos)

«Calcinhas Amarelas»

COLISEU

21.30 (Para Todos)

«Circo de Moscovo»

A. B. C.

20.30 e 22.45 (18 anos)

«E Aguas de Bacalhau»

ADOQUE

20.30 e 22.30 (18 anos)

«A Paródia»

LISBOA/Cinemas

JARDIM

21.15 (18 anos)

«Esposa Virgem»

CAPITÓLIO

21.15 (18 anos)

«Coxas Quentes»

CINEARTE

21.15 (13 anos)

«O Homem que Quería Ser Rei»

CINEBOLSO

21.30 (18 anos)

«Rapariga para Casal Preci-sa-se»

OLIMPIA

Sessões permanentes (18 anos)

«Um Amor Como o Nosso»

RESTELO

21.15 (18 anos)

«Mado Sobre a Cidade»

EUROPA

21.15 (18 anos)

«O Duelo das Águias»

VOX

21.15 (13 anos)

«Gator, o Implacável»

SATÉLITE

21.15 (17 anos)

«O Terceiro Homem»

MONUMENTAL

21.15 (13 anos)

«O Lulador da Rua»

PARIS

21.15 (18 anos)

«O Esquadrão do Dragão»

PROMOTORA

21.15 (18 anos)

«Fogonos Lábios»

CINE AUDITÓRIO

21.15 (10 anos)

«Os Canhões do Galeão Negro»

LUMAR

21.15 (18 anos)

«O Guarda Costas de Ferro»

ROYAL

21.15 (13 anos)

«Difamação»

PALÁCIO FOZ

21.00 (13 anos)

«Ala Arriba»

CALEIDOSCÓPIO

21.30 (6 anos)

«A Fuga de Tarzan»

LINEA DE SINTRA

AMADORA

Cineestúdio

21.30 (18 anos)

«O Importante é Amar»

AMADORA

Lido

21.15 (18 anos)

«A Professora de Ciências Naturais»

MEM MARTINS

Cine Chaby

21.15 (10 anos)

«My Fair Lady»

SINTRA

Carlos Manuel

21.15 (13 anos)

«Paul e Michele»

OUTRA BANDA

ALMADA

Incrível

21.15 (13 anos)

«Em Nome do Pai»

ALMADA

Academia

21.15 (13 anos)

Teatro — «A Grande Jogada»

LARANJEIRO

Instrução e Recreio

21.15 (18 anos)

«Ternuras da Vida Conjugal»

LINEA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS

Chaplin

21.15 (18 anos)

«O Homem da Lei»

ESTORIL

Casino

17.00 e 21.15 (13 anos)

«Carambola»

ESTORIL

Palácio

21.15 (13 anos)

«Adolescência Turbulenta»

CASCAIS

S. José

21.15 (13 anos)

«Uma Fortuna por Água Abaixo»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA

21.30 (18 anos)

«Vamos Trocar de Mulheres»

PORTO/Cinemas

BATALHA

21.15 (18 anos)

«O Monstro da Floresta»

ESTÚDIO

21.15 (18 anos)

«Mulheres em Fúria»

ESTÚDIO FOCO

21.15 (18 anos)

«A Divina Criatura»

VALE FORMOSO

21.15 (13 anos)

«Vitória em Entebbe»

ESTÚDIO 400

21.15 (14 anos)

«O Seu Nome Era Espírito Santo»

COLISEU

21.15 (10 anos)

«O Dia Mais Longo»

ÁGUA DE OURO

21.15 (18 anos)

«O Dragão de Ouro»

CARLOS ALBERTO

21.15 (18 anos)

«Festa Privada»

S. João

21.00 (13 anos)

«Rebecca»

OLÍMPIA

21.15 (18 anos)

«Até os Bichinhos Gostam»

JÚLIO DINIS

21.15 (18 anos)

«Luxúria»

TRINDADE

21.30 (18 anos)

«Voando Sobre um Ninho de Cúcos»

PASSOS MANUEL

21.30 (18 anos)

«What!»

RIVOLI

21.15 (18 anos)

«A Jovem Nora»

SALÃO BEBÉ

21.15 (18 anos)

«Que Viva a Revolução»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos)

«O Intruso»

S. TEOTÔNIO

21.15 (18 anos)

«O Homem da Sorte»

TIVOLI

21.15 (13 anos)

«Vitória em Entebbe»

AVENIDA

21.15 (6 anos)

«O Ministro e Eu»

Rádios

1.º Programa

16.00: Musivaria; 17.00: Gira-discos; 18.05: O povo e a música. Programa do Emissor Regional do Sul — música portuguesa; 19.00: A criança. Programa do Emissor Regional de Coimbra; 19.30: Acção sindical; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Orquestras; 21.00: 12.º episódio do folhetim «Mário» de Silvav Gaio, numa adaptação de Ema Paul; 21.26: Contraponto; 23.30: Polidesporto; 00.00: Último jornal; 00.15: Jazz; 00.30: Música de filmes; 01.00: Música na noite.

2.º Programa

16.35: Sonata em dó, op. 33, n.º 3, de Clementi; 16.58: Música de cena; 17.30: Gravações históricas; 17.50: As sinfonias de Brahms; 18.30: Transmissão do Teatro S. Luiz de um concerto de câmara; 19.00: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20.00: Obras de câmara; 21.00: Concerto sinfónico realizado no Teatro Municipal de S. Luiz; 23.00: Quartetos de Beethoven; 23.35: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); 16.10: Casos ao acaso; 17.10: Orlando Dias Agudo (repetição); 17.10: Prevenção e saúde, pelo dr. Sousa Pereira (repetição); 18.00: Contacto; 18.20: Títulos de 1.ª página; 18.30: Actualidade; 18.45: Fórmula 1; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 20.15: Antologia; 20.30: Pesquisa; 20.50: Diálogo; 21.00: A música e as vozes; 21.30: Quando o telefone toca; 23.03: Nocturno; 23.06: Mensagens bíblicas; 24.00: Nocturno (continuação); 00.15: Dia a dia com o passado; 02.00: Fecho.

3.º Programa Local (187.5 m)

18.00: Entardecer; 18.15: Sal e pimenta (repetição); 19.30: Romance de uma cidade (repetição); 20.15: Aparente biografia; 21.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; 18.08: Apelos; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.53: Apelos; 21.05: Pentagrama; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.05: Última hora; 23.30: Dicionário político; 23.55: Meditação; 01.00: Rotação; 02.00: Encerramento da estação.



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185. 1.º 2.º
TELEF. 654312/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍGDA TELEF. 17363
LISBOA PORTUGAL

Segundo Rocha Vieira

Conselhos de Disciplina não são tribunais

«Esses militares, que cometeram actos concretos, provados e é por isso que o processo se passa desta maneira, têm que ser de facto punidos», afirmou o general Rocha Vieira ontem à tarde, à entrada para o Conselho da Revolução, a propósito da suspensão de trinta e dois oficiais que ontem anunciámos.

Depois de considerar que os «erros provados» dos militares suspensos «de certa forma inviabilizam que o ideal do 25 de Abril fosse em toda a sua plenitude cumprido», e que esses militares «atençaram não só contra a instituição militar, mas também contra os direitos, quando se pretende que o homem seja entendido em toda a sua dimensão», Rocha Vieira especificou quais as funções do Conselho Superior de Disciplina. Nas palavras do chefe do Estado-Maior do Exército, o C. S. D. existe para «ao mais alto nível, aconselhar o chefe do Estado-Maior do Exército no exercício da função de comando». Afirmou ainda o general Rocha Vieira: «O C. S. D. é um meio de aconselhar o chefe do Estado-Maior em motivos disciplinares graves e um meio também de acautelar que os direitos dos oficiais também se exerçam. Esse processo rodeia-se das máximas cautelas, de maneira que não se cometam injustiças. O Conselho Superior de Disciplina não é um tribunal. É um órgão de Conselhos».

Entretanto e segundo um «telex» divulgado pela agência ANOP, o advogado de um dos oficiais suspensos afirmou sobre o envio ao C. S. D. dos processos: «Os poderes constituídos não conseguem arranjar matéria para incriminar judicialmente os militares, nem, tão pouco, para dar consistência à tese de que o 25 de Novembro teria sido um golpe de esquerda, optando por isso pelo caminho das sanções disciplinares, na base do R. D. M. fascista».

Segundo o mesmo advogado o não envio dos militares suspensos a tribunal diminui as suas possibilidades de defesa.

Recorde-se que os militares enviados ao C. S. D. não têm direito a advogado, mas tão-só a defensor oficioso, que terá de ser um militar.

Parece ter surpreendido os meios militares e judiciais o facto do C. E. M. E. se referir a «erros provados», antecipando-se até à apreciação dos factos pelo C. S. D.

CE ME EM MAFRA E BEJA

Realiza-se na Escola Prática de Infantaria em Mafra — e não no Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha, como anteriormente fora anunciado — encontro que o chefe do Estado-Maior do Exército, general Rocha Vieira, vai ter amanhã com os comandantes das diversas unidades da Região Militar de Lisboa.

Este encontro é de manhã, e nele participa o general Vasco Lourenço, como comandante da R. M. L.

Entretanto, de tarde, Rocha Vieira terá uma reunião idêntica com os comandantes das unidades da Região Militar do Sul. Esta será no Regimento de Infantaria de Beja, em Beja, e terá naturalmente a participação do brigadeiro Artur Beirão, comandante da R. M. S.

Tanto a reunião de Mafra, de manhã, como a de Beja, à tarde, estão na sequência das reuniões que nos últimos dias o general Rocha Vieira realizou nas Regiões Militares do Centro e do Norte, e situam-se «no âmbito das actividades do Estado-Maior do Exército com o objectivo de mútuo esclarecimento», segundo a ANOP.

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

O Conselho da Revolução esteve ontem reunido no Palácio de Belém, presidido pelo general Ramalho Eanes. Não foi difundido nenhum comunicado final e, segundo o porta-voz, capitão Sousa e Castro, na reunião só se trataram assuntos de natureza exclusivamente militar.

Soares e Medeiros este mês em Oslo

Oslo, Washington e Estocolmo contam-se entre as «metas» das próximas «etapas» estrangeiras do actual Governo; a primeira a cumprir ainda este mês, as segundas marcadas para Abril.

A visita à Noruega, que envolve o primeiro-ministro Mário Soares e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Medei-

ros Ferreira, terá lugar entre 27 e 29 do corrente mês, inserindo-se, segundo fontes oficiais, «na diversificação das relações externas de Portugal, as quais não se limitam aos países da C.E.E.».

A deslocação a Washington, ainda sem datas estabelecidas, decorrerá em Abril e destina-se à realização de conversações com o presidente Jimmy Carter sobre o anúncio do projecto internacional de auxílio financeiro a Portugal. Na ocasião, Soares receberá na O.N.U. o «prémio dos direitos do homem».

Igualmente para Abril está também prevista uma deslocação à Suécia, mas desta feita apenas do ministro Medeiros Ferreira.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM FEVEREIRO: 46.233

"COBRA 77" COMEÇA NO ZAIRE?

E.U.A., França e Bélgica mandam armas para Mobutu

A França está a estudar um pedido de auxílio militar do Zaire para combater o que declara ser uma invasão de forças idas de Angola e chefiadas por estrangeiros — revelaram fontes oficiais.

Recorde-se que a França já vendeu ao Zaire dezasseis caças-bombardeiros «Mirage V», dos quais se pensa terem já sido expedidos cerca de meia dúzia. As forças zairenses estão também equipadas com helicópteros e veículos blindados franceses.

Entretanto, o secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, anunciou hoje que a ponte aérea desta semana para o Zaire incluirá equipamento militar no valor de dois milhões de dólares.

Segundo Vance, o primeiro carregamento seguiu ontem a bordo de um «DC-8» que desloca de Dover, Delaware, e o segundo «previsto para o fim da semana» incluirá peças sobressalentes para aviões de transporte «C-130», rádios, baterias, pára-quedas, equipamentos médicos e rações.

Falando à Comissão de Relações Internacionais da Câmara dos Representantes, o secretário norte-americano informou que um grupo de «gendarmes catangueses» penetrou em território do Zaire, vindo de Angola, e opera presentemente nas proximidades das minas de cobre do Zaire.

«Se algo acontecer às minas de cobre, a República do Zaire sofrerá um duro golpe» —

prosseguir.

Também dois aviões de transporte «C-130», das Forças Aéreas belgas, partiram ontem de Bruxelas para Kinshasa, carregados de armas ligeiras — anunciou esta manhã um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Este fornecimento foi feito em resposta ao pedido formulado, na passada sexta-feira, pelo Governo do Zaire para que fossem aceleradas as entregas das encomendas comerciais de armas, feitas pelo Zaire à Bélgica.

Convém aqui precisar que, quando da ratificação do Tratado de Amizade e Cooperação soviético-angolano, Gromyko lembrou, no discurso que pronunciou no Kremlin, que «o imperialismo tudo faria para complicar a sua situação de jovem nação independente e progressista». Efectivamente, já funcionários americanos, e outros dirigentes ocidentais, levantaram uma suspeita que, de momento, não mereceu grande confiança a Cyrus Vance, sucessor de Henry Kissinger: a existência de cubanos entre os catangueses que presentemente afectam o Zaire. Por sua vez, Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola, numa declaração oficial, disse este desaire com os catangueses «talvez se insira na Operação Cobra 77», manobra que tem por objectivo a não concretização do «socialismo em Angola».

Comutada pena de morte a Rafael Barbosa

O Conselho de Estado da Guiné-Bissau, na sua primeira reunião posterior à reeleição pela Assembleia Nacional Popular, decidiu comutar a pena de morte aplicada a Rafael Barbosa pelo Tribunal de Guerra, e transformá-la em 10 anos de prisão.

Rafael Barbosa fora condenado sob acusação de ter denunciado militantes do PAIGC à P.I.D.E., durante a luta armada, e de ter proferido dois discursos, durante o consulado de Spínola na Guiné, condenando a luta de libertação e fazendo acusações gravíssimas aos guerrilheiros. Na altura da sua prisão desempenhava funções de responsabilidade dentro do partido sendo o principal dirigente clandestino na região «O», a região de Bissau.

A decisão do Conselho de Estado, a que preside Luís Cabral, foi tomada na terça-feira e só hoje deverá ser publicada em Bissau. Desconhece-se se Rafael Barbosa cumprirá o resto da pena nas circunstâncias em que esteve até agora, desde a entrada da direcção do partido em Bissau: com residência fixa em Bolama.

Também na sua primeira

reunião o Conselho de Estado da Guiné-Bissau procedeu à formação do novo Governo (Conselho dos Comissários de Estado), tendo demitido e substituído três ministros, dissolvido um Ministério e integrado no comissariado principal.

Foram demitidos os ministros Manuel Saturnino (comissário dos antigos combatentes), Alexandre Nunes Correia (comissário da Juventude e Desportos) e Otto Schacht (comissário dos Transportes e Comunicações). Manuel Saturnino e Alexandre Nunes Correia vão ser nomeados embaixadores, muito provavelmente, para Cuba e Argélia, respectivamente.

Com esta remodelação governamental desapareceram os ministérios da Juventude e Desportos (dissolvido nas federações desportivas e na Educação) e da Administração Interna, integrado no Comissariado Principal, Rui Barreto substituiu Otto Schacht nos Transportes. O novo ministro dos Antigos Combatentes é Paulo Correia, até há pouco responsável do Comité de Estado da Região de Bissau.



Centenas de trabalhadores dos C. T. T. protestaram ao fim da manhã na Rua de S. José, junto da administração dos Correios e Telecomunicações, contra a abertura dos correios aos sábados e as sanções disciplinares (três dias de multa) aos trabalhadores que não compareceram ao serviço. «Imediata suspensão das sanções», e outras palavras de ordem ouvidas durante a concentração: «Contrato para fora já», «Abaixo a repressão da CA sobre os trabalhadores», «Defendamos os nossos interesses» e «Ninguém trabalha ao sábado».

3 tomes

PLANO INCLINADO

Dizem-nos que se estuda, nos próximos tempos, para as bandas do Lumiar, a admissão de um elevado número de elementos para o sector da Informação (há quem fale em meia centena...). Consta também que estas admissões passariam pelo «saneamento» de um igualmente elevado número de profissionais (há quem fale em 21...).

Não nos parece que tal plano tenha inclinação suficiente... para arrastar a actual comissão administrativa.

NÃO PRESTA?

«A política que se vai seguir no plano económico é, nas suas linhas gerais, a que sempre preconizámos».

A afirmação é do pasquim «A Rua», no seu último número, e vem precedida do título «Mário Soares não presta».

Em que ficamos? Então «a política» não é, «nas suas linhas gerais», a mesma? Quem é que afinal «não presta?»

A SUBIDA

A mesma «Rua» anuncia: «O escudo sobe em Moscovo». Se alguém alguma vez duvidou da capacidade dos especialistas em finanças do órgão neofascista fica ora convencido.

Só não se sabe bem para onde sobe. Talvez da rua para o primeiro andar...

C.T. da Transtejo solidária com povo de Alcochete

Os trabalhadores da Transtejo tomaram posição sobre a questão da supressão das carreiras Alcochete-Lisboa. Num comunicado divulgado ao fim da manhã, a C.T. da Transtejo considera que o povo de Alcochete tem razão quando pretende a melhoria das suas condições de vida, ou «pelomenos

a manutenção das actuais condições» e repudia a decisão da empresa, alegando que os motivos de ordem deficitária evocados não são justificativos, uma vez que outras carreiras da mesma companhia fluvial causam ainda maiores prejuízos e não foram suprimidas.

Governantes vão verificar percurso Lisboa-Porto

PORTO, 17 — Para estudo e contacto directo com as condições de tráfego na Estrada Nacional n.º 1, nosso principal eixo de tráfego, saem amanhã de Lisboa, às 8 horas, a caminho do Porto, alguns membros do Governo, no cumprimento do programa de visitas da Campanha de Segurança Rodoviária.

No sábado de manhã, haverá uma sessão pública na Câmara do Porto, devendo o regresso à capital ser feito no domingo, pela estrada 109, para estudo

da circulação no eixo litoral até Lisboa.

A deslocação engloba os ministros dos Transportes e da Administração Interna, secretários de Estado dos Transportes e das Obras Públicas e subsecretário da Administração Interna.

As atenções incidirão sobre zonas de acumulação de acidentes e de estrangulamentos de tráfego, estado dos pavimentos, sinalizações, etc., naqueles dois importantes eixos de comunicação.



CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º Prémio —	49 640 —	3600 contos
2.º Prémio —	24 210 —	1200 contos
3.º Prémio —	34 224 —	600 contos

Consulte a lista oficial e habilite-se para a próxima extracção nos balcões de CASA DA SORTE em LISBOA · PORTO · COIMBRA · BRAGA

BREVEMENTE

ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DO FASCISMO

MARIA ANTONIETTA MACCIOCCHI

LIVRARIA BERTRAND